

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS  
Programa de Pós-Graduação em Letras

Ludmila Reis Pinheiro

**A CONCORDÂNCIA NOMINAL NO PORTUGUÊS DE BELO HORIZONTE**

Belo Horizonte  
2012

Ludmila Reis Pinheiro

**A CONCORDÂNCIA NOMINAL NO PORTUGUÊS DE BELO HORIZONTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Dr. Marco Antônio de Oliveira

Belo Horizonte  
2012

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

P654c Pinheiro, Ludmila Reis  
A concordância nominal no português de Belo Horizonte / Ludmila Reis  
Pinheiro. Belo Horizonte, 2012.  
165f.: il.

Orientador: Marco Antônio de Oliveira  
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.  
Programa de Pós-Graduação em Letras.

1. Língua portuguesa - Concordância. 2. Linguística – Belo Horizonte (MG).  
3. Sociolinguística. I. Oliveira, Marco Antônio de. II. Pontifícia Universidade  
Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 806.90-5

Ludmila Reis Pinheiro

## **A CONCORDÂNCIA NOMINAL NO PORTUGUÊS DE BELO HORIZONTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

---

Marco Antônio de Oliveira (Orientador) - PUC Minas

---

Eunice Maria das Dores Nicolau - UFMG

---

João Henrique Rettore Totaro - PUC Minas

*Aos meus pais Olivia e Fernando, à minha irmã  
Fernanda e, ao meu namorado Esaú. Por vocês e  
para vocês!*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus!

Primeiramente, agradeço ao professor Marco Antônio de Oliveira, por ter me escolhido e me acompanhado, desde os tempos da graduação em Letras. Verdadeiro pai e mestre!

Agradeço aos meus pais, pessoas maravilhosas e quem tanto amo acima de tudo e de todos. Obrigada pelo amor e incentivo de sempre, e por me mostrarem que a luta é grande, mas nunca maior que minha coragem e determinação. Destino a esses meu maior agradecimento. À minha irmã, Fernanda, pela amizade sincera e companheirismo, e por aturar minhas desventuras em série. Em seguida, agradeço à vovó Julia e à madrinha Tia Maria, por participarem assiduamente de minhas atividades, me ajudando em todos os momentos. Verdadeiros exemplos de sabedoria e amor. Minha eterna gratidão e dívida a elas. À vovó Lila, que mesmo longe, estava sempre presente. Amo-te, vó!

Agradeço à PUC Minas por ter me acolhido tão bem, desde a graduação em Letras. À instituição meu eterno agradecimento. À CAPES e ao PROSUP pela concessão da bolsa de pesquisa no programa de Pós-Graduação. Agradeço aos meus informantes, por me receberem e me concederem as entrevistas. E, também, a Beatriz pelo auxílio nas traduções.

À família Colen por terem me recebido com tanto carinho e amor, meu profundo agradecimento.

Agradeço aos meus familiares-amigos e amigos-familiares por me fazerem entender a pessoa amada que sou. Agradeço, em especial, ao Pablo, ao Ítalo (Tico) e a Camilinha Patrícia, pela amizade e ajuda de sempre, sem as quais eu não teria findado mais uma etapa.

Por fim, agradeço ao meu amor, Esaú, mestre da vida, pelo apoio incondicional, por cuidar de mim, estando sempre ao meu lado em todos os momentos. Eu te amo muito!

*“Gosto de sentir a minha língua roçar a língua de  
Luís de Camões  
Gosto de ser e de estar  
E quero me dedicar a criar confusões de prosódia  
E uma profusão de paródias  
Que encurtem dores  
E furem cores como camaleões  
Gosto do Pessoa na pessoa  
Da rosa no Rosa  
E sei que a poesia está para a prosa  
Assim como o amor está para a amizade  
E quem há de negar que esta lhe é superior?  
E deixe os Portugais morrerem à míngua  
"Minha pátria é minha língua"  
Fala Mangureira! Fala!  
Flor do Lácio Sambódromo Lusamérica latim em pó  
O que quer  
O que pode esta língua?”*

Caetano Veloso

## RESUMO

O presente trabalho tem como objeto descrever e analisar o fenômeno variável da concordância nominal de número, na comunidade de fala da cidade de Belo Horizonte -MG, sob a luz da teoria da Variação Linguística ou Sociolinguística Variacionista. Para este fim, foram coletadas 33 entrevistas espontâneas com falantes residentes da capital mineira. Obtivemos um total de 4.180 dados, os quais foram analisados de acordo com os fatores linguísticos (saliência fônica, paralelismo formal, classe gramatical, posição linear, relação com o núcleo, contexto fonético seguinte, traço do segmento seguinte) e os fatores sociais (estilo de fala, classe social, faixa etária, sexo, regional da cidade, escolaridade). Os dados extraídos foram submetidos a uma análise quantitativa utilizando o programa *Varbrul 2001* e em seguida, foi realizada a análise qualitativa. Os resultados obtidos irão nos mostrar a predominância ou não da forma de cancelamento de marcas nos elementos do sintagma nominal de número, na fala de moradores da cidade de Belo Horizonte. Os resultados desta pesquisa podem contribuir para futuros estudos relacionados à área da sociolinguística e da variação dialetal, uma vez que o fenômeno da concordância nominal de número ainda não foi analisado nesta cidade.

Palavras Chaves: Concordância nominal de número. Variação linguística. Variáveis linguísticas e sociais.

## **ABSTRACT**

This study aims to describe and analyze the aspects of nominal concordance in the speech community of Belo Horizonte – MG. This study was based on the variation theory or variacionist sociolinguistic. The data collection was done through 33 spontaneous interviews with speakers that live in the capital of Minas Gerais. A total of 4.181 data were analyzed according to linguistic factors (phonic salience, formal parallelism, grammatical class, linear position, following context, following phonetic segment) and social factors such as: speech style, social class, age, gender, regional and scholarity. First the extracted data were analyzed using qualitative analysis, then, a quantitative analysis was carried out using the program *2001 Varbrul*. The research findings revealed the predominance of no cancellation marks in the speech of Belo Horizonte residents. The results of this research can contribute to futures studies related to the field of sociolinguistics and dialectal variation, since the phenomenon of nominal concordance has not been analyzed in this city.

Keywords: Concordance nominal. Linguistic variation. Linguistic and social variables.

## LISTA DE GRÁFICOS

|                                                                                                           |     |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| GRÁFICO 1 - Crescimento demográfico - Belo Horizonte - 1960 a 2010.....                                   | 35  |
| GRÁFICO 2 - População/Origem - Belo Horizonte – 1970.....                                                 | 35  |
| GRÁFICO 3 - Evolução da População Metropolitana - Belo Horizonte - 1940/2000.....                         | 36  |
| GRÁFICO 4 - População/Origem - São Paulo – 1970.....                                                      | 37  |
| GRÁFICO 5 - População/Origem - Belo Horizonte/São Paulo – 1970.....                                       | 37  |
| GRÁFICO 6 - População/Sexo - Belo Horizonte – 2010.....                                                   | 38  |
| GRÁFICO 7 - População/Faixa etária - Belo Horizonte – 2010.....                                           | 39  |
| GRÁFICO 8 - Menores taxas de analfabetismo/Municípios - População de 15 anos ou mais - Brasil - 2000..... | 40  |
| GRÁFICO 9 - Taxa de analfabetismos/faixa etária - Belo Horizonte – 2010.....                              | 41  |
| GRÁFICO 10 - Fatores amalgamados/Posição Linear .....                                                     | 130 |
| GRÁFICO 11 - Determinante, Núcleo e Adjetivos .....                                                       | 135 |
| GRÁFICO 12 - Marcas totais e quebra de marcas/Paralelismo Formal.....                                     | 143 |
| GRÁFICO 13 - Formas + Salientes e – salientes.....                                                        | 150 |

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                       |     |
|---------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| FIGURA 1 - Foto aérea da localização da cidade de Belo Horizonte – 2012.....          | 32  |
| FIGURA 2 - Mapa da distribuição dos bairros por regionais administrativas – 2011..... | 42  |
| FIGURA 3 - Características da modalidade fala.....                                    | 61  |
| FIGURA 4 - Características da modalidade escrita.....                                 | 61  |
| FIGURA 5 - Terminações em vogais e ditongos.....                                      | 69  |
| FIGURA 6 – Terminação em –m.....                                                      | 69  |
| FIGURA 7 – Terminação em –n.....                                                      | 69  |
| FIGURA 8 - Terminações em –ão em -ões.....                                            | 70  |
| FIGURA 9 - Terminação –ão em –ães.....                                                | 70  |
| FIGURA 10 – Formações mais comuns em –ões .....                                       | 71  |
| FIGURA 11 - Apenas acréscimo de –s .....                                              | 71  |
| FIGURA 12 – Plural Metafônico.....                                                    | 72  |
| FIGURA 13 - Terminações em –r.....                                                    | 72  |
| FIGURA 14 - Terminações em –s .....                                                   | 72  |
| FIGURA 15 - Terminações em –l.....                                                    | 73  |
| FIGURA 16 - Substantivos só empregados no plural.....                                 | 73  |
| FIGURA 17 - Plural nos adjetivos simples.....                                         | 73  |
| FIGURA 18 - Plural nos adjetivos compostos.....                                       | 74  |
| FIGURA 19 - Dados da planilha Microsoft Excel.....                                    | 89  |
| FIGURA 20 - Análise de elementos do SN/Forma padrão.....                              | 106 |
| FIGURA 21 - Análise de elementos do SN/Forma não padrão.....                          | 106 |

## LISTA DE QUADROS

|                                            |     |
|--------------------------------------------|-----|
| QUADRO 1 - Classe Média Alta.....          | 55  |
| QUADRO 2 - Classe Média Média.....         | 56  |
| QUADRO 3 - Classe Média Baixa.....         | 57  |
| QUADRO 4 - Classe Baixa .....              | 57  |
| QUADRO 5 - Faixa Etária.....               | 82  |
| QUADRO 6 - Sexo.....                       | 82  |
| QUADRO 7 - Classe Social.....              | 82  |
| QUADRO 8 - Regionais.....                  | 82  |
| QUADRO 9 - Escolaridade.....               | 83  |
| QUADRO 10 - Exemplo de Posição Linear..... | 102 |

## LISTA DE TABELAS

|                                                                                  |     |
|----------------------------------------------------------------------------------|-----|
| TABELA 1 - Influência da Escolaridade no cancelamento de marcas.....             | 127 |
| TABELA 2 - Presença de marcas pela Escolaridade – RJ, TUB e SOB.....             | 127 |
| TABELA 3 - Ausência/Presença de marcas - Escolaridade – BH, RJ, TUB e SOB.....   | 128 |
| TABELA 4 – Influência da Posição Linear no cancelamento demarcas.....            | 129 |
| TABELA 5 – Influência da Classe no cancelamento de marcas.....                   | 131 |
| TABELA 6 – Influência da Classe na presença de marcas – TUB/SOB (2003).....      | 132 |
| TABELA 7 – Fatores amalgamados/Classe Gramatical.....                            | 134 |
| TABELA 8 – Amálgama entre Classe e Posição .....                                 | 136 |
| TABELA 9 – Influência do Paralelismo no cancelamento de marcas.....              | 138 |
| TABELA 10 – Influência do Paralelismo na presença de marcas/ Andrade (2003)..... | 140 |
| TABELA 11 – Fatores amalgamados/Paralelismo Formal.....                          | 142 |
| TABELA 12 – Influência da Saliência Fônica no cancelamento de marcas.....        | 144 |
| TABELA 13 – Saliência Fônica/Presença de marcas –RJ(1988), TUB/SOB(2003).....    | 146 |
| TABELA 14 – Fatores amalgamados/Saliência Fônica.....                            | 149 |

## SUMÁRIO

|                                                                |           |
|----------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>                                      | <b>27</b> |
| <b>2 COMUNIDADE DE FALA.....</b>                               | <b>32</b> |
| 2.1 Contexto geo-histórico da população.....                   | 32        |
| 2.2 Regionais Administrativas .....                            | 41        |
| 2.2.1 <i>Regional Barreiro</i> .....                           | 42        |
| 2.2.2 <i>Regional Centro – Sul</i> .....                       | 43        |
| 2.2.3 <i>Regional Leste</i> .....                              | 43        |
| 2.2.4 <i>Regional Nordeste</i> .....                           | 44        |
| 2.2.5 <i>Regional Noroeste</i> .....                           | 45        |
| 2.2.6 <i>Regional Norte</i> .....                              | 46        |
| 2.2.7 <i>Regional Oeste</i> .....                              | 46        |
| 2.2.8 <i>Regional Pampulha</i> .....                           | 47        |
| 2.2.9 <i>Regional Venda Nova</i> .....                         | 48        |
| 2.3 Contexto Social.....                                       | 49        |
| <b>3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....</b>                            | <b>59</b> |
| 3.1 Variação e Mudança Linguística.....                        | 62        |
| 3.2 O Português Brasileiro: aspectos históricos.....           | 64        |
| <b>4 VARIÁVEL DEPENDENTE.....</b>                              | <b>68</b> |
| 4.1 Regra da concordância nominal no PB.....                   | 68        |
| 4.2 Funcionamento da concordância nominal de número no PB..... | 74        |
| 4.3 Forma redundante e lei do menor esforço.....               | 76        |
| 4.4 Estudos sobre a concordância nominal de número no PB.....  | 78        |
| <b>5 METODOLOGIA.....</b>                                      | <b>81</b> |
| 5.1 Coleta de dados.....                                       | 81        |
| 5.2 Entrevista e redes sociais.....                            | 83        |
| 5.3 Levantamento e tratamento dos dados.....                   | 86        |
| 5.4 Análise quantitativa.....                                  | 88        |
| 5.5 Análise qualitativa.....                                   | 91        |
| <b>6 AS VARIÁVEIS INDEPENDENTES .....</b>                      | <b>94</b> |
| 6.1 Variáveis Linguísticas.....                                | 94        |
| 6.1.1 <i>Saliência Fônica</i> .....                            | 94        |
| 6.1.2 <i>Paralelismo Formal</i> .....                          | 97        |
| 6.1.3 <i>Classe Gramatical</i> .....                           | 99        |
| 6.1.4 <i>Posição Linear</i> .....                              | 102       |
| 6.1.5 <i>Relação com o Núcleo do SN</i> .....                  | 103       |
| 6.1.6 <i>Contexto Fonético Seguinte</i> .....                  | 105       |
| 6.1.7 <i>Segmento do Contexto Seguinte</i> .....               | 108       |
| 6.2 Variáveis Extralinguísticas.....                           | 109       |
| 6.2.1 <i>Classe Social</i> .....                               | 110       |
| 6.2.2 <i>Faixa Etária</i> .....                                | 113       |
| 6.2.3 <i>Escolaridade</i> .....                                | 116       |
| 6.2.4 <i>Estilo de Fala</i> .....                              | 117       |

|                                 |            |
|---------------------------------|------------|
| 6.2.5 Regionais da Cidade.....  | 120        |
| 6.2.6 Sexo/gênero.....          | 122        |
| <b>7 ANÁLISE DOS DADOS.....</b> | <b>125</b> |
| 7.1 Escolaridade.....           | 126        |
| 7.2 Posição Linear.....         | 128        |
| 7.3 Classe Gramatical .....     | 130        |
| 7.4 Amálgama de Dados .....     | 135        |
| 7.5 Paralelismo Formal.....     | 138        |
| 7.6 Saliência Fônica.....       | 143        |
| <b>8 CONCLUSÕES.....</b>        | <b>151</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>         | <b>158</b> |



## 1 INTRODUÇÃO

“*Nós foi, nós vai!*”. “*As menina bonita!*”. “*Nós é quatro irmão...*”. Por que ainda tratar essas formas tão usuais de concordância verbal e nominal, no português falado no Brasil, com tanta indiferença e de forma negativa e jocosa? O tema da variação é muito intrigante e polêmico e, a cada dia, vemos a necessidade de explorá-lo mais.

Assim, o presente trabalho parte da reafirmação de que a variação linguística é uma característica inerente às línguas humanas. Tal realidade é fato inegável. O Brasil é um país que se constituiu a partir de uma gama de variedades linguísticas. Isso pode ser visto quando, por exemplo, temos a oportunidade de conhecer outras regiões de nosso país e conviver de perto com esse mosaico da língua.

Ao refletir sobre a composição social do Brasil, tal tema se mostra fascinante. Nossos povos são negros, brancos, índios, mestiços, amarelos; há uma miscigenação de raças. Podemos dizer que somos um povo vencedor, apenas pelo êxito de nos consolidar enquanto nação, uma vez que há muitas gentes de uma gente só, o que torna essa unificação em nossa sociedade algo ainda mais complexo.

A composição linguística, portanto, também se fez em termos de multiplicidade de línguas, união de raças. Ao longo dos 500 anos de história, tivemos a existência de centenas de línguas indígenas, dezenas de línguas faladas por imigrantes e também as línguas faladas por africanos. Assim, “*a história de implantação do português no Brasil foi uma história de multilinguismo*”. (ILARI; BASSO, 2006, p. 60).

Quando nós falantes nos defrontamos com os dialetos do português, muitas vezes nos perguntamos por que, apesar de falarmos diferentemente de outras regiões, ainda conseguimos ser compreendidos? Isso pode ser explicado pelo fato de os cidadãos brasileiros terem a mesma estrutura de língua materna, que foi construída por meio de inúmeros dialetos.

Pensemos em uma criança nascida no Brasil. Esta, naturalmente, produzirá uma frase do tipo: 1) *Mãe!!! Os menino correram para fora da casa*. Porém, essa mesma criança não diz algo como: 2) *Mãe!!! casa da meninos os correram fora para*. Isso pode ser explicado pelo fato de que nas línguas existem regras categóricas, as quais os falantes não violam; e existem as regras variáveis, que são as possíveis formas linguísticas diferentes, as quais estão disponíveis para a opção dos falantes.

Ora, na primeira frase, vemos uma forma diferente de se dizer o sintagma “os meninos”, com ausência de marcas formais de plural. Entretanto, esta forma distinta não impede que classifiquemos essa oração como sendo uma estrutura do português. Isso ocorre

pelo fato de que a construção sintática pertence à estrutura de nossa língua portuguesa: sujeito – verbo – complemento. Já na segunda frase, não temos uma estrutura de nosso sistema linguístico, o que resulta em uma quebra da mesma.

Percebemos que o sistema linguístico, ao qual pertencemos enquanto falantes, sempre nos fornece as bases para a comunicação. Assim, o sistema linguístico opera com duas forças ao mesmo tempo, uma que atua para haver variação e outra que influencia para haver a unidade. As gramáticas funcionam como instrumentos mediadores entre língua e sociedade, e por meio delas, existe a unidade da língua:

A gramática é um destes objetos que, consciente ou inconscientemente, os intelectuais desta época produziram visando formar Brasileiros em uma sociedade em que o saber tivesse seu lugar. Com relação à língua não se trata somente de saber a língua que se fala, mas de construir um aparelho institucional (tecnologia científica e instruções) para que o Brasil saiba que ele sabe sua língua. (ORLANDI; GUIMARÃES, 2001, p. 24).

Esse instrumento mediador se apoia no sistema da escrita. Ele privilegia a escrita encontrada em textos literários antigos (língua mais complexa e mais formal), e não a que encontramos em jornais e revistas (língua mais simples e mais informal), que é uma língua corrente e cotidiana. Diante disso, a unidade linguística sofre influências sociais, fazendo com que ela seja tratada como um marcador socioeconômico ou delimitador de classe social.

O que vemos acontecer são os segmentos sociais mais prestigiados, econômicos e socialmente, comandarem também o prestígio linguístico, tornando-se, assim, uma espécie de classe linguisticamente dominante. São essas pessoas que detêm o poder de toda a tecnologia da escrita, fazendo com que as regras das gramáticas tradicionais sejam fielmente seguidas. E com isso, as pessoas que não têm acesso ao aprendizado da metodologia da escrita (pessoas analfabetas), são tratadas como a classe dominada e estigmatizada.

No âmbito escolar, os alunos desconhecem a variedade linguística de seu país, porque ela não é ensinada. O aprendizado se realiza em torno das questões da técnica da escritura, deixando de lado as questões características da fala. Assim, o que vemos ser (re)dito nas escolas é que existem dois tipos de normas da língua co-ocorrendo no PB (português do Brasil): “correta” (cult) e a “incorreta” (popular). Lucchesi relata:

Desde o início da colonização até a Proclamação da República, enquanto uma reduzida elite concentrada nos incipientes centros urbanos guardava uma profunda fidelidade aos modelos de uso da língua provenientes de Portugal, nas imensidões do interior do Brasil, grandes contingentes de índios aculturados e negros africanos adquiriam a língua portuguesa em condições as mais precárias; e essa língua

segunda defectiva se ia convertendo em modelo para a nativização do português entre os descendentes mestiços e endógamos desses segmentos, desencadeando profundas alterações na gramática da língua portuguesa assim adquirida, socializada e nativizada. Constitui-se, assim, o processo histórico de formação das duas grandes normas do português brasileiro: a *norma culta*, derivada do uso linguístico de uma elite escolarizada, e a *norma popular*. (LUCCHESI, 2006, p. 87-88).

Tendo em vista essas duas normas, surge a questão do prestígio e estigma da língua. O que se percebe é que as formas linguísticas que não se encaixam na *norma culta* são consideradas expressões “incorretas”, sendo marginalizadas socialmente. Ao contrário, as formas que coadunam com a norma culta são as maneiras prestigiadas da língua, entendidas como “corretas” e positivas.

Em Roncarati (2008), temos um estudo sobre como são vistas essas duas formas de avaliação da língua. A autora acredita que o conceito de prestígio linguístico deve ser visto sob três enfoques: o sociológico, o linguístico e o sociolinguístico. O primeiro analisa o social da comunidade e diz que o indivíduo é classificado de acordo com sua estratificação, em seus aspectos de ocupação, do status econômico e poder. No segundo, o prestígio linguístico se mistura com fatores sociais e linguísticos, para qualificar o uso como prestigioso, padrão ou estigmatizado. O terceiro leva em conta o lugar do indivíduo em sua comunidade de fala, fazendo com que as variáveis linguísticas sejam estudadas no nível extralinguístico, ou seja, influenciadas por fatores sociais.

A autora também chama nossa atenção para as formas *conservadoras* e *inovadoras* da língua. Assim, vemos que, muitas vezes, as formas tidas como inovadoras são consideradas pertencentes à *norma popular* e, além disso, são essas que promovem as mudanças linguísticas. As conservadoras englobam a *norma culta*, são os padrões linguísticos considerados corretos e não tendem a mudar.

Logo, como já dissemos, essa maneira polarizada de tratamento da língua pode ser atribuída à avaliação linguística por parte dos falantes. Assim, por meio de juízos de valores, os membros de uma comunidade de fala avaliam as formas da língua:

Embora os julgamentos de valor não se apliquem, os padrões linguísticos estão sujeitos à avaliação social positiva e negativa e, nessa medida, podem determinar o tipo de inserção do falante na escala social (MOLLICA, 2010, p. 15).

Dessa forma, acreditamos que, se a questão da variabilidade fosse tratada de maneira mais natural e tomada como originária do sistema, esses aspectos de avaliação poderiam ser suavizados em prol de uma sociedade com mais equidade linguística e social, ou seja, com menos preconceito. Esse é um caso muito sério, merecedor de muitas pesquisas. Para que um

país de dimensões continentais respeite suas características multiculturais, é necessário que se anule o preconceito linguístico.

De acordo com Zilles (2008, p. 38) “*a variação e, mais especificamente, a escolha entre variantes está profundamente associada à construção das identidades sociais*”. Entretanto, podemos dizer que a escola não trabalha com essa associação e, com isso, desconstrói a identidade social do aluno, desestimulando-o, muitas vezes, a frequentar as aulas de português e outras mais.

A questão do preconceito linguístico é um pré-conceito que não deveria existir. Ora, uma vez que a variabilidade nas línguas é um fato inegável, por que haveria formas mais e/ou menos privilegiadas? Não há fundamento em dizer que algo é negativo pelo fato de ser diferente. Assim, a escola deveria trabalhar nesse sentido.

No ensino do PB, o ideal seria que os alunos aprendessem a usar todos os recursos da língua, uma vez que eles futuramente precisarão enfrentar situações como uma entrevista de emprego, reuniões com o chefe de sua ocupação profissional, apresentação de trabalhos acadêmicos, etc. Como sabemos, existem muitas situações de fala e, em cada contexto, exige-se um estilo linguístico diferente. Em Navarro, temos que:

A escola deve, inicialmente, planejar e desenvolver ações que priorizem a diversidade linguística. Isso, porém, não quer dizer que se deva ignorar ou desconsiderar o ensino da norma culta, pois ao longo da vida profissional e social do aluno ela será de grande valia e, em certos casos, até decisiva. A questão é levá-lo a enriquecer seu repertório linguístico de forma a instrumentalizá-lo para que se aproprie das formas de prestígio, socialmente aceitas, mas sem ignorar sua fala original ou discriminá-lo em virtude de seu modo de falar. Assim, estarão preparados para se relacionar e até enfrentar em condições de igualdade aqueles que dominam a norma padrão, mas sem deixarem de lado suas origens (NAVARRO, 2007, p. 14).

A sociedade necessita de novos métodos para o ensino. Portanto esse abismo social entre “*norma correta*” e “*norma errada*” deve desaparecer. Faz-se necessário, cada dia mais, que a língua, instrumento de comunicação, se fortaleça.

Um exemplo de preconceito linguístico visto não só nas escolas, mas em todas as camadas sociais, faixas etárias e sexos, diz respeito ao fenômeno descrito e analisado neste trabalho, a concordância nominal de número. As gramáticas estabeleceram que a forma correta da escrita, que pertence à norma culta da língua, deve apresentar marcas de plural em todos os elementos do SN (sintagma nominal). Entretanto, o que vemos acontecer na fala são duas formas:

- 3) Os meninos bonitos
- 4) Os meninoØ bonitoØ

Na frase 3) todos os elementos que compõem o SN foram marcados, já em 4) nem todos os elementos do SN foram marcados. Como foi dito, o SN ocorre de forma diferente na escrita e na fala. Esse fenômeno é um aspecto variável da língua e deveria ser tratado como tal. Scherre afirma que:

Há muito nossa sociedade, especialmente representada pela escola, busca eliminar definitivamente as estruturas sem concordância tanto da fala quanto da escrita, mas em vão (...) as escolas, muitas vezes, eliminam, pela punição com nota baixa, pela reprovação e pela eventual ou consequente evasão escolar, os alunos que não dominam formas de prestígio, entre as quais se destaca a concordância de número. A variação da concordância é parte inerente de nosso sistema linguístico (ou de qualquer outro país), mas a quantidade de variação, no Brasil, é marca de classe social (SCHERRE, 2005, p. 133).

Como diz Tarallo (2006), há um duelo entre as variantes de uma variável linguística, em nosso caso, a presença de /s/ e o cancelamento de /s/, (/s/ versus Ø). O que vai influenciar na vitória de uma ou outra são os fatores sociais e linguísticos. Isso implica dizer que não há uma forma única, mas sim, existem formas diferentes de se indicar a pluralidade, as quais o falante irá escolher como apropriadas naquele momento de uso.

Assim, o objetivo do trabalho foi o de analisar o fenômeno variável da concordância nominal de número. Para tanto, foi escolhida a cidade de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, como a comunidade de fala a ser contemplada. Para isso, identificamos os fatores linguísticos e extralinguísticos que podem influenciar, positiva ou negativamente, para a ocorrência do cancelamento de marcas no sintagma nominal.

Enfim, a dissertação foi dividida em 8 capítulos. No capítulo 2, traçamos um perfil sócio-histórico da cidade de Belo Horizonte, ou seja, do seu surgimento até os dias atuais. No 3º capítulo, colocamos os pressupostos teóricos que embasaram este estudo. O capítulo 4 é destinado à discussão da concordância nominal de número, a variável dependente que analisamos. No capítulo 5, tratamos da metodologia utilizada no trabalho. O capítulo 6 trata das variáveis independentes, linguísticas e sociais, que foram utilizadas na análise da concordância nominal de número. No capítulo 7, apresentamos a análise do tema. Por fim, o capítulo 8 traz as conclusões a que chegamos depois de descrever, analisar e interpretar os dados com base nas hipóteses que orientaram a pesquisa.

A seguir, entramos no capítulo 2, em que apresentamos a comunidade pesquisada, seus aspectos sociais, geográficos e históricos.

## 2 COMUNIDADE DE FALA

A comunidade de fala pesquisada foi a cidade de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais. Essa cidade é hoje considerada uma das maiores e mais importantes metrópoles do país, em termos políticos e econômicos.

**Figura 1 - Foto aérea da localização da cidade de Belo Horizonte – 2012**



Fonte: Criado pelo autor (2012).

A cidade recebeu, carinhosamente, algumas alcunhas, como Beagá, Belô e Cidade Jardim. Ela é famosa pelas suas belas montanhas, e trata-se de uma região de muitos recursos naturais, sendo um dos lugares mais arborizados do país, por isso, a alcunha de Cidade Jardim.

### 2.1 Contexto geo-histórico da população

Projetada pelo engenheiro Aarão Reis, entre 1894 e 1897, Belo Horizonte foi a primeira cidade brasileira moderna planejada. Sua arquitetura original inclui ruas perpendiculares entre si, cortadas por longas avenidas em diagonal, quarteirões com dimensões regulares e uma avenida em torno de seu perímetro, denominada de Avenida do Contorno. De acordo com Ribeiro:

Belo Horizonte foi inaugurada em 1897. Tem essa característica especial: é uma cidade que não surgiu de ocupação espontânea de um espaço por um grupo de pessoas. Foi projetada a existir de uma determinada maneira e ser construída segundo um traçado. (RIBEIRO, 2011, p. 14).

Já nos primeiros anos do regime republicano, já estava escolhido o local para a construção da futura *Cidade de Minas*, como era chamada a atual Belo Horizonte. As elites agrárias ligadas à cafeicultura disputavam suas ideias com as das elites do ciclo do ouro. As primeiras buscavam a mudança do local para a construção da capital mineira, pois as jazidas de Ouro Preto (a capital do estado na época) tinham se esgotado e sua topografia não apresentava mais nenhuma vantagem.

Com o êxito dos donos do café, o Curral Del Rey foi escolhido para abrigar o que seria a futura capital. Aarão Reis, ao projetar a cidade, fez com que o meio urbano estivesse ligado ao meio rural, por meio da Avenida do Contorno.

Semelhante a um tabuleiro de xadrez, a cidade foi dividida em três partes: a área central urbana, suburbana e rural. A área central urbana foi destinada para dar conta de estruturas como dos transportes, educação (escolas e faculdades), saneamento, assistência médica, comércios, dentre outros. O limite dessa área era a Avenida do Contorno (antes chamada *17 de Dezembro*). A área suburbana foi destinada a uma eventual ocupação posterior. A região rural era reservada para abrigar cinco colônias, as quais abasteceriam as outras regiões com produtos hortigranjeiros.

A expansão da cidade se deu de forma inesperada, extrapolando os limites do bulevar “da Contorno”. Entretanto, a nova capital sofreu muito em seu início, pois os impasses das disputas ideológicas e as forças políticas do estado fizeram com que, até o ano de 1922, o desenvolvimento da cidade fosse pouco significativo. Contudo, alguns fatos ajudaram a comunidade a crescer; por exemplo, no âmbito da saúde, como referência no tratamento da tuberculose, Belo Horizonte recebeu muitos doentes que buscavam cura e assim tivemos uma movimentação de pessoas para a cidade. Também na década de 20, no âmbito cultural, houve o consagrado surgimento de grandes figuras da cultura brasileiro-mineira, como Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava, Milton Campos e outros. Assim, nos aspectos da saúde e cultura, havia um grande desenvolvimento.

Os planos de Aarão Reis foram ideologicamente bem arquitetados. Porém, o engenheiro não contava com o grande crescimento populacional, que futuramente iria trazer muitos problemas para a infraestrutura, dando início ao problema da moradia e qualidade de

vida da população. Em 1930 a cidade contava com, mais ou menos, 120.000 habitantes; um número muito maior do que havia sido previsto nos planos para aquela época:

A partir das décadas de 1940 e 1950, o crescimento de Belo Horizonte teve um impulso cada vez maior, devido à expansão das indústrias. A área central da cidade continuava concentrando os principais serviços, como comércio e banco (RIBEIRO, 2011, p. 14).

No entanto, na década de 40, junto à desenfreada industrialização, Belo Horizonte melhoraria. Assim, no comando de Juscelino Kubitschek, foram realizadas muitas construções, como a do *Conjunto Arquitetônico da Pampulha*, criação do mestre Oscar Niemeyer. Juscelino também criou a CEMIG (Companhia Energética de Minas Gerais), responsável até hoje pela distribuição e manutenção de toda a rede elétrica do Estado. Já nos anos de 1950, a população da cidade cresceria de novo e, por isso, o então prefeito, Américo René Gianetti, elaborou o *Plano Diretor* para Belo Horizonte. Assim, no quesito moradia, a cidade se desenvolvia cada vez mais.

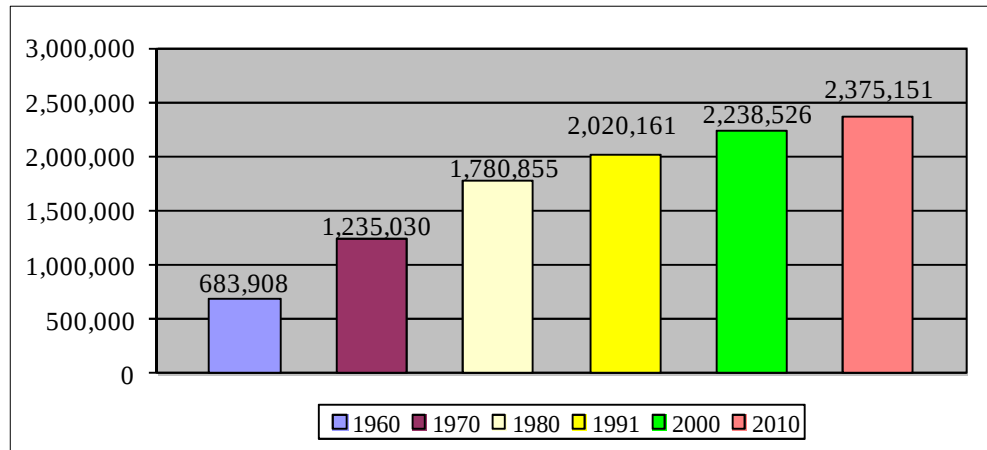
Na década de 60, muitas demolições foram feitas para dar lugar aos arranha-céus da cidade. A metrópole havia se consolidado. Nos anos 70, grandes empresas multinacionais se instalaram na cidade, inclusive a fábrica automotiva italiana FIAT, que se alojou em Betim (região próxima à capital). A década de 70 assiste a um grande aumento populacional, com mais de um milhão de pessoas:

Como ela já estava quase toda ocupada e não havia mais terrenos livres para a construção, teve início a expansão “para cima”. Surgiram os primeiros arranha-céus. Ônibus e automóveis tornaram-se os meios de transporte mais comuns (RIBEIRO, 2011, p. 12).

Belo Horizonte chegou, então, ao patamar de um dos mais importantes pólos industriais do país. Próximo ao perímetro urbano de Belo Horizonte, várias outras comunidades se desenvolveram, formando a conhecida região metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), que é formada por 34 municípios situados ao seu redor. Dentre os municípios integrantes estão cidades como, Caeté, Sabará, Santa Luzia, Ribeirão das Neves, Contagem, Ibirité, dentre outras. Em Belo Horizonte, existe muita demanda de empregos, além de comércios e escolas; assim, há um grande êxodo de habitantes das cidades vizinhas, diariamente, para trabalhar e estudar na capital.

Atualmente, a população de Belo Horizonte é de 2.375.151, de acordo com o Censo Demográfico do IBGE de 2010. Abaixo podemos ver um pouco dos números do crescimento demográfico da capital:

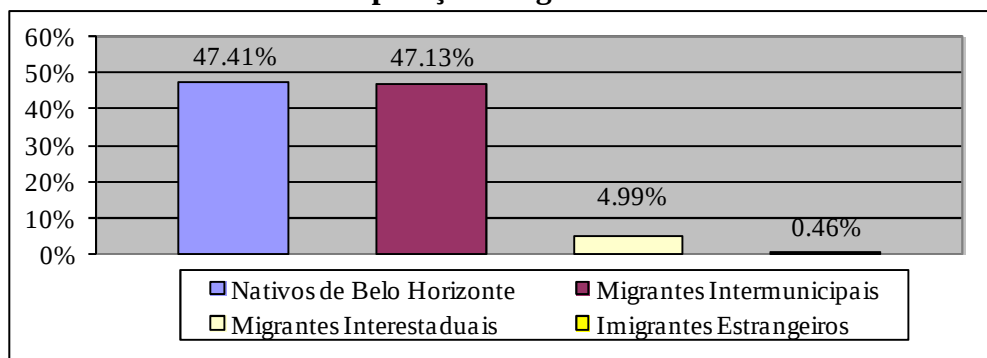
**Gráfico 1 - Crescimento demográfico - Belo Horizonte - 1960 a 2010**



Fonte: PREFEITURA DE BELO HORIZONTE (2010).

Como já foi dito, a população belo-horizontina tem origem mista, conferindo-lhe características peculiares, como exemplo a sua composição linguística, que marca seu estágio de desenvolvimento, com cerca de 115 anos de formação. Em sua composição social, temos alguns tipos de migração; tanto em termos de migração interna, dentro do estado de Minas Gerais, quanto em termos de migrantes oriundos de outros estados, e também, imigrantes de outros países, principalmente, Portugal e Itália. Isso pode ser visto no gráfico abaixo, adaptado de Oliveira (1983), no qual temos um panorama das origens populacionais da cidade na década de 70:

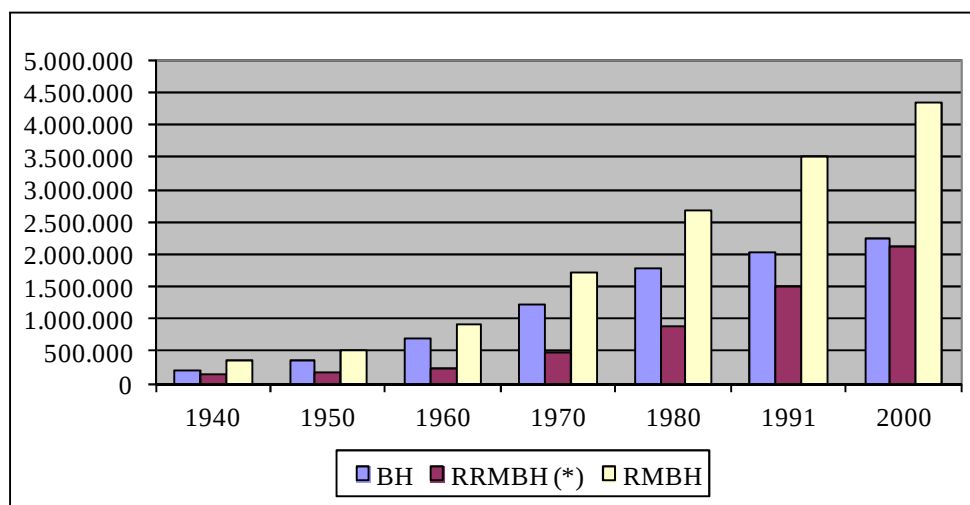
**Gráfico 2 - População/Origem - Belo Horizonte – 1970**



Fonte: Adaptado de OLIVEIRA (1983, p. 10).

Segundo Garcia e Lobo (2007), torna-se difícil identificar, por meio de bases informativas censitárias, a origem da população de Belo Horizonte e seus movimentos dentro de cada subespaço do município. Apesar disso, ainda segundo os autores, o saldo migratório intramunicipal nos permite vislumbrar as regiões que mais ganharam população em consequência desses movimentos internos. Podemos ver isso no gráfico adaptado dos estudos feitos pelos autores:

**Gráfico 3 - Evolução da População Metropolitana - Belo Horizonte - 1940/2000**



Fonte: Adaptado de BRITO E SOUZA (2005, p. 08).

\* Municípios metropolitanos menos Belo Horizonte

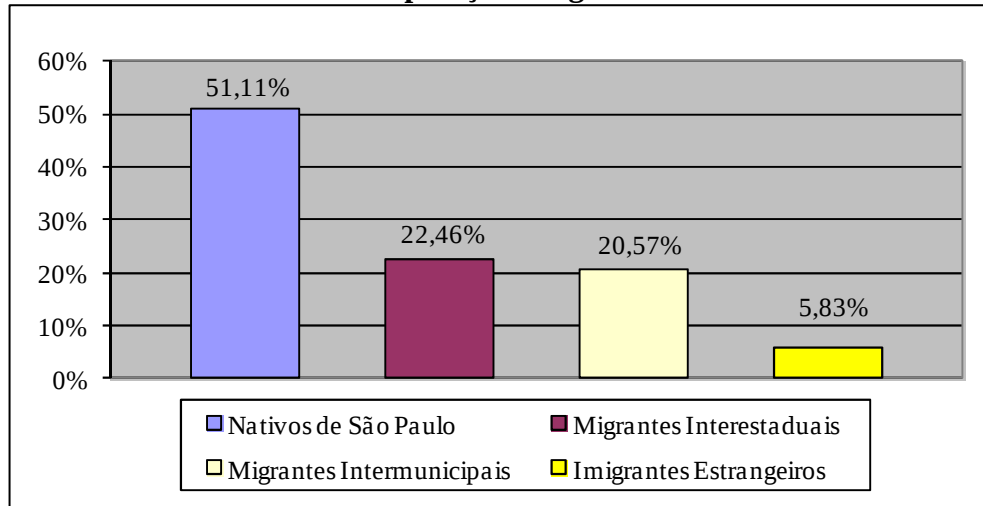
A análise do gráfico acima demonstra que, nas últimas décadas, o crescimento dos municípios componentes da RMBH, vem aumentando, chegando a quase se equiparar, no ano de 2000, ao crescimento de Belo Horizonte. De acordo com Brito e Souza (2005), esse fenômeno está ligado ao atual *saldo migratório negativo* de Belo Horizonte, seja pelo expressivo número de migrantes que se evadem para a periferia metropolitana, ou mesmo para demais municípios do interior de Minas Gerais. Lobo e Garcia afirmam:

Áreas com elevado saldo migratório (seja positivo ou negativo) podem indicar expressivos movimentos de chegada ou saída de população. No entanto, é importante destacar que saldos baixos ou mesmo nulos não representam baixo fluxo de pessoas, seja de imigrantes ou emigrantes. Em uma determinada área pode haver forte circulação da população residente, em que equivalem as entradas e saídas. (LOBO; GARCIA, 2007, p. 10).

Ainda em Oliveira (1983), temos uma amostra sobre as origens da população da cidade de São Paulo, em que os números para os migrantes são maiores que os de Belo Horizonte; em São Paulo os habitantes de origem nordestina têm um peso bem representativo,

diferenciando da composição populacional da cidade pesquisada. Vejamos o gráfico referente à São Paulo:

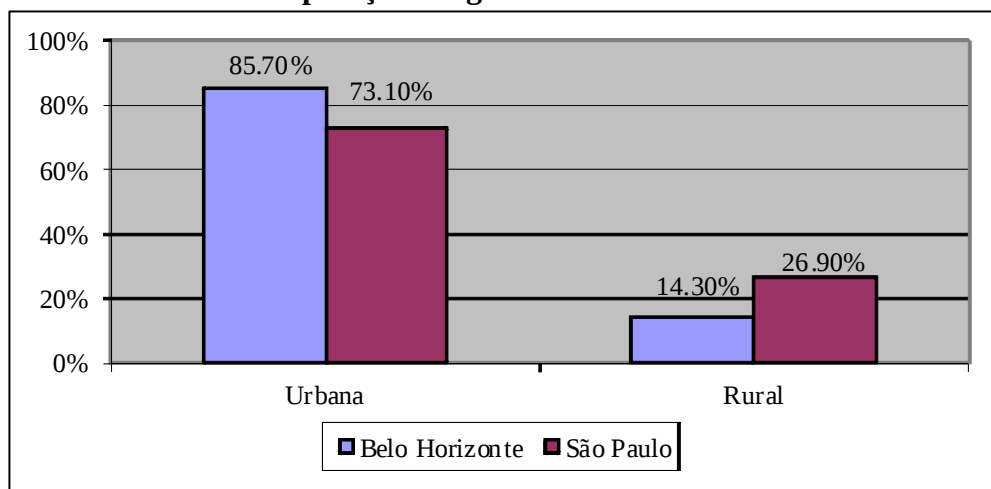
**Gráfico 4 - População/Origem - São Paulo – 1970**



Fonte: adaptado de OLIVEIRA (1983, p. 13).

Oliveira (1983), por fim, ao comparar as características de origens populacionais entre as duas cidades citadas, menciona as diferenças existentes entre os números das populações rurais que migraram para as capitais em questão, demonstrando que São Paulo tem muito mais moradores oriundos da área rural. Belo Horizonte, por sua vez, tem número relativamente pequeno de habitantes advindos do campo. Exemplifiquemos abaixo:

**Gráfico 5 - População/Origem - Belo Horizonte/São Paulo – 1970**



Fonte: adaptado de OLIVEIRA (1983, p. 14).

De acordo com Oliveira (1983), o estado de Minas Gerais possui vários dialetos, que sofreram influências de outros dialetos de regiões vizinhas, como, por exemplo: do Norte,

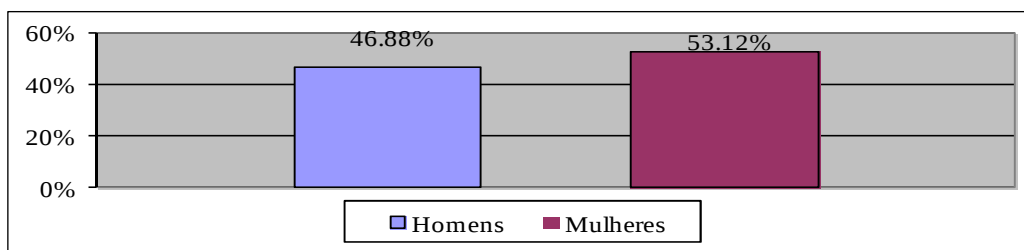
Noroeste, Sul e Oeste do estado mineiro; também do dialeto baiano (Bahia), dialeto carioca (Rio de Janeiro) e paulista (São Paulo), além das línguas faladas por imigrantes estrangeiros. Já no dialeto de Belo Horizonte, o autor ainda diz que, além de existir a característica da oposição rural x urbano, pode haver uma possível influência dos dialetos acima, pois:

O senso também não nos diz de onde vieram esses “outros Mineiros”. Embora, não nos é dito de onde vêm esses “outros Mineiros”, temos razão em suspeitar que, a grande maioria deles vem de uma região específica (região metropolitana), que é a região dentro da qual a cidade de Belo Horizonte está localizada. Em termos gerais, esta região pode ser identificada como o centro geográfico do Estado de Minas Gerais (OLIVEIRA, 1983. p. 10).<sup>1</sup>

Assim, o autor tem motivos suficientes para acreditar que as migrações para a capital mineira sejam advindas das regiões vizinhas. Essa afirmação não seria possível para uma cidade como São Paulo, onde metade da população é formada por migrantes que não são de áreas próximas à cidade. Por isso, admitimos que a influência geográfica não é predominante para o caso da cidade de Belo Horizonte. Oliveira (1983, p. 13, tradução nossa)<sup>2</sup> afirma que, *“há chances de que, para a cidade de São Paulo, o fator de origem geográfica pode desempenhar um papel importante. Certamente, é muito mais importante do que no caso de Belo Horizonte.”*.

Em pesquisas recentes, o censo demográfico do IBGE, em 2010, mostrou como a população de Belo Horizonte foi distribuída com relação a sexo, faixa etária e escolaridade. Quanto ao sexo, de acordo com os dados, o número de habitantes de mulheres é maior que os dos homens, como podemos verificar no gráfico abaixo:

**Gráfico 6 - População/Sexo - Belo Horizonte – 2010**

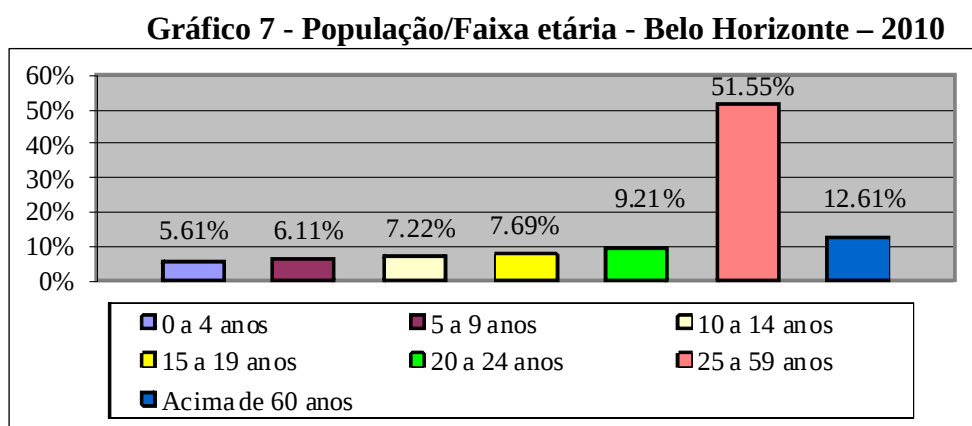


Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (2010).

<sup>1</sup> The census does not tell us where these 'other Mineiros' came from, either. Although we are not told where these other 'Mineiros' came from, we have reasons to suspect that the great majority of them came from a very specific region, that is, the region inside which the city of Belo Horizonte is located. This region can be identified, in general terms, as the geographical center of the State of Minas Gerais.

<sup>2</sup> [...] for the city of São Paulo chances are that the geographical origin factor may play an important role. Certainly, it is much more important than in the case of Belo Horizonte.

Em relação à faixa etária, seguimos as divisões estabelecidas pelo IBGE, porém os agrupamentos de idades foram estabelecidos de acordo com nossos critérios. Assim, o último censo disponibilizou dados com idades de 0 a 100 anos. No trabalho em questão, informamos esses dados, mas trabalhamos com as idades de 10 a 75 anos. A seguir vejamos a distribuição dos dados:



Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (2010).

Temos, então, as seguintes divisões: (I) de 10 a 14 anos; (II) de 15 a 19 anos; (III) de 20 a 24 anos; (IV) de 25 a 59 anos; (V) de 60 a 75. Em nossos resultados, o grupo considerado com maior representatividade foi o grupo (IV), com 51,55%. Em sequência, temos o grupo (V), de idosos, com 12,61%, seguido pelo o grupo (III), com 9,21%. Depois, vem o grupo (II) com 7,69%, e logo o grupo (I) com 7,22%. Por fim, temos os grupos de 5 a 9 e de 0 a 4 anos (que não fizeram parte da análise), com, respectivamente, 6,11% e 5,61%.

Como sabemos, na língua existem variantes prestigiadas e estigmatizadas. A escola é responsável pelo ensino dessas variantes, entretanto, isso não ocorre. O ensino não privilegia o estudo da forma “não padrão”, apenas admite as regras gramaticais tidas como *padrão*. Em Votre, temos que:

A observação do dia a dia confirma que a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que as frequentam e das comunidades discursivas. Constata-se, por outro lado, que ela atua como preservadora de formas de prestígio, face a tendências de mudança em curso nessas comunidades. (VOTRE, 2010, p.51).

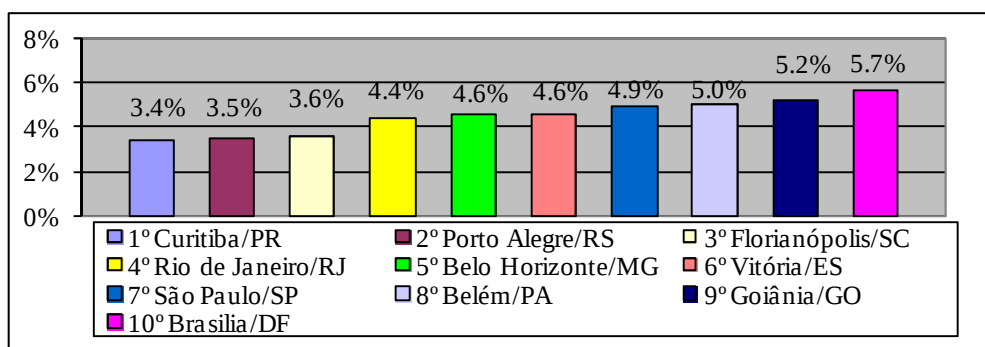
Assim, ao dizer sobre as variantes linguísticas, se faz necessário tomar, como uma das bases responsivas, a reflexão sobre a escolaridade. E, quando falamos sobre escolaridade, sentimos a necessidade de falar também sobre a questão dos indivíduos analfabetos.

De acordo com Ricardo (2008), em 1958, a UNESCO definia uma pessoa analfabeta, sendo aquela que não conseguia ler e escrever palavras simples. Em 1978, surgiria um novo conceito de analfabetismo, trata-se de *“um indivíduo que, mesmo sabendo decodificar palavras, ler e escrever frases simples, não possui as habilidades necessárias para satisfazer as demandas do seu dia-a-dia e desenvolver-se pessoal e profissionalmente.”* (RICARDO, 2008, p. 57). Esse novo conceito recebeu o nome de analfabetismo funcional.

Atualmente, felizmente assistimos à diminuição do nível de analfabetismo no Brasil. Entretanto, isso acontece de maneira lenta e desigual nas regiões do Brasil; também, o analfabetismo exibe números diferentes com relação ao sexo, raça e na dicotomia rural x urbano no país.

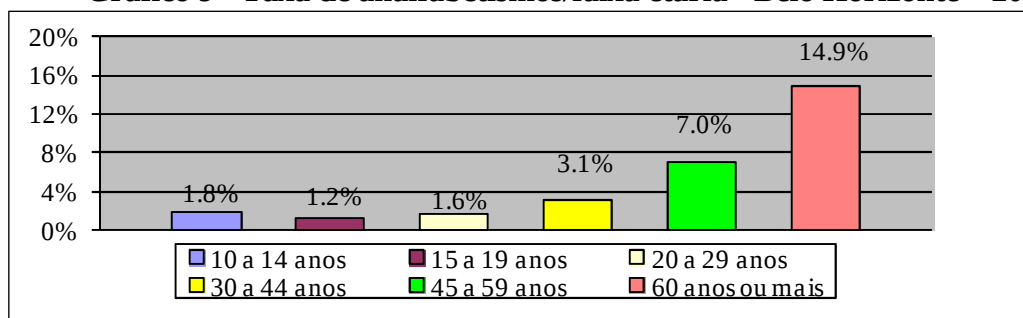
Assim, deparamo-nos com situações como a de um indivíduo de classe socioeconômica baixa concluir o Ensino Superior e, até mesmo, o Mestrado. Em Rocha (2009) temos uma pesquisa sobre a taxa de analfabetismo no Brasil, realizada em 2003 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP/MEC). Entre as dez capitais pesquisadas, a taxa de analfabetismo de Belo Horizonte recebeu o 5º lugar com 4,6%, simbolizando que a capital mineira está evoluindo bastante no quesito educação. Vejamos o gráfico 8:

**Gráfico 8 - Menores taxas de analfabetismo/Municípios - População de 15 anos ou mais - Brasil – 2000**



Fonte: Adaptado de ROCHA (2008, p. 56).

Em 2010, o IBGE realizou um estudo que cruzava dados entre a idade dos informantes e o nível de escolaridade destes. Esse cruzamento de dados tinha como objetivo avaliar a frequência escolar da população. Assim, os resultados foram:

**Gráfico 9 - Taxa de analfabetismos/faixa etária - Belo Horizonte – 2010**

Fonte: PREFEITURA DE BELO HORIZONTE (2010).

Como podemos ver no gráfico, as idades entre 15 e 19 anos correspondem ao menor número de analfabetos. A faixa etária dos idosos incorpora o maior número de habitantes sem escolaridade. Felizmente, com a pesquisa realizada acima, já podemos vislumbrar um futuro, em que as próximas faixas etárias de 60 anos, na cidade de Belo Horizonte, mostrarão um percentual ainda menor de analfabetismo.

Além dos aspectos que comentamos até aqui, falaremos, a seguir das regionais administrativas que compõem a cidade. A delimitação e definição dessas regionais foi muito importante para o trabalho em questão, resultando, assim, em utilizá-lo enquanto um fator extralinguístico para a análise.

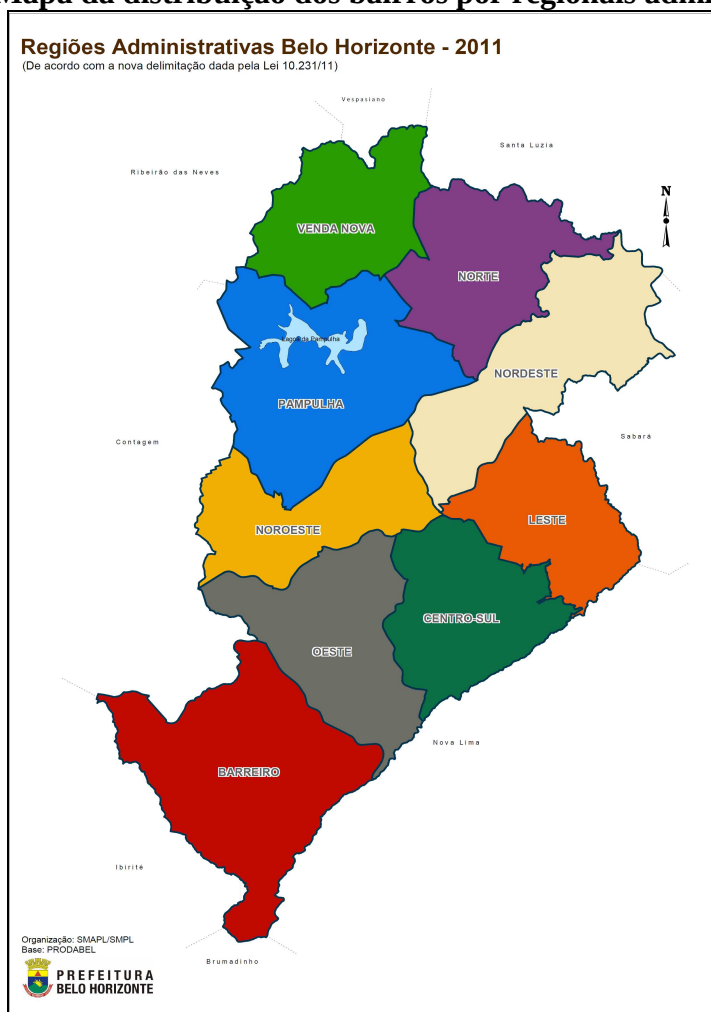
## 2.2 Regionais Administrativas

Em Faria (2008), podemos ver um estudo detalhado sobre a divisão da cidade em bairros. A PBH (Prefeitura Municipal de Belo Horizonte) divide a cidade em 9 regionais que compõem os 331 quilômetros quadrados de área total da cidade:

Cada regional é constituída por bairros, alguns dos quais tão antigos quanto à própria cidade, além de um grande número de bairros mais recentes que foram surgindo no entorno, pelo processo de urbanização que, (...), acomete toda a sociedade brasileira no processo de passagem de sociedade agrária a sociedade industrial. (FARIA, 2008, p. 20).

As regionais são: regional Barreiro, Centro-Sul, Leste, Nordeste, Noroeste, Norte, Oeste, Pampulha e Venda Nova. Na ilustração seguinte, temos a localização dos bairros e as regionais a que pertencem:

**Figura 2 - Mapa da distribuição dos bairros por regionais administrativas – 2011**



Fonte: PREFEITURA DE BELO HORIZONTE (2011).

### **2.2.1 Regional Barreiro**

Em 1855 começava a história da região do Barreiro. Seu início se deu na Fazenda Barreiro, cujo proprietário foi o coronel Damazo da Costa Pacheco, que a vendeu para o major Cândido José dos Santos Brochado. Este último veio a falecer e, assim, sua família vendeu o local para o Sr. Manoel Pereira de Melo Vianna.

Nessa época, a fazenda era ocupada por imigrantes estrangeiros, que cultivavam produtos agrícolas. Na região havia uma água de boa qualidade que faria, futuramente, o local crescer. Após a chegada de sua equipe para construir a nova capital, o engenheiro Aarão Reis foi conhecer de perto a Fazenda Barreiro. Ele se interessou pela qualidade da água da região, intentando utilizá-la no abastecimento da capital.

Anos mais tarde, muitas construções foram realizadas, como: a Companhia Siderúrgica Mannesmann, o Distrito Industrial do Jatobá, as áreas industriais do bairro Olhos

D'água e a construção de uma linha férrea. Essas, juntamente com a proximidade da Cidade Industrial em Contagem, fariam resultar em um processo amplo de desenvolvimento do bairro, intensificando o comércio e os serviços da região.

Tendo em vista esse aspecto industrial, o Barreiro se tornou um bairro com população predominantemente operária. Outra característica marcante da região é a sua semelhança com uma metrópole, pois nesse bairro encontramos uma grande concentração de escolas públicas e privadas, faculdades, hospitais, postos de saúde, muitas agências bancárias, *shoppings centers*, supermercados, bares, restaurantes e grandes redes de loja.

### **2.2.2 Regional Centro-Sul**

A história da região Centro-Sul começa em 1883, na antiga sede da Fazenda do Leitão, um lugar que pertencia ao então Curral Del Rey. Essa história se assemelha muito à da própria capital, uma vez que foi dessa região que surgiu todo o planejamento de Belo Horizonte.

Augusto de Lima, em 1891, assinou um decreto que faria com que o antigo vilarejo se tornasse a nova capital do estado de Minas Gerais. Assim, em 12 de dezembro de 1897, ocorreu a inauguração da capital mineira, Belo Horizonte. A política e a economia se desenvolveram muito, tratando de intensificar o comércio e as finanças e, com isso, a região cresceu de forma rápida, sendo que em 1912 a cidade já ultrapassava os 42 mil habitantes.

Como já foi visto, Belo Horizonte era dividida em zonas. A zona urbana da cidade é circundada pela Avenida do Contorno e faz parte da região Centro-Sul. Em sua extensão, foram construídas a sede do governo estadual, as secretarias e até moradias de secretários de Estado e demais funcionários estaduais.

Nos anos 80, a região sofreria muitas transformações. A Savassi, que era um bairro residencial, se tornaria um verdadeiro centro comercial, o qual podemos ver hoje. Muitos prédios foram construídos, tanto residenciais como comerciais. Atualmente, a Savassi e o Centro abarcam a região Centro-Sul.

### **2.2.3 Regional Leste**

Considerada uma das mais antigas da cidade, a região Leste é composta por bairros tradicionais, como: Floresta, Santa Tereza, Sagrada Família e Santa Efigênia. Foi no bairro Floresta, primeiramente, que os operários da construtora da capital alojaram suas residências.

Novas e modernas construções surgiram. Próximo ao Centro, o bairro cresceu rapidamente e, mais tarde, o comércio começou a se desenvolver, principalmente na região compreendida pelas avenidas do Contorno e Assis Chateaubriand. O bairro Santa Tereza é também muito destacado na região, sendo seus primeiros moradores imigrantes, a maioria, italianos.

A região Leste, principalmente o bairro Floresta, é famosa por seus blocos carnavalescos, como a Banda Santa, e por sua grande contribuição ao cenário cultural de Belo Horizonte. Lá cresceram grandes artistas mineiros, como Milton Nascimento, Lô Borges, Beto Guedes e Fernando Brant (com o Clube da Esquina) e bandas como Sepultura, Skank, dentre outras. Ainda residiram no local, mestres como Carlos Drummond de Andrade e Pedro Nava.

#### **2.2.4 Regional Nordeste**

Em Belo Horizonte, entre as décadas de 30 e 40, como já dissemos, se iniciaria um estágio de intensa industrialização. Para isso, precisava-se de uma abertura maior de vias, que serviriam como passagem para o novo processo produtivo. Já no final da primeira década, a urbanização da cidade transpunha o perímetro da Avenida do Contorno e se ampliava até os bairros Lagoinha, Floresta e Santa Tereza. Assim, as terras da fazenda São João Batista, começaram a ser loteadas para abrigar novos moradores. A partir da década de 30, a cidade cresceria no sentido centro-periferia.

A região Nordeste, com seus primeiros bairros, foi reflexo desse crescimento. Essa área foi excluída da área central, aglomerando, então, uma população socioeconômica baixa. Eram trabalhadores e operários da construção civil, migrantes da área rural, pessoas que moravam em locais sem condições sanitárias. Outros tipos de ocupação também ocorreram na área, principalmente empreendimentos industriais, sobretudo têxteis. O bairro Cachoeirinha tem sua origem ligada à instalação da Fábrica de Têxteis Cachoeirinha, na década de 30.

A ausência de serviços básicos, como água potável, esgoto e vias de acesso, era resultado de um crescimento espontâneo, aliado à falta de planejamento urbano. Além desse problema, havia ainda o caso da população de rua, que vivia na Praça Raul Soares. Esses foram remanejados da praça e levados para o bairro Concórdia.

O sistema viário que contornava a Rua Jacuí teve seu eixo alterado com a construção do túnel da Lagoinha, em 1971, cujo objetivo era o de incentivar o processo de ocupação da região. Com a consolidação da Avenida Cristiano Machado, surgiram a Feira de Produtores e

os empreendimentos Minas Shopping (centro catalisador de cultura e lazer) e o Hotel Ouro Minas. Esses pontos tornaram a avenida um pólo econômico dinâmico. Essa economia viria então a fortalecer e valorizar os bairros que estão ao longo do seu traçado, além de favorecer o surgimento de outros.

No início, os novos bairros eram destinados à construção de residências e pequenos prédios, atraindo a classe média e o comércio, servindo de alternativa à zona sul. Nessa área os bairros abrigam populações de classe média, com alto poder aquisitivo, convivendo com vilas e favelas.

### **2.2.5 Regional Noroeste**

Entre 1893 a 1897, muitos imigrantes e operários que foram trabalhar na construção da capital se alojaram na região Noroeste. Assim como na região Nordeste, vista anteriormente, houve uma grande aglomeração de trabalhadores, advinda da falta de planejamento espacial da região.

Várias intervenções urbanas foram registradas entre os períodos de 1935 a 1951. Podemos destacar: a abertura das avenidas Antônio Carlos, Pedro II e Tereza Cristina. Também, tivemos a construção do Conjunto Habitacional IAPI, localizado no bairro São Cristóvão, onde ainda hoje residem mais de 5 mil moradores nos nove prédios construídos na década de 1940. Ainda no cenário que se consolidava, surgia, então, a primeira favela na região da Lagoinha, a Pedreira Prado Lopes.

Podemos ver, também, a construção do Shopping Del Rey, em 1993, o qual se tornou o centro de consumo, majoritário, e um ambiente de lazer com cinemas, competições esportivas, feiras, exposições, etc. Outro empreendimento de grande valia foi a implantação da Via Expressa Leste-Oeste, na década de 70, que beneficiou os bairros Coração Eucarístico e Caiçara.

Atualmente, com duplicação da Avenida Antônio Carlos, pudemos assistir a um fantástico processo de renovação urbana. O projeto denominado de Linha Verde tinha como objetivo proporcionar uma melhor ligação entre o Aeroporto Internacional de Belo Horizonte – Tancredo Neves (Confins) e o centro da cidade, uma vez que o Aeroporto Carlos Drummond de Andrade (Aeroporto da Pampulha) teve grande parte de seus voos transferidos para Confins.

### **2.2.6 Regional Norte**

A região Norte teve seu início no ano de 1856. O atual bairro Primeiro de Maio ocupava áreas de antigas fazendas do início do século XX. Posteriormente, essas fazendas dariam origem a outros povoados. Desses últimos, um dos mais importantes era o povoado do Onça, localizado no bairro Aarão Reis.

Com a expansão da cidade e o crescimento demográfico, em 1930, a região Norte intensificou a sua população. Assim, de maneira gradativa, esse movimento aconteceu por meio de áreas públicas que, hoje em dia, são os bairros Primeiro de Maio e São Bernardo.

Eis que surgiram as Vilas Operárias, com o intuito de solucionar os graves problemas habitacionais. Com o crescimento desordenado na região, o alojamento em áreas inapropriadas tornou-se comum. Foram erguidas moradias em morros, em áreas íngremes e nas margens de córregos, com elevado risco para esses moradores. Hoje em dia, podemos observar situações de contraste na região: há os bairros de melhor infraestrutura urbana, habitados por uma população com melhor poder aquisitivo; e, além disso, existem também muitos bairros e vilas onde reside uma população carente, com condições mínimas de residência.

Quanto ao comércio, nessa região há um predomínio de serviços e produtos de pequeno porte, além de algumas indústrias de médio porte. Com relação à cultura, essa área possui um traço cultural bastante eclético. Assim, temos os grupos de capoeira, congado e folia de reis, passando pela dança, o *hip hop*, a arte do grafite, até o teatro e a música.

### **2.2.7 Regional Oeste**

A ocupação da região Oeste se deu no começo do século XX, através do Núcleo Agrícola do bairro Carlos Prates. O local era formado por chácaras e uma pequena capela. O povoado era oficialmente composto por colonos, muitos estrangeiros.

Em 1902, o Dr. Francisco Salles, presidente do Estado de Minas Gerais, mandou construir a Estrada de Ferro Oeste de Minas, que se destinava a Betim, passando pelo bairro Calafate, onde foi instalada uma estação perto da Rua Santa Quitéria. Em 1910 foi inaugurada a estrada para o Barreiro, também com entrada pelo bairro. Essas vias foram os primeiros acessos oficiais ao bairro. Na década de 20, especificamente em 1924, a região Oeste era a

que mais se expandia. Em 1928 chegaram os primeiros bondes elétricos, e as pequenas chácaras deram lugar às construções feitas pelo operariado.

A história do bairro Prado está intimamente ligada à fundação da Capital. As carroças que trouxeram material para as obras de construção da cidade passavam pela Rua Platina. As primeiras atividades turísticas da capital tiveram início no antigo hipódromo de Belo Horizonte, que era localizado no Prado Mineiro, este que deu origem ao nome do bairro. A pista de corrida foi transformada em um campo de futebol e nela eram realizados importantes jogos do Campeonato Mineiro. Além de provas hípcas e do futebol, o Prado Mineiro também foi marcado pelo primeiro voo de aeroplano realizado na capital.

Em 1932 o antigo hipódromo foi ocupado pelo Comando da Polícia Militar de Minas Gerais - PMMG, que instalou ali o Departamento de Instrução – DI, para formar recrutas da corporação, e depois a Academia de Polícia Militar de Minas Gerais – APM, uma das principais referências do bairro.

A região Oeste possui importantes referências urbanas e simbólicas, algumas de notória expressão, como o Parque de Exposições da Gameleira, o CEFET, o Cemitério Parque da Colina, o Asilo Bom Pastor, as Igrejas Curas D’Ars e São José do bairro Calafate, além de ser sede da centenária Orquestra Carlos Gomes.

A região apresenta-se, ainda, como uma área de expansão urbana, ou seja, vazão de uma área mais densa de habitantes para outra menos populosa, sendo a maioria dos bairros prolongamentos da região Centro-Sul, como é o caso do bairro Buritis e Estoril. A expansão verticalizada, em especial próxima à Avenida Amazonas, abarca bairros como o Salgado Filho, Nova Gameleira, Jardim América, Gutierrez, Grajaú e Alto Barroca. Nesses, o processo de verticalização acontece de maneira mais homogênea e gradual. Alguns bairros, como Prado e Calafate, não se apresentam como eixos de expansão territorial visto tratarem-se de bairros muito antigos, portanto, já consolidados.

### **2.2.8 Regional Pampulha**

A história da região da Pampulha começou nos anos 30. Havia naquele local um ribeirão. O então prefeito Otacílio Negrão de Lima, em 1936, com o intuito de promover o abastecimento de água para toda a cidade deu início ao represamento do ribeirão para construção da barragem da Pampulha, inaugurada em 1943.

No decorrer dos anos 40, foi implantado o Conjunto Urbanístico e Arquitetônico da Pampulha, este que seria o marco da modernidade de Belo Horizonte. Esse conjunto faz parte

de projetos arquitetônicos originais do arquiteto Oscar Niemeyer Soares Filho. A Pampulha gerou a interação entre a arquitetura, artes plásticas e paisagismos, sendo considerada um ícone da modernidade e das perspectivas desenvolvimentistas de Juscelino Kubitschek.

Destacam-se nesse conjunto a Igreja de São Francisco de Assis, o Museu de Arte Moderna, a Casa do Baile, o Estádio Governador Magalhães Pinto (Mineirão) - inaugurado em 1965, o Ginásio do Mineirinho e a UFMG. Pelo fato de ser uma região com vários clubes campestres, a Pampulha atrai muita gente durante os finais de semana.

Apesar de servir de acesso para cidades como Vespasiano, Santa Luzia e Pedro Leopoldo, na grande BH, a região da Pampulha não é uma região industrializada.

Com relação aos níveis socioeconômicos da região, sua população se encontra bastante estratificada. Essa varia desde o padrão muito baixo até o muito alto. Contudo, a grande maioria da população, cerca de 70%, se situa nas faixas de renda baixa e muito baixa.

### **2.2.9 Regional Venda Nova**

A história da região de Venda Nova é muito antiga. Há documentos que revelam dados de que a ocupação dessa região data do século XVIII. Um desses documentos era a solicitação da autorização para comércio de secos e molhados no ano de 1781.

Outro relato menciona a existência de 2.300 habitantes em 1784. No ano de 1787, mais uma informação documentada apareceria, que era o pedido dos moradores para que se construísse uma capela na região.

Antes de ser anexada à Belo Horizonte, Venda Nova pertenceu a Sabará, Santa Luzia e Ribeirão das Neves. Assim que se deu a inauguração da capital, alguns moradores deixaram o antigo Curral Del Rey e se instalaram no bairro.

Venda Nova se desenvolveu de forma autônoma. Na década de 50, a população local aumentou. Entretanto fizeram do bairro um lugar apenas para dormir, uma vez que as atividades, como escola e trabalho, eram realizadas no Centro e em cidades da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Enquanto isso, novos bairros formavam-se no seu entorno.

A ocupação da região ocorreu sem planejamento. Assim, as construções foram surgindo de forma indiscriminada e irregular. A área foi considerada, por muitos anos, como uma região rural da capital, sendo ocupada por pessoas simples. Venda Nova sofreu por muito tempo com problemas sérios de iluminação, transporte e enchentes. A região, tardiamente, no

ano de 1948, se tornou parte da capital e, dessa forma, foi possível reestruturar o local, dando vida à sua antiga estrutura no século XX.

A partir da década de 90, um grande volume de obras daria um novo olhar à região. Dentre elas, estaria o alargamento da Rua Padre Pedro Pinto, a aprovação do centro urbano de Venda Nova pela Prefeitura de Belo Horizonte, a canalização do córrego do Vilarinho e a modernização da MG-10, estrada que corta Venda Nova, auxiliando o acesso ao setor comercial da região.

A conclusão da Estação Vilarinho, a construção recente da Linha Verde e a transferência do Centro Administrativo do Estado para o bairro Serra Verde foram três obras de grande destaque e importância para a região. Por meio delas, houve um intenso progresso no local.

O comércio é diversificado, e os bairros possuem núcleos de comércio local. Inaugurado na década de 90, o Shopping Norte ampliou as diversas opções de lazer da região, que conta também com casas noturnas, salas de cinemas e clubes recreativos.

Venda Nova parece ser uma cidade dentro de Belo Horizonte, tanto é que muitos pensam que realmente se trata de um município vizinho, porém é uma das regiões mais povoadas e em constante crescimento da cidade. Conta-se que o nome atual surgiu para identificar uma venda, que era mais nova em relação às anteriores.

Dessa forma, diante do exposto aqui sobre as nove regionais de Belo Horizonte, findamos esta etapa. Assim, a seguir, na seção 2.3, tratamos do contexto social da população pesquisada.

## **2.3 Contexto Social**

Como definir o termo “classe social”? Essa é uma difícil tarefa, que vem recebendo atenção de profissionais das áreas de sociologia, linguística, psicologia, dentre outras. Muitos aspectos são abrangidos na tentativa de delimitar o termo em questão: a renda salarial, a ocupação (o trabalho), a escolaridade, os bens de consumo entre outros. Milroy (1987) diz que essa questão é problemática por ser abrangente demais, além de abstrata e de difícil controle:

A classe social também é uma categoria ampla e de grande escala. Embora, seja uma ideia, aparentemente simples, como inquestionável, permitiu linguistas chegarem a um considerável esclarecimento sobre a função social da linguagem nas cidades, entretanto, é uma noção muito difícil de definir, a menos que usada em um alto nível de abstração. Basicamente, a ideia é que as pessoas podem ser ordenadas em relação

ao resto da sociedade por características quantificáveis, como renda, educação, profissão, residência ou estilo de vida (MILROY, 1987, p. 13, tradução nossa).<sup>3</sup>

O que percebemos é que quando se define “classe social” por uma ótica, logo temos a necessidade em analisá-la sob outra visão; por exemplo, se a definimos de acordo com a escolaridade, levamos em conta questões como mercado de trabalho e faixa etária. Parece-nos que são fatores que se interligam, explicando-se em função de outros, podendo haver complicações em tratá-los isoladamente.

Em Labov (2008) encontramos o estudo sociolinguístico realizado na cidade de Nova York, e neste estudo, o autor, fundamentando-se em pesquisas feitas pela *Mobilization for Youth* em 1961, estuda as classes sociais baseando-se em indicadores como: profissão, educação e renda da família:

As variáveis linguísticas foram correlacionadas com os indicadores individuais de status social, profissão, educação e renda e fica evidente que nenhum indicador sozinho está tão estreitamente correlacionada com o comportamento linguístico quanto o índice combinado (LABOV, 2008, p. 144).

Assim, no presente trabalho, para termos um norte, optamos por estudar a estratificação social da comunidade de Belo Horizonte pela ótica da atividade ocupacional de cada indivíduo. Entretanto, sempre que necessário, relacionamos à atividade ocupacional, outros indicadores, como foi visto em Labov (2008).

Voltemos, um pouco, às raízes do problema, falando sobre o trabalho humano. O trabalho pode ser visto como um indicador da distinção entre cultura e natureza. Para satisfação de suas necessidades ou para alcançar certo objetivo, o homem necessita do trabalho para realizar as atividades em busca de seu sustento e prazer. O trabalho acrescenta ao mundo natural um mundo novo, o da cultura.

Tanto na esfera social quanto na individual, o trabalho exerce um forte papel. Do ponto de vista social, por meio de um empenho conjunto dos homens, contribuimos para a manutenção da vida e o progresso do desenvolvimento social. Do ponto de vista individual, o trabalho aumenta nosso potencial físico e de criatividade.

---

<sup>3</sup> Social class also is a broad, large-scale category. Although it is an apparently simple idea and has undoubtedly enabled linguists to shed considerable light on the social function of language in cities, it is a very difficult notion to pin down unless consistently used at a high level of abstraction. Basically, the idea is that people can be ordered with respect to the rest of society by quantifiable characteristics like income, education, occupation, residence or life-style.

Desde sempre, há divisões de trabalho como, por exemplo, as funções destinadas às mulheres e aos homens. As tarefas da casa e o cuidado com os filhos eram funções da mulher, enquanto o trabalho fora de casa era realizado apenas pelos homens.

Durante a Antiguidade, as pessoas valorizavam o trabalho intelectual, enquanto o trabalho físico era visto como uma atividade menor, menos prestigiada. Com o cristianismo, o trabalho começou a ser visto como uma atividade que afirmaria o bom caráter da pessoa, ou seja, se o indivíduo fosse trabalhador e honesto durante toda sua vida, ele alcançaria o reino celestial após sua morte, como se pode ler em Cotrim (2000, p. 25).

Com a ascensão da burguesia, na Europa Ocidental, a ideia de trabalho era a de que, ao se trabalhar muito, o lucro final era visto como uma forma de benção de Deus. O trabalho forneceria, assim, um gozo espiritual e ideológico ao homem.

O filósofo Marx mostrou o trabalho de forma negativa, chamando essa atividade de “processo de alienação”. O filósofo dizia que o homem trabalhava assalariadamente por não ter outra opção para sobreviver; sem contar a forma indigna das condições trabalhistas a que as pessoas estavam sujeitas.

No século XIX, o trabalho exigia rotina, automatização e especialização, na perspectiva do “*time is money*”. O ser humano vende sua alma para o mercado. A pessoa começa a valer pelo que ela representa mercadologicamente. Os grupos sociais começam a se firmar, levando em consideração essas características.

Dessa forma, fica consolidado o abismo econômico que separa os ricos dos pobres. O consumo impera nas classes econômicas bem-sucedidas; como ganham mais dinheiro, logo consomem mais e, ainda, consomem desenfreadamente. Os pobres, evidentemente, não entram nesse jogo. De acordo com Baudrillard (apud COTRIM, 2000, p. 32), “*o prazer de mudar de vestuário, de objetos, de carro vem sancionar psicologicamente constrangimentos de diferenciação social e de prestígio.*”.

As forças dominantes sobre as dominadas existem, talvez, desde o início do mundo. Podemos ver as lutas de classes na Antiguidade, no Feudalismo, na Idade Média e no capitalismo na Idade Moderna. Para Marx, é o trabalho que faz a catraca de evolução girar. O filósofo acredita que a diferença entre as classes não é um aspecto negativo; o que teria de ruim são as forças produtivas em prol de um consumo alienado.

Marx (apud COTRIM, 2000, p. 200) afirma que o homem não existe fora da sociedade, e nesta, ele está disposto enquanto exímio arquiteto do mundo material, “*a essência humana é o conjunto das relações sociais (...) o modo de produção da vida material*

*condiciona o processo geral de vida social, política e espiritual.”.* Para o filósofo, a sociedade se dividia em três classes sociais, baseadas no modelo capitalista de produção: assalariados, capitalistas e proprietários de terras.

Os abismos econômicos e políticos dão origem às classes sociais. Touraine (1974) diz que, ao falar sobre a divisão de classes sociais, devemos considerar o aspecto histórico. O autor pensa que as classes não são diferenciadas “apenas” em termos do trabalho, como foi proposto por Marx, mas sim em detrimento de um conjunto de ações:

As classes sociais, no sentido aqui empregado, não são definidas como grupos reais, organizados. Não é a observação das diferenças hierárquicas em uma sociedade o que leva a propor a existência de duas classes opostas. É a própria análise do sistema da ação histórica, que leva a estabelecer esta nova dimensão de análise da ação histórica (TOURAINÉ, 1974, p. 05, tradução nossa).<sup>4</sup>

Em Haddad (1997, p. 98) temos a ligação entre classe social e outros assuntos, como: a política econômica, a sociologia e a ciência política. Assim, o autor considera “*o assunto ‘classe social’ um objeto próprio da economia política (e secundariamente da sociologia ou da ciência política). Diga-se, antes de mais nada, que esse era também o entendimento de Marx.*”.

Um pouco diferente das teorias marxistas, temos o filósofo Max Weber (1864-1920), que acreditava que as classes sociais eram definidas levando em conta a identidade social do indivíduo, ou seja, seu estilo de vida e as chances que este teria no decorrer da vida. Isso porque a opção por entrar em um mercado de trabalho não é simplesmente uma mera escolha da pessoa; depende, e muito, das chances que a sociedade vai proporcionar ao indivíduo. Desde sempre, a realidade social é diferente para todos. Meyerhoff diz:

A mudança na definição de Marx para Weber é de particular interesse para os sociolinguistas, porque o conceito de classe de Weber tenta apreender a significância de uma participação individual num conjunto complexo de comportamentos associados (incluindo fala, estilo de vida) e, também, a importância de expectativas e atitudes (chances na vida). (MEYERHOFF, 2006, p. 156).<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Las clases sociales, en el sentido en que se emplea aquí este término, no son definidas como grupos reales, organizados. No es la observación de las diferencias jerárquicas en una sociedad lo que conduce a plantear la existencia de dos clases opuestas. Es el propio análisis del sistema de acción histórica el que conduce a establecer esta nueva dimensión del análisis de la acción histórica.

<sup>5</sup> The shift in definition from Marx to Weber is of particular interest to sociolinguists because Weber’s conceptualisation of class tries to capture the significance of an individual’s participation in a complex set of associated behaviors (including speech, his life style), and also the importance of aspirations and attitudes (life chances).

As comunidades são estratificadas socialmente, levando em conta as relações de poder social e econômico dos indivíduos que a compõem. Em Quadros (2002), temos uma discussão sobre como realizar uma pesquisa para definir os estratos sociais no Brasil. O autor trabalha com a delimitação das classes sociais de acordo com a função “sócio-ocupacional” exercida pelos os indivíduos:

Para tornar operacional o conceito de classes sociais, tomamos como referência o tratamento proposto por W. Mills, que consiste em analisar a sociedade a partir de sua estrutura ocupacional (...) é com base nesta estratificação sócio-ocupacional que pretendemos nos aproximar da estrutura das classes sociais. (QUADROS, 2002, p. 2-3).

Dessa forma, levando em conta o cenário social de 2001, o autor faz uma divisão social do Brasil em quatro camadas: a camada superior, a camada intermediária, a massa trabalhadora urbana e a massa agrícola.

A primeira camada, chamada de *superior*, que é a alta classe média, engloba famílias dos micro e pequenos empresários, os administradores, gerentes e chefes; ocupações técnicas e científicas de nível superior. De acordo com o autor, esse estrato abrange 15,4% da população do Brasil.

A segunda camada, a *intermediária*, é composta por aqueles que têm um pequeno negócio familiar urbano (comércio e serviços), bem como a média classe média, assalariada ou autônoma. Nesse estrato se situam as pessoas que têm ocupações técnicas e científicas de nível médio, ocupações de defesa nacional e segurança pública, mestres, contramestres etc. Essa camada detém cerca de 16 % da população brasileira.

Como podemos ver, são tênues as diferenças entre a camada superior e a intermediária. Duas características semelhantes perpassam entre essas duas camadas, que são o nível escolar, principalmente o técnico, e os tipos de empresários. O autor afirma que:

Assim sendo, estas duas camadas mais destacadas da sociedade representam 31% da população e englobam 53 milhões de pessoas, concentrando aproximadamente 64% da renda declarada. Com uma certa liberdade conceitual, elas podem ser tomadas na atualidade como expressão da elite dirigente e sua base social mais orgânica, os pequenos empresários e a alta e média classes médias. (QUADROS, 2002, p. 07).

A *massa trabalhadora urbana*, a terceira camada, é formada pela baixa classe média assalariada, ou seja, pelos operários e demais trabalhadores populares, incluindo autônomos e as empregadas domésticas. Encontramos nessa camada os auxiliares de escritório, balconistas

e caixas, professores primários, auxiliares da saúde etc. Essa camada representa 55% da população do Brasil.

A quarta e última camada é a *massa agrícola*. Engloba a pequena agricultura familiar e os trabalhadores agrícolas, assalariados ou não. Essa camada representa 14% da população brasileira. O autor ainda faz a seguinte afirmação:

A delimitação social das camadas diferenciadas é algo bastante maleável, a conformação desta massa popular urbana deve ser tomada apenas como um recurso eminentemente analítico, diante das evidentes fraturas e distinções que predominam no seio de segmentos tão diversificados. Esta caracterização buscou tão somente apontar suas dimensões “potenciais” do ponto de vista da cidadania, ou seja, enquanto agentes sociais de transformações (...) ao contrário de propor uma agregação arbitrária e extemporânea, o que se pretende é chamar atenção dos setores interessados em uma saída nacional e popular para a presente crise brasileira, para o porte dos extraordinários desafios que se colocam à construção das bases sociais e políticas para suas propostas (QUADROS, 2002, p. 8).

De acordo com Chiara (2011), no ano de 2010 quase 31 milhões de brasileiros tiveram ascensão social. Desse total, cerca de 19 milhões saíram das classes D/E, respectivamente, classe média-baixa e baixa, dilatando a grande classe média, a classe C. Perto de 12 milhões de pessoas pularam da classe C para as classes de maior poder aquisitivo A (elite) e B (classe média-alta). A autora afirma que:

A distribuição dos brasileiros por classes socioeconômicas mudou nos últimos cinco anos. Deixou de ter o formato de pirâmide, típico de países pobres, com grande contingente de baixa renda, e passou a ser um losango, figura geométrica que se aproxima de uma distribuição socioeconômica mais equilibrada entre os estratos sociais e frequente em países desenvolvidos. (CHIARA, 2011, p. 04).

Adaptamos a situação de ocupação social de nossos informantes belo-horizontinos, levando em conta o tipo de divisão de classes sociais no Brasil, que pode ser encontrada em estudos como o de Quadros (2002). Assim, a pesquisa em questão dividiu as classes sociais em 04 grupos: classe média alta, classe média média, classe média baixa e classe baixa. Como a comunidade pesquisada está em uma área urbana, não usamos a categoria “massa agrícola” proposta pelo autor.

No Grupo 1, a classe média alta seria a que Quadros (2002) denominou de “camada superior”. Aí encontramos empresários, estudantes de escola particular e de graduação (filhos de pais considerados pertencentes a essa classe) e uma atleta de vôlei com nível superior. Entretanto, temos um caso em que o indivíduo, apesar de ser bem colocado “sócio-ocupacionalmente”, não tem o nível de escolaridade alto. No quadro 01 estão os informantes que pertencem a esse grupo.

**Quadro 01 - Classe Média Alta**

| Nome | Região     | Sexo      | Idade   | Escolaridade | Profissão       |
|------|------------|-----------|---------|--------------|-----------------|
| JL   | Centro-Sul | Feminino  | 13 anos | Fundamental  | Estudante       |
| PD   | Centro-Sul | Masculino | 18 anos | Superior     | Estudante       |
| CT   | Oeste      | Feminino  | 74 anos | Fundamental  | Empresária      |
| AB   | Noroeste   | feminino  | 49 anos | Superior     | Atleta de vôlei |
| JP   | Oeste      | masculino | 24 anos | Superior     | Administrador   |

Fonte: OLIVEIRA (2004-2012)

A “camada intermediária” se adapta ao nosso Grupo 2, que é a classe média média, formada por: comerciante, aposentado, dona de casa, estudantes de graduação (filhos de pais que representam o Grupo 2), analista de sistema, tatuador, monitor de apoio à inclusão, auxiliar de departamento.

Temos casos diversos como a de um estudante que completou até o Ensino Médio, e optou seguir carreira pública, que é considerada uma sócio-ocupação prestigiada. Também, temos o caso do informante que tem o nível de escolaridade superior, mas trabalha com uma sócio-ocupação (*monitor de apoio à inclusão*) considerada baixa em termos econômicos; bem como, há também um falante que tem o Ensino Médio e trabalha como tatuador, porém é filho de pais de classe média média. No quadro 02 estão os informantes que pertencem a esse grupo.

**Quadro 02 - Classe Média Média**

| Nome | Região   | Sexo      | Idade   | Escolaridade | Profissão                          |
|------|----------|-----------|---------|--------------|------------------------------------|
| TH   | Leste    | Masculino | 29 anos | Médio        | Funcionário público                |
| VN   | Leste    | Feminino  | 49 anos | Superior     | Professora                         |
| AD   | Barreiro | Masculino | 30 anos | Médio        | Tatuador                           |
| GT   | Barreiro | Masculino | 25 anos | Superior     | Monitor de apoio à inclusão        |
| RD   | Oeste    | Masculino | 22 anos | Superior     | Analista de sistema                |
| CR   | Oeste    | Feminino  | 21 anos | Superior     | Estudante                          |
| KR   | Oeste    | Masculino | 37 anos | Médio        | Comerciante                        |
| MJ   | Oeste    | Feminino  | 68 anos | Superior     | Professora (aposentada)            |
| GD   | Noroeste | Feminino  | 63 anos | Médio        | Auxiliar departamento (aposentada) |
| BB   | Nordeste | Feminino  | 15 anos | Médio        | Estudante                          |
| HL   | Nordeste | Feminino  | 17 anos | Médio        | Estudante                          |
| DB   | Oeste    | Feminino  | 18 anos | Médio        | Estudante                          |

Fonte: OLIVEIRA (2004-2012).

Em nossa análise, teríamos os Grupos 3 e 4 inseridos no que Quadros (2002) chamou de “massa trabalhadora urbana” (ou não agrícola). O Grupo 3 seria a classe média baixa, formada pelo frentista, o operador de máquinas de xérox, vigilante, auxiliar administrativo e estudantes de escola públicas (filhos de pais com níveis de escolaridade Médio e Fundamental).

Nessa camada não contatamos nenhum falante com nível de escolaridade superior. Descobrimos, porém, que existem muitos indivíduos dessa camada que cursam ou já concluíram o nível de graduação, mas não tivemos a oportunidade de entrevistá-los. A sócio-ocupação desses falantes é considerada economicamente baixa.

**Quadro 03 - Classe Média Baixa**

| Nome | Região     | Sexo      | Idade   | Escolaridade | Profissão               |
|------|------------|-----------|---------|--------------|-------------------------|
| TA   | Pampulha   | Feminino  | 16 anos | Médio        | Estudante               |
| JS   | Barreiro   | Feminino  | 16 anos | Médio        | Estudante               |
| AC   | Norte      | Feminino  | 13 anos | Fundamental  | Estudante               |
| WL   | Norte      | Masculino | 58 anos | Médio        | Auxiliar administrativo |
| LO   | Oeste      | Masculino | 15 anos | Fundamental  | Frentista               |
| JD   | Leste      | Masculino | 22 anos | Fundamental  | Operador de xeróx       |
| WD   | Venda Nova | Masculino | 26 anos | Médio        | Vigilante               |

Fonte: OLIVEIRA (2004-2012).

O Grupo 4, a classe baixa, também está inserido na “massa trabalhadora urbana”. A diferença entre este grupo e o Grupo 3 se refere à moradia; a maioria dos informantes desse grupo são moradores de favelas. Os representantes desse grupo são as diaristas e estudantes de escola pública (cujos pais pertencem à classe em questão e têm nível de escolaridade Fundamental).

Com relação ao nível de escolaridade, não encontramos falantes cursando a graduação, mas essa é uma realidade que, assim como no Grupo 3, existe, porém em menor escala. Perguntamos aos nossos informantes se desejavam ingressar em alguma universidade, e a maioria respondeu que, primeiro, gostariam de trabalhar, ter um emprego garantido e, quem sabe um dia, fazer um curso superior.

**Quadro 04 - Classe Baixa**

| Nome | Região     | Sexo      | Idade   | Escolaridade | Profissão |
|------|------------|-----------|---------|--------------|-----------|
| NA   | Pampulha   | Feminino  | 29 anos | Fundamental  | Diarista  |
| DN   | Oeste      | Feminino  | 13 anos | Fundamental  | Estudante |
| LZ   | Oeste      | Feminino  | 15 anos | Fundamental  | Estudante |
| SB   | Oeste      | Feminino  | 13 anos | Fundamental  | Estudante |
| DV   | Oeste      | Masculino | 13 anos | Fundamental  | Estudante |
| NY   | Oeste      | Masculino | 15 anos | Fundamental  | Estudante |
| WG   | Oeste      | Masculino | 12 anos | Fundamental  | Estudante |
| NL   | Venda Nova | Masculino | 16 anos | Médio        | Estudante |
| SL   | Venda Nova | Feminino  | 38 anos | Fundamental  | Estudante |
| JO   | Nordeste   | Masculino | 17 anos | Médio        | Estudante |

Fonte: OLIVEIRA (2004-2012).

Com relação à mobilidade social que Chiara (2011) relatou, percebemos que a comunidade pesquisada exibe também a figura de um losango, ou seja, trata-se de uma estratificação social bastante equilibrada. Assim, a condição social de cada informante deve ser analisada de forma individual, pelo fato de que uma variável social depende de outras variáveis para a interpretação do estrato social do indivíduo. Por exemplo, um informante pode ter um salário alto e não ter completado todos os anos escolares, como é o caso da informante Catharina, do Grupo 1. Também uma mesma profissão pode ser exercida por um indivíduo tanto do Grupo 3 como 4, e isso justifica os dois serem englobados na “massa trabalhadora urbana”.

Com relação aos estudantes, esses estão dispostos em todos os segmentos sociais. E mais, já assistimos à situação de jovens que moram em favelas ingressarem em faculdades. Além desses dois casos, temos a realidade dos jovens que estudam, mas precisam trabalhar para ajudar nas despesas da casa, e aqueles que trabalham para garantir seu próprio consumo (festas, vestuário, salão de beleza etc.); quando isso acontece, procuramos sinalizar, sempre que possível, a profissão dos pais desses jovens. Como exemplo: um estudante que é tatuador (profissão pouco valorizada socioeconomicamente), cujos pais são administradores e moram em uma boa casa, em um lugar privilegiado na região do Barreiro.

Assim, assumimos a classificação das classes sociais de acordo com a “socio-ocupação” do falante. Isso porque, primeiro, achamos ser a teoria que melhor tentou explicar a separação dos estratos sociais e, segundo, precisávamos de um norte para nos espelhar na delimitação de nossos informantes, sendo essa estratificação a mais eficiente para essa função.

Em seguida, no capítulo 3, colocamos os pressupostos teóricos que serviram de base para as nossas reflexões e interpretações.

### 3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A língua é o objeto de estudo da linguística. Ela é vista sob óticas diferentes dentro de quadros teóricos diferentes. Assim, muito já foi dito sobre o que seria, realmente, a língua. Tendo em vista o leque de conceitos existentes para o termo, achamos necessário, aqui, dar uma concepção sobre o termo língua:

Se não houvesse necessidade de contrastar este trabalho com o estudo da língua fora de seu contexto social, eu preferiria dizer que se trata simplesmente de linguística. É relevante, portanto, indagar por que deveria haver necessidade de uma nova abordagem da linguística com uma base social mais ampla. Parece bastante natural que os dados básicos para qualquer forma de linguística geral seja a língua tal como usada por falantes nativos comunicando-se uns com os outros na vida diária. (LABOV, 2008, p. 216).

A língua seria, assim, uma expressão da sociedade, uma entidade histórica, mais especificamente, consideramos a língua enquanto instrumento de comunicação. Essa definição correlaciona língua e sociedade, dois fatores que não se dissociam nunca. Assim, quando se estuda este casamento, lidamos com questões de cunho social, linguístico e cultural.

Os estudos sobre as variações linguísticas eram realizados numa perspectiva dialetológica que, além de observar a distribuição geográfica das diferenças linguísticas, tinha também um interesse diacrônico. Entretanto, tais estudos não davam a devida atenção à interação entre os fatores linguísticos e sociais. Foi somente em torno de 1965, com o trabalho de William Labov, que começaram a surgir os estudos de caráter sociolinguístico. Dessa forma, a sociolinguística veio estudar a língua como fenômeno social, cultural, e linguístico. Consideremos o que diz Mollica:

A Sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo (MOLLICA, 2010, p. 01).

Existem muitas comunidades de fala, formadas por grupos de pessoas com culturas diversas: ingleses, espanhóis, italianos, portugueses, brasileiros e muitos mais. E, dentro de um mesmo país, onde predomina uma língua em comum, nota-se que existem muitas diferenças, o que resulta em uma noção de comunidade de fala que é um tanto abrangente e

complexa. Milroy (1987) traz uma proposta de delimitação do conceito de comunidade de fala:

No entanto, estão disponíveis em menor escala, avaliações que refletem o fato de que existem unidades sociais em que as pessoas sentem que pertencem, as quais são menos abstratas que o conceito de classe social. Por essa menor escala, mais concreta, nós reservamos o termo comunidade, usado em um sentido específico e técnico (MILROY, 1987, p. 14, tradução nossa).<sup>6</sup>

Tendo em vista a existência de diversas comunidades de fala, esperamos que haja uma diversidade de expressões linguísticas e que essa diversidade se manifeste de maneira diferente na fala de cada indivíduo, sob a influência do contexto de interação. Assim, assumimos a existência das variáveis linguísticas:

A variação linguística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes. Entendemos então por variantes as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente. A concordância entre o verbo e o sujeito, por exemplo, é uma variável linguística (ou um fenômeno variável), pois se realiza através de duas variantes, duas alternativas possíveis e semanticamente equivalentes: a marca de concordância no verbo ou a ausência da marca de concordância. (MOLLICA, 2010, p. 10).

Diante da existência desses modos diferentes de dizer uma mesma coisa, nós pesquisadores podemos, a princípio, ter a sensação de estarmos diante de uma assistemática incontrolável. Entretanto, as variáveis são condicionadas por fatores linguísticos e sociais, e isso faz com que tenhamos uma variação controlada:

A análise de regra variável foi desenvolvida na linguística como uma forma de dar conta da variação estruturada, governada por regras, no uso da língua. Trata-se da variação linguística que regularmente mostra taxas mais altas ou mais baixas de ocorrência em determinados ambientes; ou que regularmente predomina em determinados grupos sociais ou estilos de fala. (GUY; ZILLES, 2007, p. 48).

A fala é a modalidade que analisamos no trabalho. Ela funciona como veículo de comunicação entre indivíduos e não se realiza sempre da mesma forma. Portanto, a fala não pode ser apenas encaixada em um sistema de regras escritas como pretendem as gramáticas tradicionais. Por isso, é preciso delimitar um pouco mais os limites das duas modalidades da

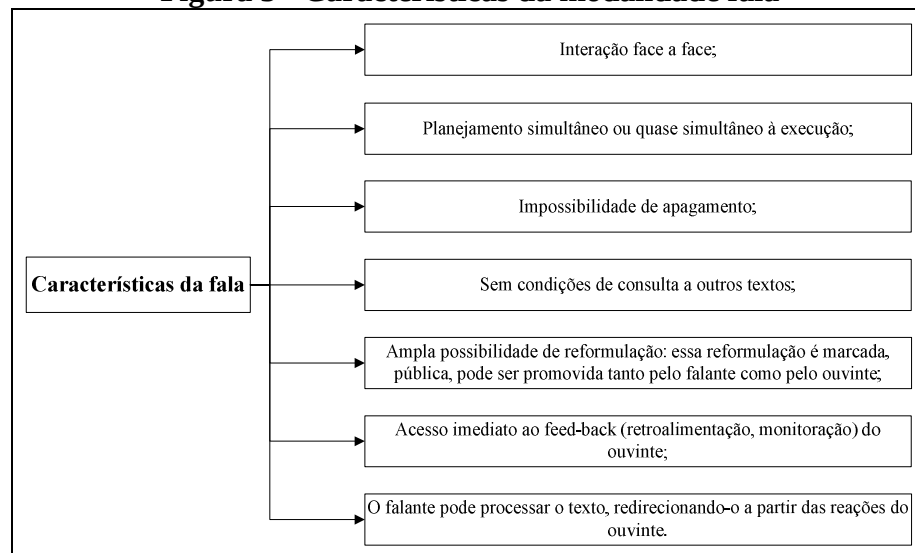
---

<sup>6</sup> Yet smaller-scale categories are available which reflect the fact that there are social units to which people feel they belong and which are less abstract than social class. For this smaller-scale, more concrete, unit we reserve the term community, used in a specific, technical sense.

língua, a fala e a escrita. A fala e a escrita compreendem um *continuum* que vai do nível mais informal ao mais formal, passando por graus intermediários. Em Maria Andrade, Fávero, Aquino (1997) temos um estudo mais substancial sobre essas duas manifestações da língua.

Como podemos ver na figura 3, a fala apresenta algumas características próprias:

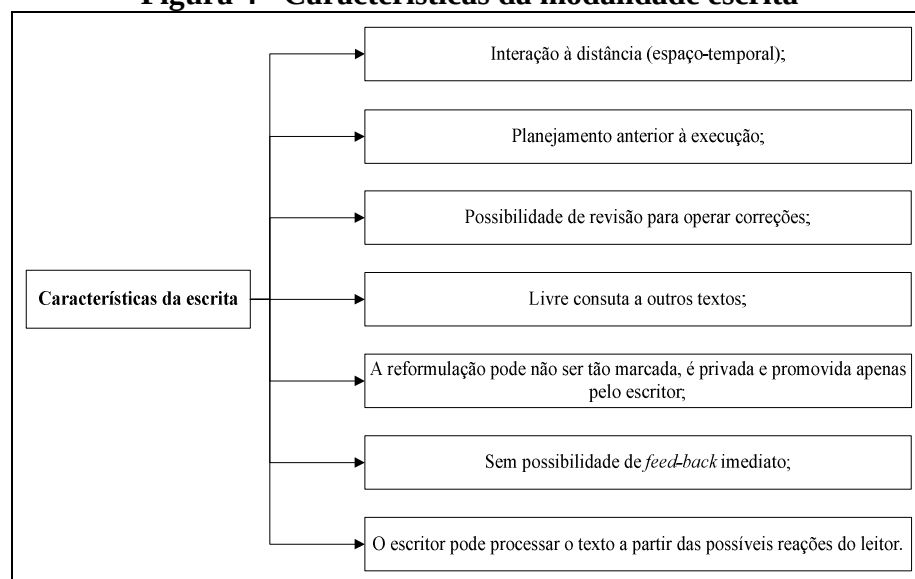
**Figura 3 - Características da modalidade fala**



Fonte: Adaptado de ANDRADE, Maria, FÁVERO, AQUINO (1997, p. 03).

A escrita, por sua vez, pauta-se pelos seguintes traços:

**Figura 4 - Características da modalidade escrita**



Fonte: Adaptado de ANDRADE, Maria, FÁVERO, AQUINO (1997, p. 03).

Durante muitos anos, as variáveis linguísticas foram deixadas de lado, pois fugiam de uma limitação teórica, do sistema. Nenhuma teoria conseguia assimilar a variação.

Com o advento de pesquisas de caráter sociolinguístico, foi possível estabelecer um modelo que oferecesse a metodologia e o enquadramento teórico para que se pudesse lidar com os casos de variação encontrados nas comunidades de fala.

### 3.1 Variação e Mudança Linguística

As línguas mudam com o passar dos anos. Não é preciso ir longe para dizer sobre isso, basta nós conversarmos com nossos avós ou com pessoas mais velhas para ver que falamos diferente deles. Zilles (2008, p. 40) afirma, assim, que “*nenhuma língua é estática, todas elas mudam ao longo do tempo.*”.

Essa modificação na estrutura da língua não implicaria dizer sobre um possível holocausto gramatical? E, a partir disso, os falantes não se sentiriam desamparados sem a existência de uma unicidade linguística em que se apoiassem? A resposta a essas duas perguntas é a negativa, *não*.

Primeiramente, as mudanças na língua não acontecem de maneira abrupta. Elas atuam de forma gradual e lenta. Gradualmente falando, quando há uma mudança, ela atinge não o todo do sistema, mas sim uma parte dele. Inicia-se através de uma variação, mas nem toda variação indica mudança.

Como exemplo de mudança, tomemos a semivogal /w/, em palavras como *mal*, *papel*, *me* etc. Na fala de pessoas mais velhas, ela é pronunciada como uma consoante lateral, ou seja, como o primeiro som de palavras como *livro*, *ladeira*, *lado*. Não encontramos isso na fala dos mais jovens, em que esse som é feito com a pronúncia do [w], *céu*, *véu*, *meu*.

Sabemos que o caso acima é visto na fala dos mais velhos e na fala de pessoas de regiões específicas, como no sul do Brasil. Contudo, esse caso pode ser tratado como uma mudança que está, lentamente, atingindo o sistema linguístico brasileiro. Por isso, com relação à mudança linguística, enquanto falantes, nós temos a sensação de que a língua permanece em um estado de repouso.

As línguas estão em movimento, mas nunca perdem seu caráter sistêmico e nunca deixam os falantes na mão. Em outras palavras, as línguas mudam, mas continuam organizadas e oferecendo a seus falantes os recursos necessários para a circulação de significados. (FARACO, 2005, p. 14).

Dentro dessa organização do sistema da língua, existe o aspecto que, durante muito tempo, foi deixado à margem pelos estudos linguísticos e sem o qual não haveria como falar

sobre mudanças na língua. Estamos nos referindo às variáveis linguísticas, essas que nem sempre nós falantes percebemos que existem.

As línguas não são uniformes, não são sistemas fechados e acabados. Não só no PB, mas, sim, todas as línguas passam por um processo de variação e mudança. Temos que:

As variantes podem permanecer estáveis nos sistemas (as mesmas formas continuam se alternando) durante um período curto de tempo ou até por séculos, ou podem sofrer mudança, quando uma das formas desaparece. Neste caso, as formas substituem outras que deixam de ser usadas, momento em que se configura um fenômeno de mudança em progresso. (MOLLICA, 2010, p. 11).

As variações são classificadas em: diacrônica, diatópica, diastrática, diamésica e diafásica:

- a) diacrônica → leva em conta aspectos linguísticos e extralinguísticos que mudam através do tempo, como, por exemplo, as diferenças entre as falas de pessoas mais velhas e dos jovens;
- b) diatópica → são as diferenças linguísticas de região para região. Exemplo: os diferentes significantes com o mesmo significado, macaxeira – aipim – mandioca;
- c) diastrática → diz respeito à variação que acontece no nível social. Temos, como exemplo, nosso próprio estudo, o cancelamento do segmento –s final indicador de pluralidade;
- d) diamésica → é a variação associada aos diferentes meios de comunicação. Exemplo: a forma “né” (fala), em vez de “não é” (escrita), e “ocê” (fala) no lugar de “você” (escrita).
- e) diafásica → é a variação que ocorre em situações de fala, ou seja, em estilos formais e informais.

O estudo das variáveis linguísticas, quando correlacionado a outros, como a faixa etária, pode proporcionar uma evidência sobre a existência de uma mudança em progresso.

As variações e as mudanças da língua são atestadas e estudadas no momento presente (sincrônico), para que se possa desvendar o período histórico (diacrônico). Diante disso, gostaríamos de sublinhar dois conceitos importantes para o entendimento, que são: o *tempo aparente* e o *tempo real*. Assim, o tempo real pode ser apreendido através do estudo do tempo aparente:

A evidência para isto pode ser vista no que é conhecido como estudos em tempo real (porque eles comparam a forma como as pessoas falam em um determinado momento, com a forma de como as pessoas vão falar em uma determinada década, geração, ou cem anos mais tarde). Veremos também, como sociolinguistas tem encontrado maneiras de contornar o problema do acesso limitado aos registros históricos, olhando as mudanças em um tempo aparente. Essa noção de tempo é mais abstrata; como veremos, envolve a abstração da maneira que falantes de diferentes idades falam em um único ponto no tempo (MEYERHOFF, 2006, p. 127, tradução nossa).<sup>7</sup>

A evidência fornecida pelo tempo real é sempre o principal critério para atestarmos a mudança linguística. Contudo, nem sempre isso é possível uma vez que, na maioria das situações os informantes não estão mais disponíveis ou não dispomos da documentação escrita necessária.

A maioria dos estudos sociolinguísticos mostra que os grupos sociais intermediários são aqueles que lideram as mudanças linguísticas. Isso pode ser explicado pelo peso que esses grupos têm na composição social das comunidades.

No capítulo 2, vimos que o perfil da classe média está mudando. Assim, as pessoas, com o intuito de conquistar profissões de prestígio, tentam, cada vez mais, adequar seu repertório linguístico ao de indivíduos com importância social e econômica no mercado.

Enfim, tendo em vista o que foi colocado, não há como negar que existam as variáveis, e que essas, muitas vezes, impliquem em mudanças na língua. Portanto, podemos nos perguntar se a forma não padrão ou o cancelamento de marca, no português da comunidade de fala de Belo Horizonte, é um caso de variação estável ou um caso de mudança em progresso? Tentamos responder essa questão no último capítulo.

### 3.2 O Português Brasileiro: aspectos históricos

O português falado no Brasil já passou por diversos processos históricos, sociais e linguísticos. Muitos pesquisadores procuram desvendar como surgiu nossa língua, ou melhor, buscam compreender como se firmou o sistema linguístico que usamos hoje. Terá se

---

<sup>7</sup> The evidence for this can be seen in what are known as **real time** studies (because they involve comparing the way people talk at one point in time with the way they talk a decade, or generation, or a hundred years later). We will also see how sociolinguists have found ways of getting around the problem of having limited access to historical records, by looking at changes in **apparent time**. This notion of time is a more abstract one; as we will see it involves abstracting from the way speakers of different ages talk at a single point in time.

constituído sob a influência de línguas indígenas que, de acordo com a história, foram as primeiras línguas de nossa pátria? Terá se formado através do português de nossos colonizadores? Ou trazido pelas levas de navios negreiros? Vamos tentar, em poucas palavras, descrever as possíveis origens do português falado no Brasil.

Uma coisa é certa: esse sistema linguístico teve influências de muitas línguas. Por exemplo, no tempo do descobrimento, o português entrou em contato com línguas indígenas e africanas. Toda essa variedade influenciou o caminho para a constituição do PB. Rosa Silva escreve o seguinte:

Embora oficialmente ainda seja definido como uma nação monolíngue, por não reconhecer-se que com o português, língua majoritária, como se vê, incontestavelmente, convivem cerca de 170 línguas indígenas, as línguas brasileiras autóctones, identificadoras de mais de 180 nações indígenas, com uma população de mais de 220.000 índios que sobreviveram e sobrevivem ao processo etnocida e glotocida, que desde o século XVI segue e persegue o avanço da língua portuguesa. Um dos instrumentos da colonização portuguesa no passado é hoje um dos instrumentos de dominação dos segmentos que detêm o poder na sociedade brasileira (SILVA, Rosa, 2002, p. 13).

A questão da origem do PB sempre foi levantada. A primeira hipótese começou a circular nos anos 30 do século XX. Os pesquisadores da época tentavam explicar a influência das línguas africanas no PB, fundamentando-se no fato de a Colônia buscar uma identidade linguística e social. Como essa tentava se emancipar de Portugal, a língua que falavam também deveria ser diferente dos patrícios. Assim, a língua falada se configuraria como sendo um objeto de afirmação de nacionalidade do povo colonizado. João Ribeiro afirmou, em seu Dicionário Gramatical:

Sob a denominação de *Elemento Negro* designamos toda espécie de alterações produzidas na linguagem brasileira por influência das línguas africanas pelos escravos introduzidos no Brasil. Essas alterações não são tão superficiais como afirmam alguns estudiosos; ao contrário, são bastante profundas, não só no que diz respeito ao vocabulário, mas até ao sistema gramatical do idioma. (RIBEIRO apud BONVINI, 2008, p. 219).

Outra hipótese seria a de que o PB não padrão teria sido formado por um processo de *crioulização* de origem africana. Alguns pesquisadores, tentando suavizar esse efeito, propunham que somente bases lexicais do PB eram de origem africana. Assim, temos que:

Silva Neto (1950), Melo (1946) e Elia (1940), eruditos de sólida formação filológica, reexaminam a influência africana. Diminuem sua importância e introduzem, no debate, a hipótese da crioulização, tema tratado pela primeira vez pelo português Adolfo Coelho (1880), que classificou o PB com os crioulos afro-

portugueses, definindo-os como dialetos do português europeu. (BONVINI, 2008, p. 17).

Nessa hipótese, imaginamos que se deva levar em conta a existência de outra língua co-ocorrendo: a “língua geral” de origem Tupi, dos índios, que já habitavam antes, as terras brasileiras. Muito se diz, sobre um possível contato entre os africanos e os ameríndios, com resultado de predomínio linguístico africano.

Entretanto, esse predomínio africano se torna muito contraditório, pois devemos nos lembrar de que havia muito mais índios do que africanos nessa época. Portanto, seria mais conveniente pensar em um suposto crioulo de origem indígena. E mais, não poderíamos nos esquecer dos portugueses, dominantes na colônia, que estabeleceram práticas religiosas, políticas, culturais e linguísticas.

A terceira hipótese supõe que o processo de *semicrioulização* teria sido uma etapa que antecederia a *crioulização*, não chegando à concretização desta última. A noção de *semicrioulização* diz respeito a “*um processo que lembra de algum modo a crioulização.*” (ILARI; BASSO, 2006, p. 73).

A variabilidade no sistema de concordância nominal é um dos fenômenos atribuídos a uma origem crioula. Contudo, no português europeu, há também a queda do -s final indicador de plural. Há estudos relatando que esse seja um fenômeno que existe desde o latim. Assim, a indicação do plural em -s na concordância nominal no PB pode ter influências tanto africanas como europeias. Naro & Scherre explicam melhor a suposta origem de tal fenômeno:

Os fatos acima arrolados permitem levantar a hipótese de que o processo da queda do -s final no português do Brasil tenha tido seu início no português dialetal da Europa, que, por sua vez, estava apenas dando continuidade a uma deriva pré-românica. Consequentemente, é plausível supor que o impulso inicial do processo de perda da concordância nominal se situe também em fenômenos fonológicos trazidos da Europa, à semelhança da concordância verbo/sujeito. (NARO; SCHERRE, 2007, p. 36).

Enfim, o que se percebe é o desenho de um quadro linguístico em que línguas de distintas comunidades de fala se influenciavam mutuamente. O multilinguismo brasileiro, na verdade, sempre existiu. Por isso, talvez seja difícil delimitar ao certo as origens do PB falado. Podemos ver que:

Ao longo de 500 anos de história, a situação linguística do Brasil foi supercomplexa, pela presença das línguas indígenas (desde sempre), do português dos colonizadores, das línguas faladas pelos escravos africanos (a partir de 1532) e, depois, das línguas europeias e asiáticas faladas pelos imigrantes (...) Diante de tudo isso, fica evidente

que, desde 1500 até o final do Império, o Brasil foi um espaço multilíngue e um enorme laboratório linguístico. (ILARI; BASSO, 2006, p. 60).

Dessa forma, seria interessante e mais eficaz a análise que leva em conta a existência desse multilinguismo no Brasil, uma vez que a heterogeneidade linguística é incontestável e acontece desde o descobrimento. Sendo assim, encontramos a seguinte hipótese em Naro & Scherre:

Em síntese, o modelo que assumimos para dar conta da mudança que ocorreu no PB é o da confluência de motivações, sem crioulização prévia. Nossa conclusão é que o português moderno do Brasil é o resultado natural da deriva secular inerente na língua trazida de Portugal, indubitavelmente exagerada no Brasil pela exuberância do contato de adultos, falantes de línguas das mais diversas origens, e da nativização desta língua pelas comunidades formadas por esses falantes e seus descendentes. (NARO; SCHERRE, 2007, p. 85).

No próximo capítulo, vamos falar da variável dependente, foco do estudo em questão.

## 4 VARIÁVEL DEPENDENTE

Em nosso caso, a variável dependente é a indicação de pluralidade que ocorre em um SN, que admite duas variantes:

a) Forma padrão:

➤ Tenho dois irmãos mais novos. Sou o mais velho. (1MOFBSKg47jqv);

b) Forma não padrão:

➤ Porque hoje meus amigoØ são os meninoØ que trabalham comigo! (0MPFBQKg57jrv).

### 4.1 Regra da concordância nominal no PB

O PB é uma língua que se utiliza de mecanismos de flexão e derivação. Os sufixos flexionais indicam as características de cada palavra como, por exemplo, o singular e o plural: *livro – livros*.

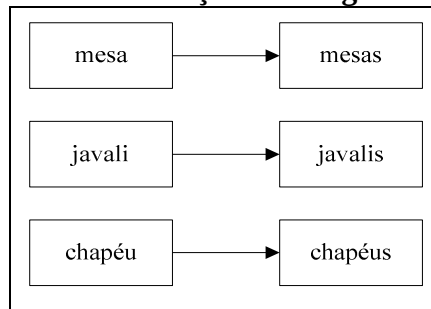
O traço de número pertence ao SN (sintagma nominal). Assim sendo, se um SN é marcado como [+ plural], todos os elementos que o compõem devem apresentar essa marca na linguagem padrão culta, como em os meus livros novos.

Câmara (2001, p. 81) afirma que “*na flexão há obrigatoriedade e sistematização coerente. Ela é imposta pela própria natureza da frase (...) É a natureza da frase que nos faz adotar um substantivo no plural ou um verbo na 1ª pessoa do pretérito imperfeito.*”.

A concordância nominal é um exemplo de mecanismo flexional. Assim, Celso Cunha & Cintra (2007, p. 195-201) colocam as seguintes regras:

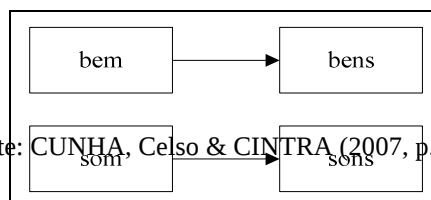
1) O plural nos substantivos simples

a) O plural dos substantivos terminados em vogal ou ditongo forma-se acrescentando um –s ao singular. Exemplos:

**Figura 05 – Terminações em vogais e ditongos**

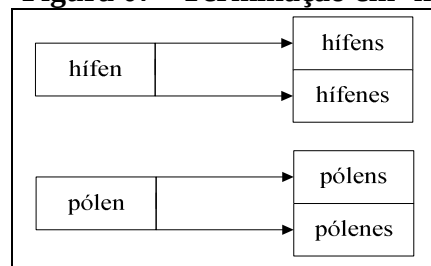
Fonte: CUNHA, Celso & CINTRA (2007, p. 195).

- b) O plural nos substantivos terminados em *-m* faz-se trocando o *-m* por *-n*, e acrescentando um *-s*:

**Figura 06 – Terminação em -m**

Fonte: CUNHA, Celso & CINTRA (2007, p. 195).

- c) O plural dos substantivos terminados em *-n*, soma-se um *-s* ou *-ns* ao final da palavra:

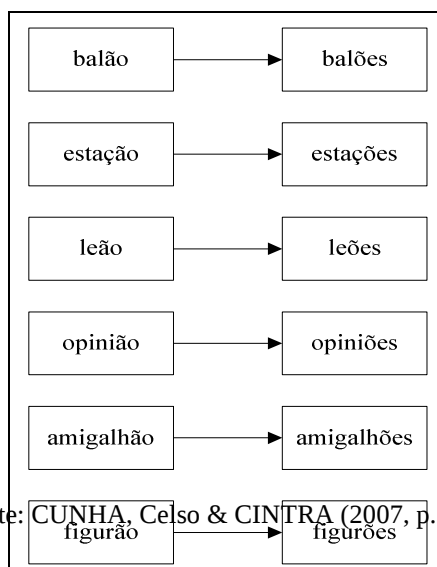
**Figura 07 - Terminação em -n**

Fonte: CUNHA, Celso & CINTRA (2007, p. 195).

- d) Os substantivos terminados em *-ão* formam o plural de três maneiras:

➤ a maioria muda a terminação *-ão* em *-ões*;

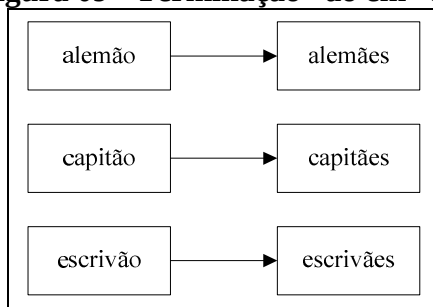
**Figura 08 - Terminações em -ão em -ões**



Fonte: CUNHA, Celso & CINTRA (2007, p. 195).

- um reduzido número muda a terminação –ão em –ães;

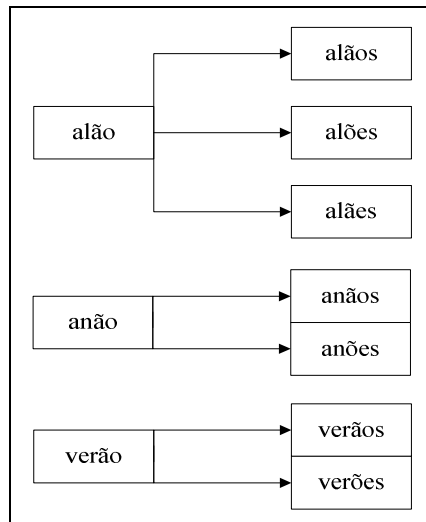
**Figura 09 - Terminação –ão em –ães**



Fonte: CUNHA, Celso & CINTRA (2007, p. 196).

- alguns substantivos finalizados em –ão, não há ainda uma forma de plural definitivamente fixada, notando-se, porém, na linguagem corrente, uma preferência sensível pela formação mais comum, em –ões:

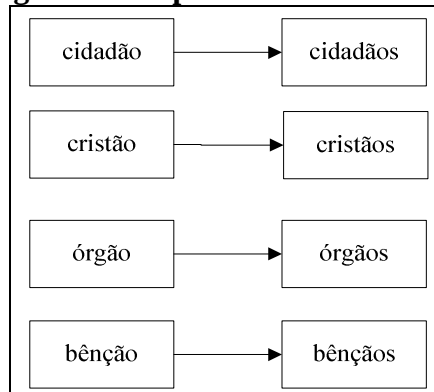
**Figura 10 - Formações mais comuns em –ões**



Fonte: CUNHA, Celso & CINTRA (2007, p. 196).

- e) Um número pequeno de oxítonos e todos os paroxítonos acrescentam simplesmente um –s à forma singular:

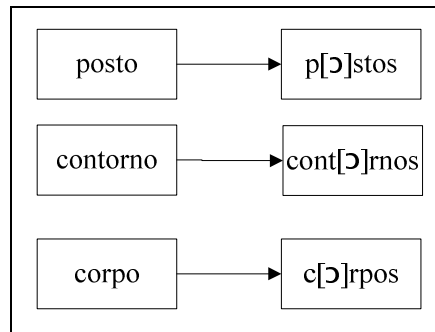
**Figura 11 – Apenas acréscimo de –s**



Fonte: CUNHA, Celso & CINTRA (2007, p. 196).

- f) Alguns substantivos, cuja vogal tônica é **o** fechado, além de receberem a desinência –s, mudam, no plural, o **o** fechado [o] para o aberto [ɔ];

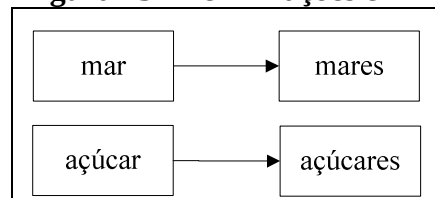
**Figura 12 - Plural Metafônico**



Fonte: adaptado de CUNHA, Celso & CINTRA (2007, p. 197).

- g) Substantivos terminados em -r, -z e -n formam o plural acrescentando -es ao singular:

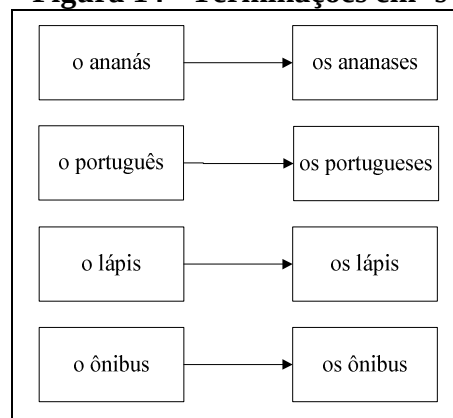
**Figura 13 - Terminações em -r**



Fonte: CUNHA, Celso & CINTRA (2007, p. 199).

- h) Os substantivos terminados em -s, quando oxítonos, formam o plural acrescentando também -es ao singular; quando paroxítonos, são invariáveis:

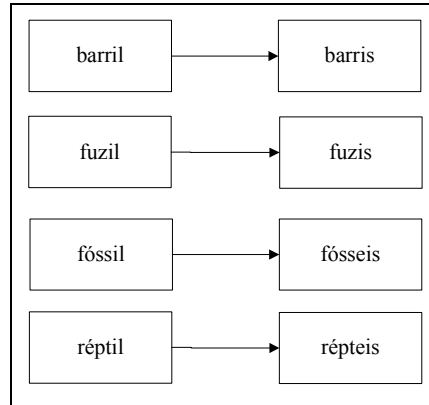
**Figura 14 - Terminações em -s**



Fonte: CUNHA, Celso & CINTRA (2007, p. 199).

- i) Os substantivos terminados em -il mudam o -l em -s, e os substantivos paroxítonos terminados em -il substituem esta terminação por -eis:

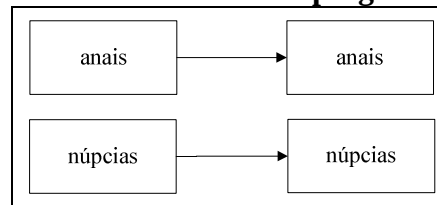
**Figura 15 - Terminações em -l**



Fonte: CUNHA, Celso & CINTRA (2007, p. 200).

j) Há substantivos que só se empregam no plural:

**Figura 16 - Substantivos só empregados no plural**

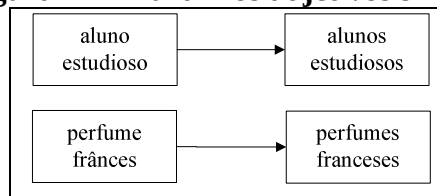


Fonte: CUNHA, Celso & CINTRA (2007, p. 200).

2) O plural nos adjetivos

a) O adjetivo toma a forma singular ou plural que ele qualifica:

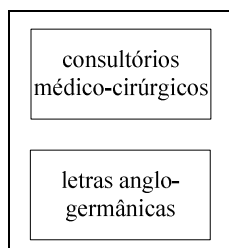
**Figura 17 - Plural nos adjetivos simples**



Fonte: CUNHA, Celso & CINTRA (2007, p. 201).

b) No plural dos adjetivos compostos, apenas o último elemento recebe a forma de plural:

**Figura 18 - Plural nos adjetivos compostos**



Fonte: CUNHA, Celso e CINTRA (2007, p. 201).

Nos dicionários, encontramos para a palavra “concordar” os seguintes significados: aceitar, conformar-se, combinar. As gramáticas tradicionais incorporam esse sentido da palavra. Assim, teríamos seguinte definição, segundo Bechara:

Chama-se concordância ao fenômeno gramatical que consiste em o vocabulário determinante se adaptar ao gênero, número ou pessoa do vocábulo determinado. A concordância pode ser nominal ou verbal. – Diz-se concordância nominal a que se verifica em gênero e número entre o adjetivo e o pronome (adjetivo), o artigo, o numeral ou o particípio (vocábulos determinantes) e o substantivo ou pronome (vocábulos determinados) a que se referem. (BECHARA, 1986, p. 295).

#### 4.2 Funcionamento da concordância nominal de número no PB

Mollica (2010, p. 09) afirma que em SN's como “*‘os estudos sociolinguísticos’*, em geral, alterna-se com a possibilidade de ocorrência de enunciados em que tais marcas estão ausentes: *‘os estudoØ sociolinguísticoØ’*.”.

Como já foi visto aqui, esse fenômeno variável da indicação de pluralidade no SN já foi registrado em épocas passadas, sendo, então, uma característica do português brasileiro. Adolfo Coelho (apud Naro; Scherre, 2007, p. 110-112) menciona certa cantiga, datada em 1880, em que podemos encontrar sintagmas do tipo: *dois vintem por dois vinténs, os homem por os homens, as muyé por as mulheres, duas boa pessoa por duas boas pessoas, casas grande por casas grandes*, dentre outras. Assim, nós temos que:

Na história das línguas românicas em geral, temos muitas evidências de queda ou enfraquecimento do –s final (...) Mesmo no latim clássico, o –s era apagado sob certas circunstâncias (...) o processo da queda do –s final no português do Brasil tenha tido seu início no português dialetal da Europa, que, por sua vez, estava apenas dando continuidade a uma deriva pré-românica. (SCHERRE; NARO, 2007, p. 34-36).

Isso mostra a antiguidade da variabilidade do fenômeno em questão. A GT (Gramática Tradicional) transpõe a modalidade de língua escrita para a modalidade de fala. Como já

dissemos, essa tarefa se torna arriscada, pois nem tudo da escrita se encaixa no sistema da fala. Encontramos a seguinte explicação:

Ou seja, embora um texto possa ser caracterizado, de modo bastante geral, como uma representação, ainda que imperfeita, da língua falada, é inegável que um texto escrito tem características próprias que dificilmente poderão ser correlacionadas a fatos da fala. E isso pode ser percebido em qualquer nível descritivo: na correspondência entre sons e letras, na grafia de algumas palavras, no vocabulário, na extensão dos parágrafos (falados e escritos), etc. Disto tudo podemos derivar uma afirmação básica (e óbvia): nem tudo aquilo que se escreve se fala. Em resumo, a presença de uma determinada característica no texto escrito não nos autoriza, sem maiores cuidados, a admitir a sua existência na fala (...) O exemplo do texto cartorial é um exemplo extremo, é verdade, cuja função é apenas a de comprovar a validade geral do princípio de que nem tudo aquilo que se escreve se fala. Mas é claro, também, que este princípio implica num outro princípio, que podemos enunciar assim: algumas coisas que são escritas são também faladas. (OLIVEIRA, 2005, p. 3).

Como dissemos anteriormente, as regras da língua escrita são elaboradas por pessoas que pertencem a um segmento social mais culto e influente na sociedade. Por outro lado, temos também a língua coloquial, que se pauta na comunicação popular, nascida do povo, sendo realizada de forma mais espontânea, expressiva e que possui diversas variações. Uma modalidade de língua, escrita ou coloquial, não se sobrepõe à outra:

Em suma, quando tratamos de qualquer variante *substandard* do português brasileiro, estamos diante de outro código, e não de erros devido às limitações mentais dos indivíduos que o empregam. Do ponto de vista pedagógico, é fundamental perceber que os alunos que chegam a escola falando uma variante subpadrão precisam aprender a variedade culta como uma espécie de língua estrangeira (...) Uma longa tradição escolar acostumou as pessoas a vigiar a escrita e a dar menos atenção a fala (...) Mas a diferença entre o escrito e o falado vai muito além dos fenômenos que dizem respeito à forma das palavras. Entre o escrito e o falado, há uma diferença irreduzível de planejamento. (ILARI; BASSO, 2006, p. 177-185).

A concordância de número é um exemplo clássico de regra da língua culta. E, como já vimos, o padrão considerado o correto, na escrita, seria o de marcar como plural todas as palavras que formam o SN. Estaríamos, assim, fazendo o uso pleno das marcas de plural. Porém, como sabemos, a verdade é que as coisas não acontecem desse jeito. Assim, temos a seguinte afirmação:

O termo concordância neste caso não é bem apropriado para todas as situações, considerando que muitas vezes apenas um elemento do SN é formalmente marcado (as perna toda marcada), podendo inclusive haver SNs sem nenhuma marca formal de plural (dois risco verde, um montão de nego velho). Nestes casos, o mais exato

seria falar em indicação de pluralidade e não em concordância. (SCHERRE, 1988, p. 192).

Como se percebe, com ou sem concordância explícita, a pluralidade é indicada, a comunicação acontece em qualquer uma dessas situações. As marcas não sugerem acertos, e a falta destas não indica erros. Tomemos os seguintes exemplos:

1. As casas amarelas.
2. As casaØ amarelaØ.

O que vai influenciar o uso da ausência ou presença de marcas no SN, são os aspectos sociolinguísticos. Assim, tomemos como exemplo o estilo de fala e a classe socioeconômica do falante: uma pessoa com alto nível de escolaridade, que habitualmente use mais a forma (1), em uma situação de fala informal, como em uma conversa entre amigos, com o marido ou esposa, no almoço de domingo, naturalmente, vai usar também a forma (2). Um indivíduo de uma classe socioeconômica baixa, que use mais a forma (2), em uma situação mais formal, tende a usar o exemplo (1). Percebemos que os aspectos linguísticos e sociais atuam juntos no uso da ausência ou presença de marcas no SN.

#### **4.3 Forma redundante e lei do menor esforço**

No mecanismo da concordância nominal de número, lidamos com os elementos flexionáveis do sintagma. Assim, artigos, substantivos, adjetivos e pronomes admitem a oposição singular/plural, em que o plural se faz com o acréscimo do morfema /s/. Dessa forma, uma vez flexionado o núcleo do sintagma, os outros devem se harmonizar com ele:

Concordância é o princípio sintático segundo o qual as palavras dependentes se harmonizam, nas suas flexões, com as palavras de que dependem. Assim: a) os adjetivos, pronomes, artigos e numerais concordam em gênero e número com os substantivos determinados (concordância nominal). (CEGALLA, 1987, p. 368).

Perante a enunciação de Cegalla (1987), tomemos os exemplos:

1. A casa amarela.
2. As casas amarelas

Na frase (2), para dizer que mais de uma casa é amarela, foi necessário flexionar as classes de palavras: artigo, substantivo e adjetivo. Esse princípio seria a concordância nominal de número.

Entretanto, o que temos na modalidade falada é uma variação entre duas formas, assim, além do exemplo (2), teríamos também:

3. As casaØ amarelaØ.

Como percebemos nos exemplos (2) e (3), a realização das marcas explícitas de plural, dentro de um SN, não ocorre de maneira uniforme.

A regra da concordância de número, que prediz a necessidade de uma harmonia entre os elementos, pode ser encarada como uma situação redundante. Assim, em nosso exemplo (2), as marcas explícitas de plural acontecem de forma repetitiva, ou seja, de novo e de novo. Barros (1985), então, nos diz:

Em nossa língua, a concordância que se opera entre todos os elementos intervencidos pelo sentido constitui o que se chama redundância – excesso de flexões, que se adaptam ao elemento da interrelação frasal. Assim, o sujeito impõe as flexões do seu determinante, o substantivo ao adjetivo etc. (...) A linguagem de nosso povo foge da redundância. Para ela basta uma flexão para indicar as dos demais membros frasais inter-relacionados e diz, por exemplo: *Os menino chorava aflito/ Os cabra vinha de peixeira e nós estava de olho.* (BARROS, 1985, p. 265).

Quando dizemos uma frase como a do exemplo (3), de fato, é preciso concordar que, mesmo sem as marcas formais de plural, a frase é totalmente inteligível e ocorre de maneira muito natural e com muita frequência. A ausência dessas marcas pode ser explicada, também, pelo Princípio da Economia da língua ou a lei do menor esforço. Assim:

A economia representa uma tendência para o mínimo esforço e simplificação máxima da expressão. A economia sintagmática é a tendência para reduzir o comprimento ou a complexidade do enunciado, de modo que as expressões mais frequentes no uso tendem a reduzir-se fonologicamente e a informação redundante ou recuperável no contexto comunicativo tende a ser omitida. (CAMACHO, 2008, p. 185).

Ainda no exemplo (3), podemos ver que a marca de plural no artigo traz a informação necessária para que possamos inferir que se trata de um SN de pluralidade. Conforme vimos em Scherre (1978 apud Scherre 1988, p. 143), “a primeira posição do SN é a mais marcada

*(...) e as demais posições evidenciam um índice baixo de marcas, estabelecendo-se assim uma oposição forte com relação ao que ocorre com o primeiro elemento do SN.”.*

Tanto na fala como na escrita das pessoas, a regra da concordância nominal de número é considerada pelas gramáticas como sendo de caráter obrigatório. Quando o uso da forma considerada correta da concordância no SN é violado, o falante é estigmatizado. Como já dissemos, as *GT's* decretam que, quando queremos indicar mais de uma coisa ou pessoa, devemos flexionar, com um segmento fonético-morfológico –s, todas as classes de palavras envolvidas. A não concordância é vista como um erro. Entretanto, como foi proposto por Scherre (1988), não se trata de concordar ou não, mas sim, de indicar a pluralidade do SN.

Assim, o funcionamento da indicação da pluralidade no SN no português do Brasil, exhibe o seguinte cenário: a) ora o falante diz “vários fogões”, ora o mesmo produz “vários fogão” b) há grupos de falantes que dizem mais “vários fogões” e há grupos que dizem mais “vários fogão”. O que determina essas formas são os fatores sociais e linguísticos que vão condicionar o uso.

#### **4.4 Estudos sobre a concordância nominal de número no PB**

Muitos estudos vêm sendo feitos ao redor do tema da concordância nominal de número. A riqueza e importância desse campo de pesquisa emergiram da necessidade de se estudar as formas de realizações variáveis dessa regra. Assim, comento a seguir alguns desses trabalhos.

O trabalho pioneiro nesse assunto foi o de Braga & Scherre (1976), que analisaram dados de sete falantes, residentes no Rio de Janeiro, mas de classe social e origem geográficas distintas. As autoras inauguraram, nos estudos do tema, a variável saliência fônica, que comento mais à frente no capítulo 6.

Em seguida, Braga (1977), em seu mestrado, desenvolveu um estudo com dados de sete falantes de classe média e baixa de Uberlândia-MG. A autora retoma o tema da variável saliência fônica<sup>8</sup> e, assim, nos fornece uma comparação entre os resultados obtidos por ela em 1976, na comunidade da cidade do Rio de Janeiro, e seus novos dados na cidade mineira. Dessa forma, concluiu que a classe média mineira mostra resultados probabilísticos

---

<sup>8</sup> Essa variável será explicada no capítulo 6.

favorecedores da presença de marcas explícitas no SN em função do grau de saliência fônica, assim como nos resultados obtidos no Rio de Janeiro.

Em 1978, Scherre, também no seu mestrado, analisou dados de 10 falantes da área urbana do Rio de Janeiro, sendo seis semiescolarizados, alunos do Movimento Brasileiro da Alfabetização (MOBRAL), três universitários e um informante que teve 11 anos de escolarização. Scherre (1988) retomou o tema e, ampliando-o em sua tese de doutorado, reanalisou a concordância nominal de número a partir dos dados do Corpus Censo do PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua). A conclusão obtida foi a de que o fenômeno da concordância de número apresenta-se como uma variação estável para um grupo de falantes, enquanto para outro grupo da mesma comunidade representa processo de mudança linguística.

Em 1981, com dados da pesquisa Competências Básicas, Guy analisou a concordância de número entre os elementos do SN em falantes semiescolarizados da cidade do Rio de Janeiro. No que pudemos perceber, há um debate intermitente entre Guy e Scherre (1988).

Um dos aspectos de divergência entre os autores é com relação às variáveis<sup>9</sup> Marcas Precedentes (marcas estruturais que antecedem o elemento de análise em um SN) e Posição linear (posição ocupada pelo elemento no SN). Scherre estudou essas variáveis de forma separada e depois as uniu. Isso, como nós veremos adiante, possibilita enxergar qual a posição foi mais ou menos marcada no sintagma. Guy (1981) acredita que devemos analisar tais variáveis, apenas, separadamente.

Andrade (2003) estudou e comparou duas comunidades de fala, Tubarão (SC) e São Borja (RS); a autora concluiu que não houve diferenças sobre a atuação variável do mecanismo de concordância nominal de número entre as cidades pesquisadas.

Guy (1981) diz que na comunidade do Rio de Janeiro, a concordância nominal de número estaria em um estado de variação estável, advinda de um processo aquisitivo de *descrioulização*, ou seja, o autor nos apresenta duas hipóteses, sendo uma de natureza histórica e outra linguística. Quanto à primeira, Guy afirma ser o português não padrão oriundo de um processo de *crioulização* de origem africana. Já o segundo, o linguístico, diz respeito à marca de plural ocorrer na primeira posição, sendo esse contexto também procedente de línguas africanas. Assim, em Guy (1989, p. 232), temos que “*este padrão [no Brasil] de colocar a marca de plural no início do SN bem poderia ter sido baseado em um padrão africano*”.

<sup>9</sup> Essas variáveis serão explicadas no capítulo 6.

Naro & Scherre (2006) acreditam que está havendo um processo de perda e ganho da regra de concordância nos elementos do SN no português da cidade do Rio de Janeiro:

Em outras palavras, no que diz respeito à concordância de número em português, as mudanças têm sido consideradas como de *tokens* e não de *types* – são quantitativas e não qualitativas, em outras palavras, mudança sem mudança. Portanto, da mesma forma que os dados da amostra de 2000 revelam aumento de concordância – uma das linhas de reversão previstas por Naro (1981) –, reversão em outra direção, no sentido de menos concordância, também pode ocorrer, bastando, para isto, que se afrouxem as amarras sociais de prestígio. (NARO; SCHERRE, 2006, p. 116).

Nossos estudos foram comparados aos de Scherre (1988) e Andrade (2003). Cabe ressaltar que, apesar de nos basearmos nos estudos dessas autoras, tivemos algumas diferenças com respeito à delimitação dos fatores. Vejamos:

- (a) com relação à variável *classe gramatical*, diferente das autoras acima, incluímos a classe dos numerais, exemplos:
  - 1. Você vê aquelas mesmas pessoas de **cinco** anos atrás, entendeu? (1MOGBJh5ekqw9).
  - 2. Tenho **dois** filhos, Lucas de **dezessete** anos e Janaína de doze. (1NOGBKh4bjnv9).
- (b) na variável *parallelismo formal*, analisamos as posições no SN em função das marcas precedentes a partir da 2ª posição de análise. E, isso foi feito levando em conta a estrutura em si do SN, e não apenas da posição anterior. Exemplos:
  - 3. Perdi até as conta de tantas casaØ que eu já trabalhei... (1NPEDKh58juv#)  
Nesta frase checamos a estrutura do tipo S-Ø.
  - 4. Ela precisa de remédios controlados pra sobreviver! (1NPEDKh57kq+@)  
Nesta frase observamos o tipo S-S.
- (c) na variável *escolaridade*, usamos os níveis fundamental, médio e superior, diferentemente das autoras em questão, que utilizaram o nível primário, ginásio e colegial.

## 5 METODOLOGIA

Neste capítulo apresentamos a metodologia utilizada na nossa pesquisa. Dividimos o capítulo em seções para ilustrar nossos passos. Fundamentalmente, utilizamos o modelo da Teoria da Variação, que vincula a língua a seu contexto sócio-histórico de uso. A teoria oferece o modelo teórico metodológico para que se possam sistematizar as variações encontradas entre os falantes de uma comunidade.

As seções seguintes dizem sobre os métodos utilizados para compor a amostra de fala da comunidade pesquisada, o trabalho em campo, a escolha dos informantes e os critérios adotados para selecionar os SNs que entrariam em discussão. Em seguida, comento os procedimentos para as análises quantitativa e qualitativa, mostrando como foram codificadas as variáveis linguísticas e sociais e como foram obtidos os resultados finais a partir da utilização do programa *Goldvarb 2001*.

### 5.1 Coleta de dados

O corpus utilizado foi composto por dados extraídos de 33 entrevistas, e teve sua origem ainda em 2005, no grupo de pesquisa denominado *Descrição Sócio-histórica do Português de Belo Horizonte*. Além dessas, conduzi novas entrevistas, em 2011, que completaram a base de dados utilizada aqui.

Todas as entrevistas foram devidamente transcritas e delas pude retirar os dados para a análise. Essas entrevistas foram realizadas com informantes naturais de Belo Horizonte ou que tivessem vivido na cidade a partir dos 5 anos de idade, no máximo.

Minha pergunta inicial era: em qual local da grande Belo Horizonte iríamos coletar os dados? Tendo em vista a dissertação de Faria (2008), em que a autora realiza sua pesquisa levando em conta a divisão de bairros implantada pela prefeitura da cidade, decidimos percorrer o mesmo caminho.

Além dessa separação por “regionais”, traçamos um perfil socioeconômico da população para que pudéssemos selecionar os informantes em cada regional. Esse retrato foi construído a partir da nossa concepção de classe social (que vimos no capítulo 2) e pelos dados do censo do IBGE (também vistos no 2º capítulo).

Adaptamos nossa pesquisa ao estudo de Quadros (2002), que fez um estudo do tratamento das classes sociais no Brasil. E, como já foi visto aqui, Quadros realiza seu estudo

se pautando na condição do mercado de trabalho (sócio-ocupacional) do informante. Assim, delimitamos quatro estratos sociais: classe média alta, média média, média baixa, e classe baixa.

Em seguida, tentamos encaixar indivíduos adultos e idosos que morassem em aglomerados urbanos, isso porque apesar das antigas entrevistas já contarem com estes informantes, muitos eram crianças e, por isso, sentimos a necessidade de preencher todas as faixas etárias de informantes moradores de favelas.

Assim, os entrevistados foram selecionados levando em conta os fatores abaixo:

**Quadro 05 - Faixa Etária**

| <b>Faixa etária</b> | <b>Entrevistados</b> |
|---------------------|----------------------|
| De 10 a 14 anos     | 6                    |
| De 15 a 19 anos     | 11                   |
| De 20 à 24 anos     | 4                    |
| De 25 a 59 anos     | 9                    |
| Acima de 60 anos    | 3                    |

Fonte: Dados da pesquisa (2004-2012)

**Quadro 06 - Sexo**

| <b>Sexo</b> | <b>Entrevistados</b> |
|-------------|----------------------|
| Masculino   | 17                   |
| Feminino    | 16                   |

Fonte: Dados da pesquisa (2004-2012)

**Quadro 07 - Classe Social**

| <b>Classe</b> | <b>Entrevistados</b> |
|---------------|----------------------|
| Média (alta)  | 5                    |
| Média (média) | 12                   |
| Média (baixa) | 7                    |
| Baixa         | 10                   |

Fonte: Dados da pesquisa (2004-2012)

**Quadro 08 - Regionais**

| <b>Regionais</b> | <b>Entrevistados</b> |
|------------------|----------------------|
| Oeste            | 12                   |
| Leste            | 3                    |
| Sul              | 2                    |
| Norte            | 2                    |
| Nordeste         | 3                    |
| Noroeste         | 2                    |
| Barreiro         | 3                    |
| Venda Nova       | 3                    |
| Pampulha         | 2                    |

Fonte: Dados da pesquisa (2004-2012)

**Quadro 09 - Escolaridade**

| <b>Escolaridade</b> | <b>Entrevistados</b> |
|---------------------|----------------------|
| Ensino Fundamental  | 13                   |
| Ensino Médio        | 13                   |
| Ensino Superior     | 8                    |

Fonte: Dados da pesquisa (2004-2012)

## 5.2 Entrevista e redes sociais

Uma entrevista sociolinguística exige cuidados, pois lidamos com falantes reais e tudo o que envolve o ser humano se mostra como algo complexo, exigindo, portanto, uma análise bastante criteriosa e sensata. Para esse fim, adotamos o seguinte modelo de entrevista:

Por ser o mais habitual dos procedimentos sociolinguísticos: é o mais vantajoso para a pesquisa da maioria dos fenômenos linguísticos. A entrevista consiste não na interação de dois informantes entre si, mas na do pesquisador ou de seu ajudante (entrevistador) com o informante ou falante. (SILVA, Vera, 2010, p. 125).

Para realizar as entrevistas, utilizamos um gravador de voz da marca Sony (ic recorder/icd-px312), que permite programar uma opção que minimiza os ruídos, captando com mais nitidez a voz do falante, mesmo em ambientes barulhentos. Isso nos garantiu gravações bastante claras, o que nos possibilitou um bom trabalho de transcrição.

Como o objetivo do pesquisador sociolinguista é atingir o vernáculo do falante, utilizei-me de perguntas que colocassem o informante mais à vontade e disposto a manter uma conversa informal. Contudo, essa é uma tarefa árdua, uma vez que a presença de um gravador e a situação de entrevista deixam o falante, muitas vezes, retraído e nem sempre é possível obter um estilo de fala informal. Os estilos que encontramos serão mais bem detalhados no capítulo 6.

Como o fenômeno linguístico analisado se caracteriza pelo cancelamento ou manutenção da marca formal de plural em SNs, as entrevistas foram conduzidas de forma a levar o falante a produzir esses dados. Entretanto, sempre evitamos produzir o efeito “gatilho”, conforme pode ser visto em Giselle Silva (2010, p. 132), “*as perguntas deveriam ser formuladas evitando-se o ‘gatilho’, isto é, formas que se estava querendo elicitare*.”.

Assim, abordamos mais assuntos que sinalizassem quantidades, medidas, tamanhos, pesos, dentre outros que envolvessem questões numéricas. Exemplos:

- (1) Ficamô separado *uns 20 dia...* (0MPFBQKh5floz);

- (2) Mais *uns 300 quilômetro*, aí tomava aquele vento. (0MPFBQKg5flo-);
- (3) Eu estudei em *dois colégios*. (1MOFBSKg5bkoy);
- (4) Fui reprovado em *três matérias*. (risos) (1MOFBSKh47jqv);
- (5) Porque *as parcelas elas são altas* né... (1NOEBTlh57juv).

Para adentrar em uma comunidade e chegar aos informantes, é necessário conhecer como se organizam as redes sociais da região pesquisada, ou seja, perceber aquilo que Milroy (1987) chamou de *social network*.

Também, Meyerhoff (2006, p. 184, nossa tradução)<sup>10</sup> afirma que “*a rede social é definida em função de quem são seus amigos, quem você mora perto, com quem você janta ou toma algumas bebidas, e com quem você trabalha*.”. As redes sociais são caracterizadas em termos de sua densidade, ou seja, das características das relações estabelecidas entre seus membros. Assim, temos organizações sociais consideradas fortes (densas) ou fracas (frouxas):

As redes podem ser diferenciadas com base em aspectos do que seja denso ou solto. Uma rede densa é caracterizada pelo fato de todos em uma rede se conhecerem. Na rede social solta nem todos membros se conhecem (MEYERHOFF, 2006, p. 187, nossa tradução).<sup>11</sup>

A comunidade de fala pesquisada tem um número alto de habitantes e, por isso, os grupos sociais podem ser considerados frouxos. Entretanto, o que percebemos nessa comunidade é que, mesmo podendo exibir esse tipo de *social network*, ela é constituída por redes sociais tanto frouxas como densas.

A cidade em si tem um aspecto de comportamento de rede social frouxa. Esse tipo de rede pode ser exemplificado pelo movimento de entrada e saída de pessoas pertencentes às regiões vizinhas de Belo Horizonte, que buscam atividades e recursos na cidade, pois, Belo Horizonte é considerada o principal município da RMBH<sup>12</sup> e, por isso, esse recebe uma leva de moradores de outras cidades próximas, para fins de trabalho, educação, saúde, lazer etc. Brito & Souza (2005) chamaram esse movimento de pessoas de *mobilidade pendular*:

---

10 Social network are defined by who your friends are, who you live near, who you have dinner or have drinks with, and who you work with.

11 Networks can be differentiated on the basis of whether they are dense or loose. A dense network are characterized by everyone within the network knowing each other. In loose social network not all members know each other.

12 RMBH: Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Os pendulares são aqueles que residem em outro município da RMBH e trabalham em Belo Horizonte, ou, ao contrário, moram em Belo Horizonte e trabalham em outro município metropolitano. A mobilidade pendular é uma função, principalmente, da migração intrametropolitana determinada pela expansão dos vetores urbanos e metropolitanos. Ela - mais do que as migrações - é uma evidência do vigor do tecido social construído sobre o espaço metropolitano, onde o modo de expansão urbana cria uma distância necessária entre o lugar de residência e o de trabalho. Isso pode se dar porque a população mais rica escolheu residir em lugares onde as externalidades positivas compensam os custos adicionais da distância, ou, no caso dos mais pobres, pela coerção do mercado imobiliário e, em menor proporção, em função do mercado de trabalho. (BRITO; SOUZA, 2005, p. 18).

Dessa forma, além do alto número de moradores existente na comunidade pesquisada, fato que impossibilita dizer que todos esses se conhecem e se relacionam entre si, há também a questão da interface de habitantes de outras cidades, que migram, diariamente, para o pólo principal da RMBH. Estes podem ser exemplos que caracterizam Belo Horizonte como um *loose social network*.

Além da característica geral de *social network frouxo* da cidade, encontramos dentro desse, características tanto frouxas como densas. Por exemplo, a rede considerada frouxa foi percebida com mais significância entre os residentes de aglomerados e áreas tidas como socioeconomicamente baixas. A comunicação entre esses moradores parece se dar com mais frequência e permite a entrada de outros indivíduos com mais facilidade. No entanto, na medida em que há uma ascensão socioeconômica de estrato social, as redes se tornam mais fechadas e menores, impossibilitando o ingresso de novos moradores; assim, temos outra caracterização, o *dense social network*.

Acreditamos que seja mais difícil colher dados em estratos sociais mais elevados. Sentimos que esses informantes se intimidavam mais do que os outros e, muitas vezes, recusavam-se a dar a entrevista. E, de fato, temos o menor número de entrevistas nesse estrato.

Entretanto, apesar de percorrermos tanto redes sociais frouxas como densas, pelo fato de a comunidade em si poder ser caracterizada como frouxa, o estabelecimento de uma ponte entre o entrevistador e o entrevistado aconteceu de forma fácil.

Para isso, fizemos contatos do tipo entrevistas com pessoas conhecidas ou conhecidos de pessoas próximas. Apenas duas entrevistas foram dadas por pessoas que abordamos na rua. Isso aconteceu na regional do Barreiro, onde dissemos que precisávamos fazer algumas entrevistas para a realização de um trabalho na faculdade.

Tendo em vista a caracterização do *social network* de Belo Horizonte, e tendo relatado o que ocorreu na abordagem dos informantes, mostraremos na próxima seção, como levantamos e tratamos os dados coletados.

### 5.3 Levantamento e tratamento dos dados

As transcrições foram feitas de modo a reproduzir fielmente o discurso do falante. As entrevistas foram transcritas por inteiro e, após essa fase, realizamos um fichamento de todas as ocorrências de SNs, marcados ou não.

Nesse processo, retiramos de cada discurso os SNs juntamente com seu contexto, como em:

1. Se separamos... aí... **sete anos** depois, a gente se encontrou de novo...  
(1MOFCVKg47jqv=).

No exemplo podemos observar, além do SN em negrito, o seu contexto imediato. Consideramos os SNs com marcas formais de plural e os SNs sem marcas formais de plural. Dentre essas ocorrências, trabalhamos também com os predicados nominais, como em:

2. Os menino dela **tá** tudo grande! (0NPEDKh5%koya).

Nesse exemplo, temos o verbo de ligação “tá” (está) unindo o núcleo (menino) ao complemento “grande”.

Fez-se necessário a exclusão de alguns SNs. Isso se deveu ao fato de certas frases serem de difícil interpretação, ou por serem controversias. Abaixo seguem os SNs excluídos e o motivo de sua exclusão:

- a) Locuções prepositivas → *às vezes, às seis horas, às sete* e outras:
  3. *Por isso que às vezes eu tenho até medo...*
  4. *Eu chegava às 7 horas da manhã...*

O “às” pertence a um SAdv (sintagma adverbial), fazendo com que o SN não seja pleno. Além disso, não sabemos até que ponto a pronúncia contraída do fonema pode influenciar ou não no cancelamento de marca de plural.

b) Expressão → *desses trem, os trem*:

5. *Eu num gosto de falar desses trem não...*

Essa é uma expressão linguística muito encontrada no falar do mineiro. Acreditamos que não deva existir o plural dessa forma. A palavra “trem” designa uma situação ou objeto, até mesmo pessoas.

c) Expressões que indicam pluralidade → *um monte de, uma porção de*:

6. *Ó... as maiores de todas foi o surgimento de várias empresas e um monte de lojas, por exemplo*”.

No SN em questão, teríamos outra forma, como “um monte de loja”. No entanto “um monte” pode ser acompanhado tanto com formas marcadas como não marcadas. Isso acontece pelo fato de a informação de plural contida na frase ser de natureza semântica, e não morfofonológica.

d) O quantificador *tudo* no lugar de *todos*:

7. *Isso as menina tão tudo do meu lado...*;

8. *Fiquei bêbado os dia tudo... Eu nunca fiquei tanto tempo bêbado!*

Não podemos considerar o pronome “tudo” como uma forma sem marcas de plural do pronome “todos”.

e) Quando a passagem era inaudível:

9. *Eu já ouvi falá que tem tantos [?] estádios, tantos hotéis...*

f) O quantificador *tod[o]s* e *tod[a]s*:

10. *Um caos todos os dias, o fluxo de gente na rua é enorme!*

Quando há frases do tipo: “todos os dias” e “todas as horas”, nós não temos a perfeita audição para transcrever os dados. O que acontece é um caso de aglutinação. Pelo fato de a classe gramatical, *quantificadores*, ser composta em nossa pesquisa pelos pronomes “todos” e “todas”, resolvemos excluí-la, também, de nossa análise.

g) O pronome de 3ª pessoa:

Cabe ressaltar que, em um primeiro momento, analisamos a categoria dos pronomes de 3ª pessoa. O *Goldvarb 2001* sinalizou um *KnockOut* (este termo será definido logo em seguida) com valores de 100% de presença de marca formal e 0% de ausência dessa marca. Entretanto, como eram poucas ocorrências e, além disso, todos esses eram marcados na 1ª posição, decidimos não analisar essa categoria. Isso foi visto também em:

Com relação à classe gramatical dos elementos, não analisaremos o pronome pessoal, por percebermos, nos trabalhos anteriores, que não é uma variável significativa. Quando o pronome pessoal é o primeiro elemento do sintagma é sempre marcado, por exemplo: (52) ELES davam roupa, mas brinquedo, essas coisa, bola nunca teve. (1T7L32MBPRI); o mesmo ocorre quando o pronome ocupa a segunda posição no sintagma: (53) Todos ELES trabalham. (2TUB41L13FAPRI) (ANDRADE, 2003, p. 67).

Depois de selecionados os dados, ouvimos novamente cada um, para que pudéssemos ter certeza sobre sua realização. Em seguida codificamos os dados.

#### 5.4 Análise quantitativa

David Sankoff em 1990, elaborou o programa computacional *Goldvarb 2001*, que conduz uma análise quantitativa da variação linguística. Assim, as variáveis linguísticas puderam ser contabilizadas, calculando as suas probabilidades de realização juntamente com outros fatores sociais e linguísticos. Esse programa é essencial, pois:

A análise de regra variável é um tipo de análise multivariada amplamente empregada em estudos de variação linguística hoje em dia. Seu propósito é separar, quantificar e testar a significância dos efeitos de fatores contextuais em uma variável linguística. (GUY; ZILLES, 2007, p. 33).

O trabalho em questão utiliza o *Goldvarb 2001*. Assim, fizemos o tratamento e a codificação dos dados. Tudo aquilo que queremos quantificar precisa ganhar um código, conforme especificado pelo programa. Em nosso caso, optamos pelo algarismo 1, para dizer que há marca no elemento do SN, e o número 0 para representar que determinado elemento no SN não tem marca:

1. Os livro bonito.

Os → 1

livro → 0

bonito → 0

## 2. Os livros bonitos.

Os → 1

livros → 1

bonitos → 1

Essa parte de codificação dos dados foi efetuada na planilha do programa *Microsoft Excel*. Cabe ressaltar que essa parte é feita, na maioria das vezes, direto no *Goldvarb 2001*. Entretanto, como tínhamos muitas entrevistas e muitos fatores, para fins de melhor visualização, preferimos trabalhar no *Excel*.

Procuramos colocar as variáveis que mais se repetiriam nas primeiras colunas. Assim, como um único falante teria apenas um código para as variáveis sociais (sexo, estilo, escolaridade, faixa etária, classe social, regional) as colunas referentes a estas vieram primeiro, em seguida, as que menos se repetiriam foram colocadas nas colunas finais da planilha, que eram as variáveis linguísticas. Assim, após termos definido a ordem de cada variável de forma mais prática possível para ser analisada, adicionávamos a frase a ser analisada, como podemos ver na figura seguinte:

**Figura 19 - Dados da planilha Microsoft Excel**

| A  | B | C | D | E | F | G | H | I | J | K | L | M | N | O | P                                                     |
|----|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|-------------------------------------------------------|
| 1  | 1 | N | O | G | B | W | J | h | 5 | 7 | j | t | v | ; | tem muitas lojinhas... Atende.                        |
| 2  | 1 | N | O | G | B | W | J | h | 5 | 7 | j | t | v | ; | tem muitas lojinhas... Atende.                        |
| 3  | 1 | N | O | G | B | W | J | g | 5 | c | k | o | y | ; | Agora quase todas as faculdades tem Nutrição.         |
| 4  | 1 | N | O | G | B | W | J | g | 5 | 7 | j | s | v | ; | Agora quase todas as faculdades tem Nutrição.         |
| 5  | 1 | N | O | G | B | W | J | h | 5 | c | k | o | w | ; | Agora quase todas as faculdades tem Nutrição.         |
| 6  | 1 | N | O | G | B | W | J | h | 5 | d | l | o | z | ; | Agora quase todas as faculdades tem Nutrição.         |
| 7  | 1 | N | O | G | B | W | J | h | 5 | 7 | j | u | v | ; | atrás de todo mundo...essas coisas assim bem...       |
| 8  | 1 | N | O | G | B | W | J | g | 5 | c | k | o | y | ; | atrás de todo mundo...essas coisas assim bem...       |
| 9  | 1 | N | O | G | B | W | J | h | 5 | 7 | j | o | x | ; | Cé anda cé vê assim...uns três, quatro prédios seno c |
| 10 | 1 | N | O | G | B | W | J | i | 5 | e | l | q | - | ; | Cé anda cé vê assim...uns três, quatro prédios seno c |
| 11 | 1 | N | O | G | B | W | J | h | 5 | 7 | j | u | v | ; | são as mesmas matérias...Intão algumas matérias       |
| 12 | 1 | N | O | G | B | W | J | h | 5 | c | k | q | w | ; | são as mesmas matérias...Intão algumas matérias       |
| 13 | 1 | N | O | G | B | W | J | g | 5 | d | l | o | z | ; | são as mesmas matérias...Intão algumas matérias       |
| 14 | 1 | N | O | G | B | W | J | h | 5 | 7 | j | t | v | ; | são as mesmas matérias...Intão algumas matérias       |
| 15 | 1 | N | O | G | B | W | J | h | 5 | c | k | o | y | ; | são as mesmas matérias...Intão algumas matérias       |
| 16 | 1 | N | O | G | B | W | J | h | 5 | 7 | j | u | v | ; | eu converso direto com as mininas né,                 |
| 17 | 1 | N | O | G | B | W | J | h | 5 | c | k | o | y | ; | eu converso direto com as mininas né,                 |
| 18 | 1 | N | O | G | B | W | J | g | 5 | 7 | j | s | v | ; | mantem todos os requisitos que eles exigem.           |
| 19 | 1 | N | O | G | B | W | J | h | 5 | c | k | o | w | ; | mantem todos os requisitos que eles exigem.           |
| 20 | 1 | N | O | G | B | W | J | h | 5 | d | l | o | z | ; | mantem todos os requisitos que eles exigem.           |

Fonte: Arquivo pessoal (2012)

Depois de analisar os 4.181 SNs, esses foram recortados e colados na plataforma *Goldvarb 2001*, onde se deu a fase de processamento de dados. A sequência de codificação dos grupos de fatores são *tokens*.

Para avaliar os grupos de fatores que podem influenciar o fenômeno linguístico, é necessário introduzir um valor de aplicação da regra, que diz respeito à variável dependente. Assim, como tratamos do cancelamento de marcas formais de plural nos SNs, aplicamos o valor 0 (zero) para ausência de marca.

Após essa fase, o programa nos fornece os resultados percentuais, encontrados na parte *results* → *load cells to memory*. Nesta etapa, temos a análise isolada de cada variável, linguística e social. O *Goldvarb 2001* nos fornece a porcentagem de ocorrência de cada fator em um grupo de fatores. Cabe ressaltar os dados com *knockouts*. Robinson, Lawrence & Tagliamonte (2001) o definem da seguinte forma:

Isto significa que esta função NÃO será executada se houver qualquer *knockouts* ou grupos únicos no arquivo dos resultados finais. Um *knockout* é onde todos os *tokens* são explicitados por um ou outro valor de aplicação. Por exemplo, se estamos olhando para a ocorrência de plural – s, pode ser que em alguma determinada área da gramática (2ª pessoa do plural) não há casos de plural – s. Os arquivos dos resultados mostram que a ocorrência de plural – s é de 0% e a ausência é de 100%, não há nenhuma variação neste ambiente e a análise de regressão múltipla não irá ocorrer (ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE, 2001, p. 23, nossa tradução).<sup>13</sup>

O *Goldvarb 2001* também nos permite visualizar se há ou não uma boa interação entre nossos grupos de fatores, ou seja, se existe um enviesamento de dados. Por exemplo, se temos informantes da classe média (alta) que contemplam todas as idades estabelecidas pela pesquisa, ou se os entrevistados dessa classe pertencem apenas a uma faixa etária. Isso é visto na parte *Cross tabulation*.

Como se trata de uma análise multivariada, os valores de cada fator não são calculados isoladamente, mas sim, sempre em relação com outro grupo. Assim, em seguida, rodamos os PR (pesos relativos). Estes, como afirmam Guy & Zilles (2007, p. 212), fornecem “*uma representação abstrata dos efeitos de contexto independentemente dos níveis gerais de uso de um processo. É preciso lembrar que os pesos são relativos – isto é, são relativos ao ponto neutro.*”. Isso é feito pelo comando de *Binominal Up & Down* ou *Binominal 1 level*. Na interpretação dos PR's, quando o valor é maior que 0,5, temos um efeito favorecedor, e quando o valor é menor que 0,5, temos um efeito desfavorecedor à regra variável.

---

<sup>13</sup> This means that this function will NOT run if there are any knockouts or singleton groups in the results file. A knockout is where all the tokens are accounted for by one or the other of the application values. For example, if we are looking at the occurrence of plural -s, it may be that in a given area of the grammar (2nd person plural in the) there are no instances of plural -s. The results file shows that occurrence of plural -s is 0% and absence is 100%, there is no variation in this environment and the multiple regression analysis will not run.

## 5.5 Análise qualitativa

Quando realizamos uma pesquisa de caráter sociolinguístico, faz-se necessária a observação dos aspectos sociais e linguísticos da comunidade de fala analisada. Precisamos adentrar na comunidade e explorar todos os elementos que a constituem, relacionando-nos com seus falantes e o contexto em que estão inseridos:

Dela faz parte a obtenção de dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo. Nas pesquisas qualitativas, é frequente que o pesquisador, procure entender os fenômenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir, daí situe sua interpretação dos fenômenos estudados. (NEVES, 1996, p. 01).

Tendo em vista o profícuo trabalho descritivo sobre a variável linguística, seria muito difícil realizar apenas uma análise quantitativa. Assim, precisamos conhecer a comunidade de fala em que vamos atuar, bem como os fatores que condicionam a ocorrência ou não da variável em estudo. Um dos métodos de análises qualitativas mais usado é o trabalho etnográfico: *“esse método envolve longo período de estudo em que o pesquisador fixa residência em uma comunidade e passa a usar técnicas de observação, contato direto e participação em atividades”*, que Neves (1996, p. 03) assim definiu.

Para isso, realizamos pesquisas acerca de teorias sociais e linguísticas para explicar a influência da variável em questão na comunidade pesquisada. As variáveis são analisadas sempre em função de outras variáveis. Por exemplo, o estudo das classes sociais leva em conta questões de mercado de trabalho, escolaridade, faixa etária, sexo, estilo de fala, saliência fônica, posição linear, dentre outros.

Depois de realizar e transcrever as entrevistas, delimitamos quais seriam os possíveis fatores condicionantes que influenciariam na realização da variável:

- (a) Posição linear: o que acontece é que não são todas as posições do SN que recebem marcas. Abaixo segue um exemplo em que apenas a 1ª posição do SN foi marcada.
  1. As meninaØ muito bonitaØ era vaiadaØ! (1NPEDKh5%juv@).
- (b) Classe gramatical: como as classes gramaticais se alocam nas posições do SN, em qual classe gramatical teríamos mais cancelamentos. Vejamos que na frase abaixo, as classes que mais cancelaram o plural foram a do adjetivo (*boa* e *ruim*) e a do substantivo (*coisa*).

2. Eles faz coisa ruim pras pessoas... Tem *as coisas boa* e tem *as coisa ruim*... (1NPEDKh5fjuv#).

(c) Classe nuclear: diante de uma análise com as classes gramaticais, teríamos melhores resultados se falássemos em termos de elementos nucleares e não nucleares? Tomemos o exemplo 2 acima, tanto o elemento nuclear (substantivo) como o não nuclear (adjetivos) sofreram cancelamentos, entretanto, precisávamos saber qual destes tipos fazia mais cancelamento.

(d) Marcas precedentes: essa variável diz respeito à forma como o SN é marcado, se é todo assinalado ou parcialmente; assim, qual seria o SN que os falantes mais optariam em usar, como, por exemplo, o 3 (SN todo marcado) ou 4 (SN parcialmente marcado)?

3. Só tinha pessoas com *boas condições* de vida. (1NOEBIh27kqy#).

4. Eu vi *diversos prato*Ø assim... (0NOEBIg58koy=).

(e) Contexto fonético seguinte: o contexto seguinte ao elemento cancelado influencia para a ausência de marca? Ou seja, se o contexto seguinte ao elemento analisado (composto por uma vogal ou uma consoante e até mesmo uma pausa) influencia ou não no cancelamento? Exemplo, nas frases (3) e (4), as palavras *boas*, *condições* e *diversos* foram seguidas de consoantes e tiveram suas marcas mantidas; já a palavra *prato*, seguida de vogal, teve sua marca cancelada.

(f) Segmento do contexto seguinte: pensamos que o contexto seguinte também pudesse ser analisado em termos de traço fonético, assim, novamente, tomemos os exemplos (3) e (4): *boas* é seguida de uma consoante palatal; *condições* é seguida por uma consoante alveolar, *diversos* por uma consoante labial, e *prato* por uma vogal baixa.

(g) Saliência Fônica: uma vez que as formas de plural podem se distanciar pouco ou muito, em termos de sua composição sonora, das formas do singular (compare-se mesa/mesas com hotel/hotéis), podemos nos perguntar se o Princípio da Saliência Fônica influencia na manutenção/ cancelamento das marcas formais de plural.

Até aqui levantamos hipóteses sobre possíveis condicionamentos linguísticos. Mas é necessário proceder da mesma forma com relação a possíveis condicionadores sociais. Assim, elencamos algumas destas variáveis:

- (h) Escolaridade
- (i) Classe social
- (j) Faixa etária
- (k) Regionais da cidade
- (l) Estilo de fala
- (m) Sexo

Diante do exposto, vemos que um trabalho de natureza qualitativa dos dados se faz imprescindível. Conhecer de perto a vida da comunidade e de seus falantes possibilita um estudo linguístico da mesma.

Neste capítulo, apresentamos a metodologia que usamos para construir nossa pesquisa, os critérios usados para coletar os dados, e o tratamento dos dados. Além disso, mostramos as características da organização social da comunidade pesquisada. No próximo capítulo, comento cada uma das variáveis independentes que selecionamos para a análise.

## 6 AS VARIÁVEIS INDEPENDENTES

O fenômeno da indicação de plural em um SN é, pois, nossa *variável dependente*, conforme vimos no capítulo 4.

As variáveis dependentes são condicionadas por fatores internos e externos à língua, respectivamente, os linguísticos e os sociais, chamados aqui de variáveis independentes. A seguir comento essas variáveis.

### 6.1 Variáveis Linguísticas

Conforme registrado na literatura relevante, algumas variáveis linguísticas (ou estruturais) atuam na indicação de plural em um SN. Assim, escolhemos algumas descritas nas subseções seguintes, na seguinte ordem:

- a) Saliência Fônica (Braga & Scherre, 1976; Scherre, 1988; Andrade 2003);
- b) Paralelismo Formal (Paiva & Scherre, 1999; Scherre, 1988; Poplack, 1980);
- c) Classe Gramatical (Poplack, 1980, Scherre, 1988);
- d) Posição Linear (Scherre & Naro, 2007, Scherre, 1988, Poplack, 1980);
- e) Relação com o núcleo do SN (Scherre, 1988, Andrade, 2003);
- f) Contexto Fonético Seguinte (Scherre, 1988);
- g) Segmento do Contexto Seguinte (Braga, 1977, Scherre, 1988).

#### 6.1.1 Saliência Fônica

A variável *saliência fônica* já se mostrou importante na análise dos fenômenos de concordância nominal e verbal na língua portuguesa. Essa variável decorre de um princípio que foi formulado pela primeira vez no estudo de Lemle & Naro (1977 apud Scherre 1988), sobre a concordância verbal no PB.

No que diz respeito à concordância nominal de número, Braga & Scherre (1976), estudando a comunidade da cidade do Rio de Janeiro, foram as primeiras a analisar essa variável. Scherre (1988, p. 64) define o princípio da *saliência fônica*, dizendo que este “*consiste em estabelecer que as formas mais salientes, e por isto mais perceptíveis, são mais prováveis de serem marcadas do que as menos perceptíveis.*”. Exemplos:

- leitão/leitões → forma mais saliente → mais marcada;
- livro/livros → forma menos saliente → menos marcada.

Em seu trabalho, Scherre analisa essa variável levando em conta algumas questões. Uma primeira seria a de responder se o princípio da *saliência fônica* está atrelado às características sociais dos falantes. A segunda questão discute sobre a natureza desse princípio, em termos de três dimensões: diferenciação material fônica, tonicidade dos itens lexicais singulares e número de sílabas desses itens.

A diferenciação material fônica, que Scherre chama de *processos*, diz respeito à formação do plural nas palavras. De acordo com as gramáticas, o morfema -s atua enquanto desinência ou morfema flexional, denotando o plural, conforme visto no capítulo 4.

De acordo com a “lei do menor esforço”, ou seja, “*a tendência à redução da atividade física e mental (a lei do menor esforço, de Zipf), que leva à eliminação das diferenças.*” (CUNHA, Maria, 2001, p. 09), conseguiríamos explicar melhor o fenômeno do cancelamento de marcas no SN.

Assim, a autora trabalha com a formação de 06 (seis) plurais: plural duplo, itens terminados em -l, itens terminados em -ão, itens terminados em -R, itens terminados em -S e o plural regular. Os resultados obtidos pela autora indicam que as formas com maior diferenciação material fônica, ou seja, as formas mais complexas (ovo/óvos, leitão/leitões, casal/casais) tendem a ser mais marcadas do que as formas que apresentam menor diferenciação (coisa/coisas, carioca/cariocas).

Andrade (2003) trabalhou com esses seis tipos de plural, sendo que, no tipo *itens terminados em -ão*, ela o separou em dois: de um lado -ãe e -õe; e de outro os regulares em -ão (sem mudança do ditongo). A autora afirma que “*como já havia sido concluído em trabalhos anteriores, formas mais salientes são mais perceptíveis e, por esse motivo, são mais marcadas.*” (ANDRADE, 2003, p. 105).

Tendo em vista as considerações acerca da variável *saliência fônica*, partiremos da hipótese de que formas mais salientes são mais marcadas que as menos salientes.

A variável *saliência fônica* teve seus fatores codificados da seguinte forma:

a) → Plural duplo:

São os itens em que há uma metafonía; abertura do som de uma vogal, -o → □.

1. Tinha uma empresa de jogos eletrônicos e tal... (1MPECJgZ7jov?).

b) → Itens terminados em -l:

O plural se faz com alteração silábica -l → -is.

2. Por causa de tais acontecimentos... (1MOFCKg&7juv=).

c) → Itens terminados em -õe/-ãe:

O plural se faz com mudança na vogal, -ão → -õe ou -ãe.

3. Tô meio agarrado *nas* construção que tô terminando.  
(0MOFCKh28koy#).

d) → Itens terminados em -r:

O plural se faz através da inserção de -es; -r → -es ou -e.

4. As maiores de todas foi o surgimento de várias empresas.  
(1MPGBKh3ekoya).

e) → Itens terminados em -s:

O plural se faz de dois modos: ou se insere -es, ou não modifica nada, pois o plural fica semanticamente subentendido no fonema [s]. Nesse grupo, também consideramos a classe gramatical dos numerais.

5. Ele repetiu *três* vezes a macarronada. (1NOEBTIh47jqv).  
6. Na época tinha até aquele chiqueirinho *nos* ônibus né...  
(1MOFCKh47koy@).  
7. Tipo na festa de quinze anos dela... ela tava com um tênis lindo!  
(1NOEBTIg47jqv).

f) → Plural regular:

Itens em que o plural se realiza apenas com a inserção de -s.

8. Bola maluca, ioiô, essas coisa... (0MOFCKg58koy=).

g) → Plural regular em -ão:

São as formas em que não há mudança na vogal (como vimos em -õe e -ãe).

9. Quem sai são *meus* irmãos e eles conhecem bastante gente...  
(1NPFCIg67koy!).

### 6.1.2 Paralelismo Formal

A variável *paralelismo formal* é um assunto muito discutido e de muita importância para nossa área. Ela pode atuar, influenciando ou não, o fenômeno tratado aqui. A observação desse fator foi vista no plano discursivo, oracional, sintagmático e no morfológico:

O paralelismo lingüístico em sentido lato, isto é, a repetição de elementos da mesma natureza ou de natureza semelhante, além de atuar de forma sistemática em fenômenos de todos os subsistemas lingüísticos, atua também em planos (ou níveis) lingüísticos diversos. (PAIVA; SCHERRE, 1999, p. 05).

Como examinamos o cancelamento de marca formal de plural que ocorre no SN, o paralelismo que observamos acontece no nível do sintagma. Assim, tomemos como exemplo um sintagma nominal de três elementos:

(1) *As leis trabalhistas* x (2) *As lei*Ø *trabalhista*Ø.

Investigamos se o SN tem uma estrutura toda marcada, como em (1), ou com quebra de marcas, como em (2):

A marcação imediatamente precedente leva a mais marcas (...) e zeros levam a zeros, um efeito que é claramente estrutural (...), favorece marcação de todas as marcas (funcionalmente redundantes) ou em nenhuma (perda de função). (POPLACK, 1980, p. 61, tradução nossa).<sup>14</sup>

Em Schiffrin (*apud* Scherre, 1988, p. 55) temos que “*parece haver uma tendência geral para formas gramaticais particulares ocorrerem juntas*”. Assim, a mente humana opera ora marcando todos os elementos, de forma redundante, ora não marcando, obedecendo à lei do menor esforço:

Embora admitamos que a variável Paralelismo formal esteja ligada algum princípio mental de repetição, que pode até implicar redução de esforço, consideramos que a colocação de Martinet insinua que o falante tem influência consciente neste processo de repetição, o que diríamos não ser o que ocorre, inclusive no discurso oral livre. Em verdade, a forma de atuar da variável Paralelismo formal mostra que

<sup>14</sup> An immediately preceding marker leads more (when S, OS e SS) precede the token in question, deletion is disfavored (...), zeros leads to zeros, an effect which is clearly structural (...), and counter-functional, in that rather than favoring marking patterns with one inflectional marker of plurality, it favors marking either everywhere (functionally redundant) or nowhere (loss of function).

os falantes são compelidos a usar formas semelhantes por algum princípio mental associativo, que pode estar ligado a uma das formas da mente humana operar, refletido no comportamento humano em geral. (SCHERRE, 1988, p. 164).

Ainda dentro do plano sintagmático, de acordo com os estudos de Scherre (1988), o papel da variável *paralelismo formal* foi visto sob duas óticas: da variável *marcas precedentes* e da *pluralidade do contexto*. Ambas são tomadas no nível sintagmático.

Em nosso caso, como foi observado nos exemplos (1) e (2) desta seção, temos o fato de que, quando o primeiro elemento tem a marca do –s morfológico, logo o segundo elemento também tenderá a apresentar essa mesma marca; ao contrário, quando o primeiro elemento não tem a marca formal, o segundo não terá, porém com uma ressalva: é preciso pelo menos uma marca que informe o plural, pois, caso não haja, a informação é perdida:

O falante prefere a estrutura com todas as marcas formais de plural –sss- (os outros colégios; as partidas todas iguais; uns amigos meus; aquelas brigas todas) ou com zeros, uma vez marcada a primeira posição, -x00- (as lei trabalhista, uns colega meu, quatro quarto reservado). (SCHERRE, 1988, p. 189).

Já os numerais em si já carregam a carga semântica que indica quantidade. Assim, quando temos um sintagma do tipo *quatro bola branca*, não houve a flexão do –s de plural nem em *bola* (substantivo) nem em *branca* (adjetivo); isso pelo fato de a pluralidade estar contida no numeral, *quatro*.

Como percebemos, a variável em questão é um assunto que vem sendo amplamente analisado e discutido entre os pesquisadores da área. Diante do exposto, verificamos se a variável *paralelismo formal* atua no cancelamento de marca formal de plural, partindo da hipótese de que “zeros levam a zeros e, marcas levam a marcas”.

O grupo de fator *paralelismo formal* teve seus fatores codificados da seguinte forma:

a) S-S-S

Marcas totais, SN com três ou mais posições marcadas.

1. Cuidando dos meus filhos... Ela é muito boa... (1NPFBULg5dloz).

b) S-S

Marcas totais, SN com duas posições marcadas.

2. Todos eram pessoas educadas, inclusive as meninas que trabalharam comigo... (1NPFBULg57juv).

## c) S-Ø-Ø

Quebra de marcas, em que a informação de plural é dada pela 1ª posição e, no restante do SN, o primeiro zero prevê mais zeros nos elementos seguintes.

3. *Meus hábito são muito diferente*, né... (1MPFBKg5%jrv=).

## d) S-Ø

Quebra de marca, em que a informação é dada na 1ª posição.

4. Tem *meus netin* agora... (0NPFBULg5ckoy).

## e) Ø-S-Ø

Aqui, como diz Andrade (2003), há uma “mistura de marcas”. E a informação de plural é da na 2ª posição.

5. E todo mundo achava *bunitim* os *doce*... (0NPEAWIg5gjqv?).

## f) S-S-Ø

“Mistura de marcas”, em que se assinalam as duas primeiras posições e cancelam as últimas.

6. Desde *os dois aninho* até os 90... (0MPFBKg5cloz=).

## g) Numeral-Ø

SN com numeral antecedendo ou sucedendo um elemento sem marca de plural.

7. Eu passo *três dia* sem ir lá.. (0NPFBULh5bkoy).

## h) Numeral-S

SN com numeral antecedendo ou sucedendo posições marcadas.

8. Já tem uns *vinte anos*... Com certeza... (1NPFBULh5dloz).

### 6.1.3 Classe Gramatical

As classes gramaticais acontecem em uma sentença de acordo com as posições que ocupam: determinantes (artigos/demonstrativos, indefinidos, possessivos, numerais) núcleos (substantivos e categorias substantivadas) e complementos (adjetivos).

Entretanto, nem sempre temos o modelo determinante+núcleo+complemento. Vejamos o exemplo:

1. Só pessoas com *boas condições* consegue chegar lá. (1NOEBTIh2ckqy).

O que temos é o adjetivo *boas* antes do substantivo *condições*, fazendo com que o modelo inicial não seja sempre seguido. Assim, Scherre afirma:

Não se pode estabelecer um paralelo entre determinante e primeira posição; substantivo e segunda posição, adjetivo e terceira posição. Mesmo nos SNs de três ou mais constituintes, o paralelo assim feito encobre fatos importantes: 1) determinantes na segunda posição são até mais marcados do que na primeira; 2) os substantivos têm mais chances de serem marcados na terceira posição do que na segunda; 3) os adjetivos, inversamente aos substantivos, se apresentam mais marcados na segunda do que na terceira posição. (SCHERRE, 1988, p. 156).

Poplack (1980) concluiu que os adjetivos e substantivos favoreciam mais o cancelamento de marcas de plural que os determinantes. Além disso, a autora realizou um estudo em que verificou os gêneros masculinos e femininos nos nomes do espanhol de Porto Rico. Assim, sinalizou um importante fator:

O fato de o determinante do plural masculino sofrer uma mudança de vogal (el → los), indica pluralidade mesmo quando o (s) é cancelado. Na norma padrão espanhola, no SN, a forma do gênero é marcada de forma redundante, como nos números; mas, nos casos de mudança de gênero, que tenho coletado, agora são numerosos suficiente para não serem apagadas como erros de desempenho. Pode resultar na determinação do plural masculino, como marcador de plural no SN (POPLACK, 1980, p. 65, tradução nossa).<sup>15</sup>

Andrade (2003) afirmou que:

Com relação à classe gramatical, o que nos chamou a atenção foi que os substantivos, quando estão na primeira posição do SN, possuem peso relativo maior que os determinantes na primeira posição. A única classe que nos pareceu que desfavorece significativamente a aplicação da regra é a classe dos adjetivos. (ANDRADE, 2003, p. 106).

---

<sup>15</sup> The fact that the masculine plural determiner undergoes a stem vowel change (el → los), which indicates plurality even when (s) is deleted. Standard Spanish marks gender redundantly across the NP, as it does number, but instances of gender reassignment I have been collecting, which are now numerous enough not to be written off as performance errors. May result in the masculine plural determiner taking over as the plural marker in the NP.

Percebemos a necessidade de uma análise que una as variáveis classe gramatical e posição linear. Assim, se não analisássemos a posição que a classe gramatical ocupa, “*encobriríamos fatos importantes*”, como disse Scherre (1988, p. 227).

Diante do exposto, partimos da hipótese de que os substantivos, adjetivos, categorias substantivas e numerais são as classes gramaticais que, por estarem nas últimas posições do SN, mais sofrem o cancelamento de marcas formais de plural. Já os possessivos, artigos, demonstrativos, indefinidos que, na maioria das vezes fazem o papel de determinantes, sofrem menos cancelamentos de marcas.

Para isso, codificamos esse grupo da seguinte forma:

a) → Substantivo:

2. Aqui em Belo Horizonte só *as escola*. (0NPEDKh58koy@).

b) → Categoria substantivada<sup>16</sup>:

3. Formaram pela Newton de Paiva, os dois na federal e *os mais velhos* na federal. (1NPFBLh5clpz@).

c) → Adjetivo:

4. Tem *professores bons*, melhores do que ano passado. (1NPFClh57kq+@).

d) → Numerais

5. Acho que *sete meses* que meu pai morreu... (1NPFClh4bjnv@).

e) → Possessivo:

6. Ela ajudou *nos meu exame médico* assim. (0NPFClg5%krw!).

f) → Indefinidos:

7. Eu vi *várias amigas minhas* querendo amigos. (1NPFClg4ejtv=).

g) → Artigos e demonstrativos:

---

<sup>16</sup> Quando um pronome ou um adjetivo assume o papel de um substantivo.

8. Ele vê umas coisa colorida e começa a ri sozinho. (0NPFCIg5%lq-!).

#### 6.1.4 Posição Linear

A variável *posição linear* tem sido considerada uma das mais importantes, senão a de maior relevância em trabalhos de cunho variacionista (NARO; SCHERRE, 2007; SCHERRE, 1988, POPLACK, 1980).

A posição linear refere-se às posições dos elementos dispostos em um SN. Assim, Naro & Scherre (2007, p. 37) dizem que “*a primeira posição do SN favorece variavelmente a presença da marca explícita de plural e as demais desfavorecem-na, também variavelmente.*”. Vejamos exemplos de nossos dados:

**Quadro 10 - Exemplos de Posição Linear**

|                                                                           |            |
|---------------------------------------------------------------------------|------------|
| “A <u>s</u> menininhaØ tá umaØ gracinhaØ né... elas<br>apronta bastante.” |            |
| 1ª Posição                                                                | As         |
| 2ª Posição                                                                | menininhaØ |
| 3ª Posição                                                                | tá         |
| 4ª Posição                                                                | umaØ       |
| 5ª Posição                                                                | gracinhaØ  |

Fonte: Dados da pesquisa (2012)

No estudo de Poplack (1980, p. 65, tradução nossa)<sup>17</sup>, sobre o espanhol de Porto Rico, a autora concorda com Scherre & Naro e faz considerações também com relação à classe gramatical: “*a primeira posição também é consistentemente o ambiente mais conservador em relação à eliminação, independentemente da categoria gramatical do item nesta posição.*”.

Diante disso, partimos da hipótese de que o não cancelamento das marcas de plural acontece, preferencialmente, na 1ª posição do sintagma, sendo que o cancelamento se realiza mais da 2ª posição a diante.

Antes de mostrar nossa codificação, devemos relembrar que consideramos também os chamados sintagmas nominais predicativos, como foi dito no capítulo 5. Porém, ao contabilizar e analisar as posições lineares, esses verbos não foram considerados.

Para isso, codificamos esse grupo da seguinte forma:

<sup>17</sup> First position is also consistently the most conservative environment with regard to deletion, regardless of the grammatical category of the item in this position.

a) → Primeira Posição

1. Eu tenho duas irmãs mais velhas! (1NPGAKg4cinv!).

b) → Segunda Posição

2. Por causa desse amigo dos meus irmãos! (1NPGAKg5ekrw!).

c) → Terceira Posição

3. Era umas duas horas da tarde. (1NPGAKh5cloza).

d) → Quarta Posição

4. Abre a porta pra outras droga mais pesadas... (1MPFBKh5smq-#).

e) → Quinta

5. O pai é lutador... As irmãs é tudo trabalhadeira. (0NPEDKh5%nq-!).

#### 6.1.5 Relação com o Núcleo do SN

A variável relação com o núcleo do SN nos possibilita verificar o comportamento relacional de cada elemento no sintagma e de cada elemento com relação ao núcleo. Assim, as posições de cada elemento são delimitadas em função do núcleo do SN, com as seguintes possibilidades:

a) Classe não nuclear anteposta ao núcleo

1. Estava com dezenove anos quando perdi meu pai. (1NPFBULg5bkoy).
2. E os cunhados fazendo economia pra não gastá... (1NPFBULh57juv).

b) Classe nuclear

3. Dividiu em prestações iguais... Dois anos... Sem acréscimo sem nada. (1NPFBWLh&ckqw).
4. Tive que fazê três teste psicotécnico tirei noventa e cinco. (0NPFBWLh5bkoy).
5. E as cerimônias, todas as cerimônias religiosas são muito vividas... (1NPFBWLh57juv).

## c) Classe não nuclear posposta ao núcleo

6. E *as duas meninas mais novas*... Ana Paula e a Márcia... (1NPFBULh57juv).
7. Você tem os olhos *expressivos*, cê precisava de estudá... (1NPFBWLh5dlq-).

Scherre (1988), ao explicar a relação entre os elementos e o núcleo, levantou a hipótese da Coesão Sintagmática. Assim, quando os constituintes do SN aceitam ser separados por modificadores, teríamos aí uma relação sintagmática menos coesa; logo, como a ligação é fraca, poderíamos dizer que haverá menos marcas de plural nessa situação. Ao contrário, os constituintes que não aceitam ser separados, têm uma relação sintagmática mais coesa e, assim, com a forte ligação, há a probabilidade de haver mais marcas de plural. Vejamos o exemplo:

8. Eu tava ‘siguino’ *a Silva Lobo* e veio dois rapaz e duas moças. *Dois tava bem vestido*, dois de chinelo de borracha... (0NPFBWLg57jsv).

O verbo de ligação “tava” e o modificador “bem” penetram entre a categoria substantivada “dois” e o adjetivo “vestido”. Isso torna a relação menos coesa.

Podemos ver que há uma relação entre as variáveis: Posição, Classe Gramatical e Relação com o núcleo do SN. Assim, a variável “Relação” é vista como uma variável que exerce uma influência forte para a ocorrência de cancelamentos de marcas, uma vez que abrange mais duas variáveis linguísticas. Andrade (2003, p. 72) afirma que “*qualquer classe gramatical anteposta ou qualquer classe gramatical posposta ao núcleo do SN apresenta, respectivamente, mais ou menos chances de conter marcas formais de plural.*”. Assim, partimos da hipótese que leva em conta esta afirmação de Andrade (2003).

Para isso, codificamos esse grupo da seguinte forma:

## a) → Classe não nuclear anteposta ao núcleo na primeira posição:

9. Tem o Gabriel que é meu melhor amigo e tem *várias coisas cômicas* que ele faz. (1MOFBKh4ejtv#).

## b) → Classe não nuclear anteposta ao núcleo na segunda posição:

10. Por causa desse amigo *dos meus irmãos*. (1NPGAKg5ekrw!).

c) → Classe nuclear na primeira posição:

11. Época de *férias minhas*, ele passava lá à tarde! (1NPGAKh47jox@).

d) → Classe nuclear na segunda posição:

12. Ele... *Meus irmãos* começaram a tomar conta de mim.  
(1NPGAKh67koy#).

e) → Classe nuclear na terceira posição:

13. *Esses três anos*, que eu vi também, deixo a desejar. (1MOFBKh5bloz#).

f) → Classe não nuclear posposta ao núcleo na segunda posição:

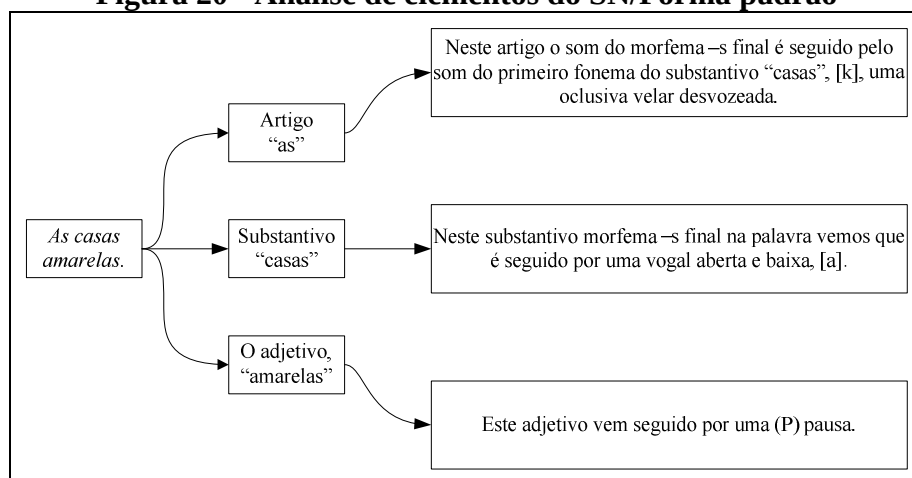
14. Em condição que eu possa pagá *as contas legais*, cuidá da casa.  
(1MOFBKh&elq+#).

g) → Classe não nuclear posposta ao núcleo nas demais posições:

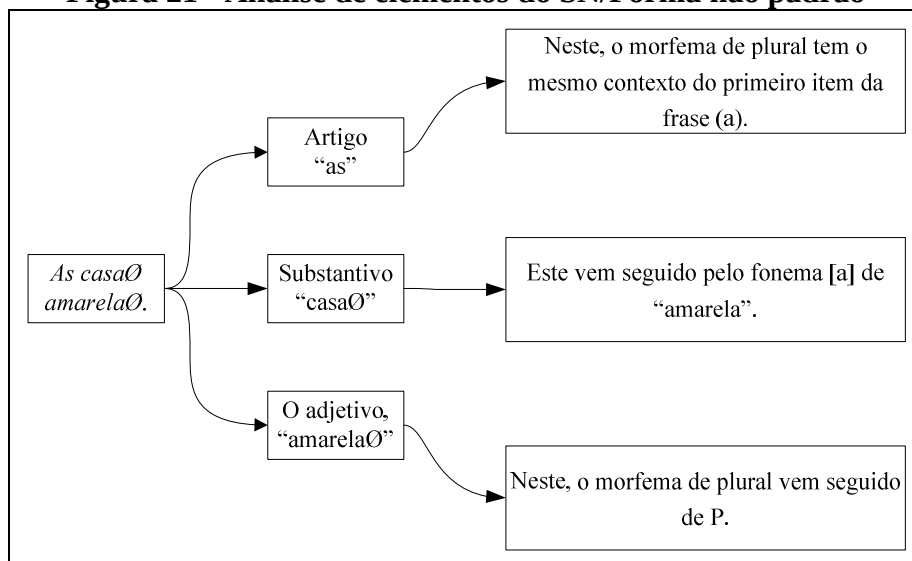
15. Eu tenho *duas irmãs mais velhas* e cinco homens. (1NPGAKh4bln-#).

### 6.1.6 Contexto Fonético Seguinte

A variável *contexto fonético seguinte* analisa o som que sucede cada um dos elementos constituintes de um sintagma nominal. Vejamos o exemplo disso nas frases abaixo:

1. *As casas amarelas.***Figura 20 - Análise de elementos do SN/Forma padrão**

Fonte: Dados da pesquisa (2012)

2. *As casaØ amarelaØ.***Figura 21 - Análise de elementos do SN/Forma não padrão**

Fonte: Dados da pesquisa (2012)

Scherre (1988) partiu do pressuposto de que a variável *contexto fonético/fonológico seguinte* afirmaria o modelo silábico CV do português e, logo, que a vogal seguinte favoreceria a inserção de marcas de plural enquanto a consoante a desfavoreceria. Assim, a autora tomou como estudo as formas de itens terminados em -R (flor), -S (mês), em que o

plural se faz com inserção de –ES (flores) ou –e (mese ou meses)<sup>18</sup>. A autora, assim concluiu que:

A partir da observação dos dados, verificou-se que, contrariamente à linha esperada, uma consoante seguinte parecia favorecer mais a inserção de marca de plural nos nomes terminados em –S ou –R, especialmente nos em –S (SCHERRE, 1988, p. 242).

Além da expectativa de que a oposição consoante x vogal contribua para controlar as marcas de plural nos elementos dos sintagmas nominais, reafirmando o padrão CV do português, outro fator também aparece, a pausa (P).

A importância da pausa também é colocada em pauta por diversos autores. Poplack (1980) observa que a pausa contribui mais que as consoantes e vogais para o cancelamento do –s morfêmico.

Partimos da hipótese de que o padrão silábico CV do português influencie no fenômeno da indicação de plural em um SN. Assim, esperamos que a consoante seguinte favoreça o cancelamento e a vogal o desfavoreça. E, além dessa oposição, verificamos se a pausa também inibe ou não as formas de cancelamento do plural.

Para isso, codificamos esse grupo da seguinte forma:

a) → \_\_\_\_ # Consoantes

3. Eu já ouvi falar que tem *tantos estádios*, tantos hotéis!  
(1NOGBKH57jtv?).

b) → \_\_\_\_ # Vogais

4. E tem outros, *vários* outros colegas que sempre sai também.  
(1MOFBKI4ejtv?).

c) → \_\_\_\_ # Pausa

5. Isso quando eu era novinho! Onze anos, *doze anos...* Ø (1MOFBKJ5bkoyQ).

<sup>18</sup> Apesar de a autora não ter feito esse estudo para as formas de plural duplo (maravilhosos), os finalizados em –l (pincel) e –ão (botão), e o plural dos itens regulares, ela afirma que o raciocínio para estes pode ser o mesmo.

### 6.1.7 Segmento do Contexto Seguinte

A variável *segmento do contexto seguinte* também nos possibilita uma análise mais ampla sobre a influência do som no contexto seguinte ao elemento analisado. Assim, esta variável se liga, e muito, à que distingue o *contexto fonético seguinte* em vogais, consoantes e pausa.

O *segmento do contexto seguinte* busca descrever o tipo de consoante e de vogal que estamos observando. Para isso, procedemos sob a perspectiva da *fonética articulatória*, a qual estuda os sons da fala visando o aspecto fisiológico e articulatorio.

Braga (1977) analisando o português de Uberlândia- MG, levou em conta os traços do segmento seguinte. A autora concluiu que os segmentos palatais, com .11, são os que menos favorecem o cancelamento de marcas de plural. Em seguida, nós teríamos os labiais, com .36, os nasais, com .41, os dentais, com .42. Os segmentos velares, com .65, foram os únicos que favoreceram o cancelamento de marcas.

Assim, pensamos que a classificação do *segmento do contexto seguinte* consiga capturar alguma regularidade da influência de vogais e consoantes no cancelamento de marcas formais de plural na indicação de plural em um SN.

Diante disso, partimos da análise que leva em conta o lugar de articulação em que ocorrem os segmentos seguintes, e da hipótese de que as consoantes velares favorecem mais o cancelamento de marcas.

A seguinte codificação foi estabelecida:

#### a) labiais

1. E construiu *algumas* praças... Mas no geral não mudou muito não!  
(1MOGBJh57jtvK).

#### b) dentais

2. A iluminação durante a noite em *algumas* ruas deixa a desejar...  
(1MOGBJh57koyL).

#### c) nasais

3. De outros bairros mais perigosos, como o Jardim América...  
(1MOGBJh5ekoyM).

d) palatais

4. Bom, *pros j*ovens da minha idade. (1MOGBJh57juvN).

e) velares

5. A iluminação durante a noite em *algumas r*uas deixa a desejar... (1MOGBJh57jtv#).

Além destas, optamos por incluir, também, as vogais; porém, apenas com o intuito de mostrar qual tipo parece favorecer mais o cancelamento de marcas formais de plural:

f) altas

6. Mais, *as pessoas mais i*dosas, mais velhas (1MOGBJg4elq-A).

g) médias

7. A Tamires com *quinze anos e*la tava bem desenvolvida... (1NOGBKg5bkoyB).

h) baixa

8. A tranquilidade, *as casas mais a*ntigas... (1MOGBJg4elq-C).

E, também, a pausa:

i) P

9. Tenho *vinte e nove anos. Ø* (1MOFBKi5bkoyP).

## 6.2 Variáveis Extralinguísticas

Dissemos que as variáveis extralinguísticas também influenciam no fenômeno da indicação de plural em um SN. Assim, apresentamos os grupos de fatores com que trabalhamos no aspecto social, e o estudo da literatura relevante para cada variável. Vejamos a ordem em que aparecem:

- a) Classe Social (Meyerhoff 2006; Quadros 2002; Mollica 2010; Chambers 2002; Labov 2008; Scherre 1998; Oliveira 1982),

- b) Faixa Etária (Bourdieu 1977; Meyerhoff 2006; Monteiro 2000; Paiva; Silva, Gilvan 1998; Labov 2008),
- c) Escolaridade (Ricardo 2004; Paiva; Silva, Gilvan 1998; Andrade 2003),
- d) Estilo de Fala (Labov 2008; Meyerhoff 2006; Macedo 2010),
- e) Regionais da Cidade (Teyssier 1982; Faria 2008),
- f) Sexo (Chambers 2002; Wolfram 1969; Eckert 1996; Lucchesi; Araújo 2011; Scherre 1988; Labov 2008).

### 6.2.1 *Classe Social*

Iniciamos nossa discussão sobre o termo “classe social” no capítulo 2. Neste momento, iremos retomá-la para mostrar outros estudos que abordaram esse tema para explicar as variáveis linguísticas. Como dissemos antes, o estudo da língua, interligado à classe ou estratificação social, é de interesse para sociólogos e sociolinguistas, sendo os últimos os mais interessados nos fatos linguísticos.

Assim, no estudo em questão, definimos classe social a partir da ocupação no mercado de trabalho. Como afirmamos antes, o estudo se assemelha mais à perspectiva de Weber (1864-1920 apud MEYERHOFF 2006), em que o meio onde a pessoa nasce e vive, além de suas expectativas e chances na vida, são fatores que contribuem para sua futura ocupação no mercado de trabalho:

A medida de status que é frequentemente baseada na profissão, renda e riqueza, também pode ser medida baseada na expectativa de vida e mobilidade social. Esses fatores também podem ser usados para caracterizar indivíduos de um mesmo grupo de classe socioeconômica semelhante. (MEYERHOFF, 2006, p. 158, nossa tradução).<sup>19</sup>

Em uma sociedade, existem pessoas que compartilham de gostos e hábitos parecidos, formando um estrato social, que indica a existência de diferenças entre as camadas sociais que compõem certa comunidade. Assim, temos uma hierarquia social e linguística também. Entretanto, a estratificação não deve ser tomada como algo negativo na sociedade, como

---

<sup>19</sup> A measure of status which is often based on occupation, income and wealth, but also can be measured in terms of aspiration and mobility. These factors can then be used to group individuals scoring similarly on these factors into socioeconomic classes.

vemos acontecer; ela simplesmente existe porque existe o diferente e o comum. E, como vemos, a estratificação não é a classe em si, mas um aspecto de sua constituição:

As distintas ocupações (profissões declaradas ao entrevistador) foram agregadas em grupos afins. Cruzando com a situação na ocupação (assalariado, empresário, autônomo, etc.) definiu-se uma série de “grupos ocupacionais” que, quando hierarquizados, compõem a estrutura ocupacional. Por sua vez, a agregação dos indivíduos ocupados em suas famílias conforme a estrutura “sócio-ocupacional”. É com base nesta estratificação sócio-ocupacional que pretendemos nos aproximar da estrutura das classes sociais. (QUADROS, 2002, p. 03).

Ao analisar uma variável linguística pela ótica de certa variável social, é comum nos remetermos a outros aspectos sociais. Assim, ao classificar a classe social do falante pela sua sócio-ocupação, ligamos também fatores, como: escolaridade, a renda financeira, estilo de fala, faixa etária, dentre outros. Contudo, as classes sociais foram delimitadas aqui, como já dissemos, enquanto constituídas de acordo com o trabalho (emprego) do falante:

Alguns resultados servem de comprovação de que variável mercado se mostra relevante, pois demonstram que, quanto maior a cotação na escala do mercado ocupacional, maior a chance de haver ajuste à norma padrão concordância nominal, por exemplo, fenômeno inegavelmente marcado socialmente. (MOLLICA, 2010, p. 29).

O que podemos perceber é que a língua atua indicando os comportamentos sociais dos falantes, refletindo a opção linguística de certo grupo de pessoas. Assim, as variantes linguísticas acontecem de maneira diferente entre os estratos sociais, levando em conta a camada social. Temos que:

Uma variante é mais frequente na fala dos membros de uma classe social mais alta e outra variante é encontrada com mais frequência na fala de membros de uma classe mais baixa. (MEYERHOFF, 2006, p. 160).<sup>20</sup>

Como as classes sociais influenciam na escolha das variáveis linguísticas, vemos surgir o problema do estigma e prestígio linguístico. O que ocorre é que todo acontecimento linguístico que não siga as tradicionais regras da gramática é tido como erro e torna-se alvo de preconceito. Assim, aqueles estratos sociais que mais seguirem as regras do sistema linguístico são considerados mais cultos e inteligentes. Isso resulta em uma estratificação

---

<sup>20</sup> One variant is more frequent in the speech of members of a higher social class and another variant is found more often in the speech of members of a lower class.

linguística, uma vez que o padrão da língua de um estrato econômico alto é considerado o correto. Vejamos:

Mesmo em sociedades em que as classes sociais não oferecem resistência a indivíduos ambiciosos, muitas pessoas as marcam em suas interações significativas com pessoas que lhes são similares economicamente, em ocupação ou em escolha de atividades de lazer. Pessoas que ascendem na escala social, ultrapassando uma ou duas classes da de seus pais, muito freqüentemente entrincheiram-se em sua nova classe, o mais longe possível, em vez de tentar manter relações em duas classes [...]. (CHAMBERS 1995 *apud* AMARAL 2003, p. 46).

Diante disso, deparamos-nos com falantes de classes socioeconômicas baixas que almejam mudar para estratos mais altos e, para isso, um dos recursos usados é a recorrência à língua, pois começam a fazer uso de variantes linguísticas prestigiadas. Labov (2008), em seus estudos sobre a estratificação do “r” na cidade de Nova York, mostra que a classe baixa, ao recorrer ao sistema linguístico para se equiparar à classe superior, é a que demonstra insegurança linguística. Assim a hipercorreção em suas variáveis é sempre maior que nas outras classes sociais. Scherre (1998) acredita que o padrão de hipercorreção aconteça ainda mais na classe social localizada imediatamente abaixo da classe de maior poder.

Essa hipercorreção resulta no processo de variação estilística, que é a escolha consciente que o falante faz com relação ao estilo de linguagem (culto ou coloquial) que vai adotar. Essa situação pode até culminar em mudanças linguísticas. Oliveira (1982) acredita que as mudanças ocorram levando em conta a estrutura organizacional de certa comunidade de fala, e, além disto, o mesmo diz que nem sempre ocorrem a partir de camadas sociais intermediárias, como sugerem os estudos de Labov (2008) e de Scherre (1998). Por exemplo, em sua pesquisa, na cidade de Belo Horizonte, a possível mudança que envolve o cancelamento do /r/ se inicia na camada social mais baixa.

O fenômeno do cancelamento de marcas explícitas de plural no SN pode ser um indicador morfofonológico de estratificação social na cidade pesquisada. Assim, de acordo com os autores acima, partimos da hipótese de que quanto mais alto o estrato socioeconômico, menos haverá o uso da forma não padrão indicação de plural em um SN e, ao contrário, quanto mais baixo o estrato, mais marcas de cancelamento iriam acontecer.

Codificamos da seguinte forma as classes sociais, as quais já foram definidas e exemplificadas no capítulo 2:

- a) Classe média (alta)
- b) Classe média (média)

- c) Classe média (baixa)
- d) Classe Baixa

### 6.2.2 Faixa Etária

A variável *faixa etária* pode influenciar os fenômenos linguísticos. Ela seria um indicador linguístico e social do sistema, mostrando a ocorrência das formas prestigiadas e estigmatizadas da língua, as quais podem ser encontradas nas demais idades. Além disso, a *faixa etária* é um indicador de mudança linguística.

Bourdieu (1977) afirmava que o significado de certa palavra não é o mesmo para todos os falantes, ou seja, o que uma palavra significa para uma pessoa não significa o mesmo para outra. As expressões linguísticas têm um valor social, recebem um valor de mercado e, como toda boa economia, há bens que valem mais que outros.

Decorre da definição ampliada da competência que uma língua vale o que valem aqueles que a falam, isto é, o poder e a autoridade, nas relações de força econômicas e culturais, dos detentores da competência correspondente. (BOURDIEU, 1977, p. 10-11).

O aspecto mercado de trabalho influencia nas escolhas linguísticas dos falantes, assim como outros aspectos sociais. Por exemplo, um engenheiro (com Ensino Superior) que vai trabalhar com os pedreiros em uma obra, terá de usar uma linguagem acessível a esses trabalhadores. Assim, temos que “uma maneira de falar sobre a extensão na qual uma profissão ou atividade é associada com o uso da língua padrão” (MEYERHOFF, 2006, p. 145)<sup>21</sup>.

Por isso, quanto maior contato com o mercado de trabalho, mais opções linguísticas terá o falante, mas com duas diferenças: quando o contato se dá com um tipo de mercado social e econômico considerado alto, maior a relação com variantes linguísticas prestigiadas, e quando o contato acontece com profissões menos estimadas, o falante irá interagir mais com as variantes estigmatizadas.

O valor do signo linguístico é inculcido no falante quando ainda é criança. Assim, como dissemos, dependendo do ambiente em que a criança irá crescer, ela terá mais contato ou com as formas prestigiadas ou estigmatizadas.

---

<sup>21</sup> A way of talking about the extent to which an occupation or activity is associated with use of the standard language.

Assim, a *faixa etária*, junto ao mercado de trabalho, atua influenciando ocorrências de variantes linguísticas. Monteiro (2000, p. 51) diz que “*um grupo pode ter uma educação mais completa e melhores perspectivas (...) E assim, o que parece devido à faixa etária termina sendo condicionado por outros fatores.*”.

Muitas vezes, temos a situação em que o falante usa uma variável em uma idade e não a usa em outra. Temos que, “*se, se como regra, todos falantes de uma comunidade usam mais tokens de uma variante numa certa idade e mais tokens de outra variante em outra idade, a variável acontece de acordo com o age-graded.*” (MEYERHOFF, 2006, p. 145<sup>22</sup>).

A mudança emerge da variação, a qual não indica sempre que há mudança. O que acontece é que, em uma análise, quando correlacionamos o grupo faixa etária à variável linguística, podemos ter respostas que indiquem mudança na língua. Para isso é necessário que liguemos alguns fatores ao fator idade, como o de classe social (mercado de trabalho). E mais, percebemos, frequentemente, serem os jovens os agentes que promovem as mudanças, pois, Paiva & Gilvan Silva (1998, p. 357) dizem que em fenômenos em que há a dicotomia padrão/não padrão, a linguagem dos jovens é caracterizada por variantes sem prestígio.

Labov (2008), em seu estudo sobre a estratificação do /r/ na cidade de Nova Iorque (comentado na seção de *Classe Social*), analisou a faixa etária, dentre outros fatores. Ele separou cada faixa etária com um intervalo de cinco anos. Correlacionado a este estudo, foram necessárias duas pesquisas paralelas: o estudo da pronúncia do /r/ por pessoas que trabalhavam em lojas de departamento e o uso do /r/ por falantes da região de Lower East Side. No primeiro, a divisão da faixa etária permitiu a participação de informantes com idades entre 15 a 30 anos, 35 a 50 e 55 a 70. No estudo em Lower East Side, os informantes selecionados tinham idades entre 20 a 29 anos, 30 a 39, 40 a 49 e 50 anos adiante.

Assim, o autor encontrou a correlação entre idade e status da loja para o primeiro estudo e, para o segundo, foi vista a ligação entre idade e status social. A conclusão de Labov foi a de que, em tempo aparente, estava havendo a estratificação social do /r/ nas faixas etárias abaixo de quarenta anos, atuando como marcador de prestígio. Os idosos tiveram pouca relevância para a essa estratificação social da pronúncia de /r/.

Há outra questão com relação às diferenças entre a fala dos jovens e idosos. Como sabemos, as línguas mudam. Assim uma variável considerada estigmatizada há tempos atrás pode ser vista nos dias atuais como de prestígio e vice-versa. Também, certas ocorrências

<sup>22</sup> If, as a rule, all speakers of a community use more tokens of one variant at a certain age and more tokens of another variant at another age, the variable is said to be age-graded.

linguísticas aparecem com novos tempos, e outras desaparecem. O que costumamos ver, como foi visto acima, é a fala dos mais jovens exibirem um vocabulário inovador. Isso não ocorre na análise de Labov (2008) que explica:

O padrão que observamos na pesquisa das lojas de departamento é, portanto, um reflexo da insegurança linguística da classe média baixa, o que levou a geração mais velha a adotar a norma mais recente de (r-1) em detrimento da norma mais antiga. O processo de socialização linguística é mais lento para a classe média baixa, que não vai para a faculdade, do que para os falantes da classe média alta, que começam a se ajustar à nova norma nos últimos anos da escola secundária. Aqueles que não seguem essa trilha demoram dez ou vinte anos para desenvolver a sensibilidade máxima à organização hierárquica da linguagem formal em sua comunidade. (LABOV, 2008, p. 86).

Essa observação de Labov (2008) sugere, mais uma vez, que o estudo da variável *faixa etária* esteja atrelado a outros aspectos, como o mercado de trabalho, tanto para indicar mudanças como para dizer sobre questões de prestígio e estigma linguístico.

Tendo em vista o exposto, partimos da hipótese de que, como os jovens exibem mais formas linguísticas inovadoras (não padrão), esses favorecem a regra de cancelamento de marcas formais de plural nos elementos do SN. E, assim, esses falantes conduzem mais a mudanças linguísticas. Ao contrário dessa situação, temos as pessoas mais velhas, usando formas mais conservadoras (forma padrão). Essas não favorecem o cancelamento de marcas de plural, nem se submetem a mudanças, retendo, assim a forma padrão indicação de plural em um SN.

Codificamos da seguinte maneira esse grupo:

- a) de 10 à 14;
- b) de 15 à 19;
- c) de 20 à 24;
- d) de 25 à 59;
- e) de 60 à 75.

### **6.2.3 Escolaridade**

Como sabemos, a escola é a responsável por transformações linguísticas e sociais na vida de seus alunos. Assim, a variável *escolaridade* pode influenciar no fenômeno tratado aqui.

A língua que falamos é heterogênea, influenciada o tempo todo por questões sociais e linguísticas e, por isso, existe o uso de (diversas) variáveis gramaticais, que perpassam um universo de prestígio (forma padrão) e estigma social (forma não padrão).

Poucos alunos já vêm de um meio social onde é habitual a realização de expressões padronizadas e “corretas” da língua. Por isso uma classe de estudantes chega à escola já bastante inclinada para aprender novos conservadorismos gramaticais.

Assim, toda forma de falar ou escrever que foge do conservadorismo escolar e social, é considerada um “erro” da língua. O cancelamento de marcas formais no SN é vista fora das normas escolares e tida como algo “errado”. Porém, como vimos anteriormente, as variáveis se encontram na fala, e na escrita também, uma vez que esta pode refletir a fala:

No português brasileiro, tendemos a flexionar o primeiro elemento do sintagma nominal plural e não marcar os demais. Esta é uma tendência que se explica porque geralmente dispensamos elementos redundantes na comunicação e as diversas marcas de plural no sintagma nominal plural são redundantes. Quando escreve sintagmas nominais plurais o aluno tende a flexionar somente o primeiro elemento, que pode ser um artigo, um pronome possessivo, um demonstrativo, etc. EX: ‘os amigo’, ‘meus brinquedo’, ‘aqueles homi’, ‘os meus tio’. (RICARDO, 2004, p. 08).

Paiva & Gilvan Silva (1998, p. 343) citam alguns autores, como Labov, que estudou a variável *escolaridade* relacionada a fenômenos linguísticos e concluíram que a forma padrão está ligada a altos índices de escolaridade. Em Andrade (2003, p. 106), também vemos que “*a presença de [s] é, de forma geral, diretamente proporcional aos anos de escolarização dos falantes.*”.

Em nosso estudo, pesquisamos alunos do ensino Fundamental, Médio e Superior, partindo da hipótese de que quanto maior o nível de escolaridade (Superior), mais contato com formas de prestígio e, por isso, menos ocorrências de cancelamento de marcas formais de plural. Ao contrário, quanto menor for o grau de instrução (Médio e Fundamental), teremos mais casos de cancelamentos.

Codificamos da seguinte maneira esse grupo:

- a) Ensino Fundamental;
- b) Ensino Médio;
- c) Ensino Superior.

#### 6.2.4 Estilo de Fala

Em Labov (2008), há um estudo sobre a variação estilística, tratada como um *continuum* vinculado ao grau de atenção que o falante dá à sua fala. Assim, em uma das extremidades do *continuum*, temos o estilo formal e, em outra, o informal. Dessa forma, os padrões cultos ou coloquiais definem qual estilo será usado pelo falante.

Meyerhoff (2006) vai além da visão laboviana, mostrando algumas propostas alternativas para se lidar com o estilo. Na concepção da autora, as pessoas se amoldam a múltiplas identidades, sendo algumas mais individuais e outras são identificações do grupo. Teríamos assim uma “social identidade”, a qual vai estar ligada à teoria da acomodação, também proposta por Meyerhoff (2006, p. 69-72), cuja definição seria “*o processo pelo qual os falantes harmonizam ou adaptam o comportamento linguístico deles de acordo com o comportamento linguístico dos interlocutores (pode ser um processo consciente ou inconsciente)*”<sup>23</sup>. Assim, o meio social, dependendo da situação de comunicação, vai ativar o estilo que o falante deve usar em determinado momento.

Macedo (2010, p. 60) afirma que “*diferenças de contextos formal e informal levariam os falantes a empregar, respectivamente, estilos também formais ou informais.*”. Como no trabalho em questão lidamos com a interação do tipo entrevista, tentamos estabelecer uma situação informal, com um padrão bastante coloquial, para que o falante preste menos atenção à sua fala e exiba uma fala mais distensa.

De acordo com Labov (2008), em uma pesquisa dialetal, bons dados são colhidos se alcançarmos o vernáculo do falante, ou seja, a situação de fala mais natural. Também nos é sugerido que o método de entrevistas face a face seria o ideal a ser utilizado, pois é o que mais se aproxima do vernáculo. Entretanto, lidamos com o que o autor chamou de paradoxo do observador:

O objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas – no entanto, só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática. (LABOV, 2008, p. 244).

---

<sup>23</sup> The process by which speakers attune or adapt their linguistic behavior in light their interlocutors behaviors (may be a conscious or unconscious process).

Dessa forma, notamos que o alcance do vernáculo é muito difícil. Por isso, tentamos fazer com que o falante se sentisse o mais tranquilo possível, para que pudesse prestar menos atenção à sua fala e assim exibir o estilo de fala “casual” (espontânea). Contudo, ainda tivemos casos em que o estilo de fala predominante foi a *cuidada* e, vale lembrar, que esse último tipo também apareceu em falantes que exibiram o estilo casual na maior parte do tempo.

No estudo da estratificação do /r/ em três tipos de loja na cidade de Nova York encontrado em Labov (2008), a pronúncia /r/ retroflexo era a forma de prestígio, enquanto seu cancelamento era estigmatizado. Todos os funcionários pertenciam à mesma classe social, uma vez que a remuneração era igual. Assim, o que diferenciava a pronúncia do /r/ era o ambiente de trabalho, que alterna entre uma loja de departamentos luxuosa e mais formal, com uma área cheia de balcões, muito apertada, e menos formal. O autor concluiu que, quando era formal o contexto, mais se usavam a variante de prestígio, ao contrário, em situações menos formais, mais casos de variantes estigmatizadas.

Em nossas entrevistas, fizemos a separação em dois grandes blocos, formal e informal, conforme o grau de atenção prestado a fala. Exemplos:

Falante A → estilo formal

*“Entrevistador: Há quanto tempo você mora aqui?”*

*Entrevistado: Aqui? Quinze... Na verdade eu vim para cá em 89, então vai para 17 anos...pra mangueira...*

*Entrevistador: 17 anos...*

*Entrevistado: É...*

*Entrevistador: Mas antes você morava aonde?*

*Entrevistado: Bairro Industrial.*

*Entrevistador: Bairro Industrial... Você nasceu lá?*

*Entrevistado: Não... Eu nasci na roça”.*

Falante A → estilo informal

*“Lá eu tenho mais uns livro, tá encaixotado... lá a loja é bem maior... duas portas... duas portas de aço... pelo menos eu não estou pagando aluguel... a casa é embaixo, a loja em cima... apesar que o aluguel é mixaria... mas, para mim, vai ser melhor... porque em casa...*

*em casa... minha esposa está trabalhando agora... só que ela trabalha... vinte e quatro hora, folga quarenta e oito. Ela vai num dia, dorme no serviço... e volta... ficar mais perto dos menino... os menino ficam mais na casa da vó... daqui a ouço tem uma que trás o almoço pra mim... e aí vai almoça... pronto e acabou”.*

O que temos no estilo desse falante é uma alternância de estilos, ora ele se limita a responder apenas o que perguntamos, ora ele se sente à vontade até para contar um caso. Quando é assim, tentamos observar qual foi o estilo que mais prevaleceu, para podermos classificar a fala como um todo em formal ou informal.

Falante B → estilo informal

*“Meu nome é A... Tenho 30 anos de idade... Sou body piercing... Moro em Belo Horizonte há 30 anos... Trabalho com a arte desde os 18... Adoro esporte radical, cerveja e mulher. De vez em quando, tomo umas pinguinha também... Mas, muito de vez em quando... Não frequento boate, pela minha aparência... Não frequento boate”.*

Esse falante exibe uma fala casual em toda a entrevista. Ele não espera a pergunta do entrevistador para conduzir sua fala, pois insere o tempo todo narrações com temas diferentes, o que sugere uma situação de fala casual.

Falante C → estilo formal

*“Entrevistador: O que você acha da administração da prefeitura de Belo Horizonte?*

*Entrevistado: eu acho que agora, com esse negócio da copa... Tá todo mundo voando pra fazer as coisas... E quando a copa acabar, acho que eles vão desleixar de novo... Mas, pra mim, tá tudo bem... ah... Eu num gosto de falar desses trem não!”.*

Com esse entrevistado, foi preciso utilizar o tempo todo perguntas preestabelecidas com o intuito de estabelecer um possível diálogo. E, mesmo assim, foi um trabalho árduo, pois o falante não se interessava pelo assunto, muitas vezes por sentir-se intimidado com a situação de entrevista.

Assim, partimos da hipótese de que, numa situação mais informal de entrevista, haveria uma frequência mais alta de cancelamento da marca explícita de plural no SN. Essa frequência diminuiria, contudo, em situações formais.

Codificamos a variável “estilo de fala” da seguinte forma:

- a) Formal;
- b) Informal.

### **6.2.5 Regionais da Cidade**

Como sabemos, em um sistema linguístico, encontramos duas forças atuantes, a saber, a variedade e a unidade. Assim, convivemos com duas faces da mesma moeda. Por um lado, há o caráter de movimento, em que formas inovadoras são ativadas para possíveis mudanças na língua. Por outro lado, temos a língua enquanto unidade de comunicação linguística que parece algo estático e homogêneo.

Assim, na variação linguística, podemos ter os eixos diatópico e diastrático. O primeiro leva em conta o ambiente físico, ou seja, a regionalidade, e sua análise parte de um ponto de vista horizontal. O segundo abrange as características sociais dos falantes, sua estratificação social, e parte do ponto de vista vertical. Contudo:

As divisões ‘dialectais’ no Brasil são menos geográficas que sócio-culturais. As diferenças na maneira de falar são maiores, num determinado lugar, entre um homem culto e o vizinho analfabeto que entre dois brasileiros do mesmo nível cultural originários de duas regiões distantes uma da outra. (TEYSSIER, 1982, p. 79).

Dessa forma, tendo em vista a variação diatópica, analisamos a região da comunidade pesquisada. Assim, como foi visto no 2º capítulo, a PBH (Prefeitura Municipal de Belo Horizonte) dividiu a cidade em nove regiões: Barreiro, Centro-Sul, Leste, Nordeste, Noroeste, Norte, Oeste, Pampulha e Venda Nova, e cada uma delas é dividida em vários bairros. Levamos em conta a divisão estabelecida, pois, de acordo com Faria (2008, p. 20), “*cada regional possui uma história própria*”. E, diante disso, pensamos que delimitar outra divisão poderia prejudicar o caráter histórico e social das nove regionais.

Para nossa pesquisa, tentamos traçar um caminho em que pudéssemos obter uma amostra com maior representatividade de dados da população belo-horizontina. Assim, tendo

em vista as nove regionais de BH, decidimos procurar por falantes que residissem nessas áreas.

Com o procedimento da divisão setorial, estaríamos compondo um corpus em que dávamos chances de abarcar falantes das nove regiões de BH. Assim, ao evitar a concentração de informantes em uma área só, conseguiríamos coletar uma amostra mais clara da situação do fenômeno da concordância nominal de número na cidade, uma vez que exploraríamos todas as suas regiões.

Ao levantar dados da composição histórica de cada regional, pudemos verificar que havia diferenças no crescimento das nove regionais. Diante desse cenário, perguntamos-nos se as características linguísticas também seriam diferentes.

Um estudo sobre esse tema pode ser encontrado em Faria (2008). A autora admite que há diferenças em relação à concordância verbal de acordo com cada região. Assim, ela diz que, pelo fato de algumas regiões serem mais antigas, onde o povoamento teve início antes da consolidação da cidade de Belo Horizonte, essas áreas usariam mais a presença da concordância verbal. Ao contrário, em regiões mais recentes do ponto de vista histórico, em que o processo de urbanização se deu mais tardiamente, haveria tendência a cancelar mais as marcas de concordância verbal.

As diferenças linguísticas entre área antiga e recente faz sentido se pensarmos que o sistema linguístico muda sempre, podendo assim fazer exibir diferenças de uma regional para outra. Lembremos que a população belo-horizontina recebeu muitos migrantes e imigrantes, como vimos no capítulo 2.

Faria (2008) diz que as regionais Nordeste e Noroeste, por terem evoluído populacionalmente até meados de 1920, fariam mais o uso da forma padrão da concordância verbal, enquanto as regiões ocupadas a partir de 1920, usariam a forma não padrão:

A regional Nordeste é grande favorecedora da ocorrência da concordância verbal em BH, seguida pelas regionais Noroeste, Venda Nova e Leste; (1) (...) todos eles passaram pelo Colégio São Pascoal. (INF. 1McILfdntw60); (2) Os caras mandam muito bem. (INF. 1BcISfgmqy40); (...) b) As regiões Oeste, Pampulha, Barreiro e Norte não favorecem a concordância verbal em BH. (5) (...) os cara chegô o revólver nele e tomou a moto. (INF. øMvISfamsy50); (6) (...) os dois meninos, pivete mesmo de rua, entrava na frente... (INF. øBcANflntx60); (FARIA 2008, p. 112).

Destarte, trabalhamos com a hipótese de que as diferenças regionais na cidade de Belo Horizonte podem contribuir para a ausência ou presença de marcas de plural em sintagmas nominais. E mais, que as regionais mais antigas seriam favorecedoras da presença das marcas

formais de plural e as áreas mais recentemente ocupadas por regionais seriam desfavorecedoras destas marcas.

A codificação estabelecida para esse grupo foi:

- a) Barreiro;
- b) Centro-Sul;
- c) Leste;
- d) Nordeste;
- e) Noroeste;
- f) Norte;
- g) Oeste;
- h) Pampulha;
- i) Venda Nova.

#### 6.2.6 *Sexo/gênero*

O *sexo/gênero* é um grupo de fatores que pode condicionar a variável linguística estudada aqui. Chambers (2002) mostra que as diferenças entre sexos são dadas biologicamente e, diferenças entre gêneros são adquiridas socialmente. Ao visualizar as diferenças entre o sexo feminino e masculino, podemos obter características dos gêneros. De acordo com princípios sociolinguísticos, existem dois tipos de variabilidade, uma que se baseia no gênero e outra baseada no sexo.

Chambers (2002) apresenta o trabalho de Wolfram (1969), que pesquisou a comunidade de fala da cidade de Detroit. Houve a seleção de 48 negros moradores de Detroit, de uma amostra com mais de 700 entrevistas do projeto bi-racial. Essas pessoas pertenciam às quatro classes sociais, que vigoram na cidade: *alta-média*, *baixa-média*, *alta-trabalhadora* e *baixa-trabalhadora*.

O autor examinou, dentre outras, a variável fonética [d] em posição final de sílaba, como nas palavras *walked* x *walkeØ*. Murphy (2004, p. 10, tradução nossa)<sup>24</sup> diz que a norma gramatical do inglês afirma que “*frequentemente o tempo passado simples é marcado por –ed no final do verbo*”. Assim, nos resultados obtidos, as mulheres escolhem seguir a norma,

---

<sup>24</sup> Very often the past simple ends in –ed (regular verbs).

realizando foneticamente as oclusivas *walked*, enquanto os homens optam pela variante desprestigiada.

Eckert (1996) retoma a variável (ay), que é usada nos subúrbios de Detroit. A autora reuniu adolescentes de uma escola localizada em um subúrbio de população branca, divididos em dois<sup>25</sup> grupos principais: os *jocks* e os *burnouts*. A autora identificou que o alçamento do núcleo do ditongo (ay) estava ligado a uma atitude de orientação na direção do padrão linguístico de Detroit. Assim, temos dois processos que ocorriam: (1) eliminação da semivogal (2) alçamento do núcleo. O cancelamento da semivogal não diferenciava significativamente os *jocks* dos *burnouts*. Contudo, há uma diferença expressiva entre os sexos, com os meninos na liderança.

A autora combinou os efeitos de *sexo* e *grupo*: M-jock (masculino jock) > M-burnout (masculino burnout) > F-burnout (feminio burnout) > F-jock (feminio jock). A diferença entre M-jock e M-burnout não é estatisticamente significativa, mas se faz expressiva entre F-burnout e F-jock. Esse resultado foi encontrado porque a pesquisadora associou outra variável à primeira, agregando o fator valor de *autonomia*. Desse modo, detectou que as meninas *jock* constituem a categoria social mais restritiva. No caso do alçamento extremo, as diferenças de *grupo* e de *sexo* são, independentemente, significativas, com *burnouts* > *jocks*, e Feminino > Masculino e, por isso, as meninas *burnout* ficam com larga liderança.

Ao realizar um estudo em que há a comparação entre a fala de homens e mulheres, deve-se levar em conta, também, a realidade sociocultural da comunidade pesquisada. Acreditamos que pesquisar as semelhanças e diferenças dos gêneros em um centro urbano é diferente de se estudar tais características em uma zona rural. Esse aspecto tem fundamento, por exemplo, na afirmação de Lucchesi & Araújo:

No caso da variável *sexo*, por exemplo, os resultados das análises sociolinguísticas realizadas sobre comunidades rurais e da periferia das grandes cidades exibem resultados totalmente distintos daqueles observados nas sociedades urbanas

<sup>25</sup> Esses grupos possuem diferenças e semelhanças. Em relação aos 'jocks', foi identificado que incorporam uma cultura de classe média, também participam de forma única e limitada das redes sociais ligadas à escola, bem como, não deixam o subúrbio nem mesmo para diversão, pois consideram a área urbana de Detroit um lugar perigoso. Além disso, têm baixa expectativa quanto ao futuro dos amigos e do subúrbio, pretendendo, mais para frente, ao entrar em faculdades, se desligarem da realidade da comunidade. Os 'burnouts', por sua vez, se caracterizam por transpirem uma cultura típica da classe trabalhadora. Esses não mantêm ligações sólidas com a escola e com as redes sociais que ela desencadeia. Também, pretendem permanecer, sempre, em suas comunidades e bairros de origem, mesmo após concluírem a faculdade. Estes convivem além dos limites do subúrbio em termos de suas redes sociais, atingindo a área urbana de Detroit, local onde existem, na opinião dos 'burnouts', adolescentes mais 'durões', mais espertos e mais livres. Como se pode ver, em termos dos valores simbólicos, os 'burnouts' são muito mais 'orientados' em relação à comunidade da cidade Detroit do que os 'jocks'.

industrializadas. No caso das comunidades rurais brasileiras, os homens tendem a liderar os processos de mudança em direção às formas de prestígio. Isso porque são eles que têm mais contato com o mundo exterior dos grandes centros urbanos por estarem mais integrados no mercado de trabalho. Já as mulheres, na maioria das vezes circunscritas ao universo doméstico e de trabalho na roça, tendem a conservar mais as formas da fala rural, bem distantes do padrão urbano culto. (LUCCHESI; ARAÚJO, 2011, p. 03).

No que tange o assunto da concordância de número, Scherre (1988) juntou ao fator *escolaridade* a variável *sexo* e concluiu que as mulheres semialfabetizadas fazem mais concordância do que os homens; inversamente, os homens universitários fazem mais concordância do que as mulheres.

Labov (2008) sugeriu o que chamou de *paradoxo do gênero* (Gender Paradox). Tal paradoxo estabelece que, apesar de as mulheres optarem pela forma de prestígio da língua, ou seja, a forma conservadora, elas que iniciam processos de mudança linguística.

O que parece se desenhar é um quadro linguístico no qual as mulheres usam mais formas de prestígio, enquanto os homens revelam adotar mais variáveis tidas como inferiores às normas cultas das línguas. Além dessa variação, no que diz respeito às mudanças linguísticas, as mulheres costumam estar à frente. Partindo disso, nossa hipótese é de que as mulheres usam menos as formas de cancelamento de plural do que os homens.

Codificamos essa variável da seguinte forma:

- a) Masculino;
- b) Feminino.

## 7 ANÁLISE DOS DADOS

Partimos da questão: como atua cada grupo de fatores (e os fatores de cada grupo) no fenômeno de cancelamento de marcas formais de plural em elementos do SN? Para isso, levamos em conta a seleção e o controle das variáveis independentes feito no programa *Goldvarb 2001*. Todas essas variáveis, inclusive as que foram excluídas pelo programa, foram descritas no capítulo anterior.

Em seguida, o programa fez o cálculo dos percentuais e pesos relativos (PR)<sup>26</sup> para os 781 dados de cancelamento de marcas, distribuídos nos 13 grupos de fatores.

Depois, o *Goldvarb 2001* testou a significância das 13 variáveis, partindo da hipótese nula de que: não existem quaisquer relações entre o cancelamento de marcas e os grupos de fatores selecionados.

Em Tagliamonte (2006, p. 224, tradução nossa) temos que “*o log likelihood é uma medida do ajuste do modelo aos dados*”.<sup>27</sup> Dessa forma, se obtivéssemos um valor de log likelihood próximo de zero (0), nossa hipótese nula teria sido confirmada, ao contrário, a hipótese seria rejeita. Assim, em uma rodada inicial de nossos dados, tivemos um resultado do *log-likelihood* de -514,993, valor este que rejeita a hipótese nula.

O *Goldvarb 2001* selecionou, na parte chamada *stepping up* (seção em que o programa seleciona as variáveis que serão relevantes para a análise), os seguintes grupos em sua ordem de relevância:

- a) Paralelismo;
- b) Posição linear;
- c) Escolaridade;
- d) Classe gramatical;
- e) Saliência fônica;
- f) Relação com o núcleo do SN.

As variáveis independentes que foram cortadas no *stepping down* (seção em que o *Goldvarb 2001* informa quais grupos não são significantes) foram:

---

<sup>26</sup> Isso foi visto no capítulo 5.

<sup>27</sup> The log likelihood is a measure of the fit of the model to the data

- a) Contexto fonético seguinte;
- b) Regionais da cidade;
- c) Relação com o núcleo do SN;
- d) Segmento do contexto seguinte;
- e) Sexo;
- f) Classe social;
- g) Estilo de fala;
- h) Idade.

Nessa nova análise, retiramos os grupos excluídos no *stepping down*, com exceção da variável *relação com o núcleo*, uma vez que ela também foi selecionada como relevante. Optamos rodar outra vez nossos dados com essa variável, para checar se seria excluída novamente e, de fato, foi.

Após esta última exclusão, os grupos que permaneceram foram:

- a) Paralelismo;
- b) Escolaridade;
- c) Classe gramatical;
- d) Saliência fônica;
- e) Posição linear.

Foi preciso amalgamar alguns fatores em cada variável, partindo sempre de uma mesma natureza quantitativa e teórica. O único grupo que essa junção não foi feita foi o da escolaridade, uma vez que a distinção de seus fatores é bem delimitada.

## 7.1 Escolaridade

Vejamos a tabela a seguir:

**Tabela 1 – Influência da Escolaridade no cancelamento de marcas**

| <b>Escolaridade</b>    | <b>Ocorrências/Total</b> | <b>% de Cancelamento de marcas de plural</b> | <b>PR de Cancelamento de marcas de plural</b> |
|------------------------|--------------------------|----------------------------------------------|-----------------------------------------------|
| E {Ensino Fundamental} | 540/1.764                | 30                                           | .71                                           |
| F {Ensino Médio}       | 224/1.461                | 15                                           | .50                                           |
| G {Ensino Superior}    | 17/956                   | 1                                            | .14                                           |
| <b>Total</b>           | 781/4.181                | 18                                           |                                               |

Fonte: Dados da pesquisa (2012).

Conforme podemos ver, o nível de escolaridade que favoreceu a regra de cancelamento de marcas em Belo Horizonte foi o Ensino Fundamental, com o PR<sup>28</sup> de .71. O Ensino Médio exibiu o valor .50 de PR, e assim, se portou de forma neutra, ora favorece as marcas, ora desfavorece-as. O Ensino Superior desfavoreceu a regra de cancelamento, seu PR foi de .14.

No trabalho de Scherre (1988) a divisão dos níveis de escolaridade foi: Primário, Ginásio e Colegial. As análises de Andrade (2003) também são pautadas nesta mesma divisão. Esses estudos tiveram suas pesquisas realizadas na década de 90, de acordo com a antiga nomenclatura do currículo escolar. Ambas as autoras analisam a presença da marca e, assim, obtiveram os seguintes resultados:

**Tabela 2 - Presença de marcas pela Escolaridade – RJ, TUB e SOB<sup>29</sup>**

| <b>Escolaridade</b> | <b>PR</b> |            |            |
|---------------------|-----------|------------|------------|
|                     | <b>RJ</b> | <b>TUB</b> | <b>SOB</b> |
| Primário            | .41       | .32        | .31        |
| Ginásio             | .50       | .48        | .49        |
| Colegial            | .59       | .67        | .66        |

Fonte: Adaptado de SCHERRE (1988, p. 235) e ANDRADE (2003, p. 86).

Como podemos ver, o colegial (Ensino Médio) das cidades de Tubarão e São Borja foi o nível de escolaridade que favoreceu a forma padrão da indicação de plural em um SN, com respectivamente .67 e .66 de PR's. Na cidade do Rio de Janeiro, este nível também influencia na presença de marcas, seu PR foi de .59.

Desses resultados, o que mais se aproxima dos nossos é o de Scherre (1988). Cabe ressaltar que nós incluímos o nível Ensino Superior, mas não analisamos o que seria, hoje em

<sup>28</sup> PR= Peso Relativo (ver capítulo 5).

<sup>29</sup> RJ – Rio de Janeiro; TUB – Tubarão; SOB – São Borja.

dia, o Pré-escolar, o que torna nossa divisão semelhante às das autoras. Vejamos os seguintes resultados na tabela abaixo:

**Tabela 3 - Ausência/Presença de marcas - Escolaridade – BH, RJ, TUB e SOB**

| Escolaridade        | PR  |     |     |     |
|---------------------|-----|-----|-----|-----|
|                     | BH  | RJ  | TUB | SOB |
| Primário            | -   | .41 | .32 | .31 |
| Ginásio/Fundamental | .71 | .5  | .48 | .49 |
| Colegial/Médio      | .50 | .59 | .67 | .66 |
| Superior            | .14 | -   | -   | -   |

Fonte: Adaptado de SCHERRE (1988, p. 235) e ANDRADE (2003, p. 86).

O que podemos observar é que quanto maior o nível de escolaridade menos cancelamentos de marcas formais de plural ocorrem. Isso pode ser explicado pelo fato de que, quanto mais escolaridade, mais contato com textos diferentes e novas experiências com a língua padrão ou culta o falante adquire. Ao contrário, quando o falante tem menos escolaridade, ele terá contato mais com formas não padrão da língua, as quais são encontradas na língua coloquial, sendo que o contexto da vida escolar é marcado pela linguagem culta.

## 7.2 Posição Linear

Lembremos-nos da nossa hipótese inicial: “o não cancelamento das marcas de plural acontece, preferencialmente, na 1ª posição do sintagma, sendo que o cancelamento se realiza mais da 2ª posição em diante”. Assim, vejamos o que mostraram nossos resultados. Observemos a tabela a seguir:

**Tabela 4 – Influência da Posição Linear no cancelamento de marcas<sup>30</sup>**

| Posição Linear       | Ocorrências/Total | % de cancelamento de marcas de plural | PR de Cancelamento de marcas de plural |
|----------------------|-------------------|---------------------------------------|----------------------------------------|
| k {2ª Posição}       | 670/1.915         | 34                                    | .86                                    |
| l {3ª Posição}       | 63/242            | 26                                    | .87                                    |
| A {5ª e 6ª Posições} | 15/30             | 50                                    | .83                                    |
| m {4ª Posição}       | 19/59             | 32                                    | .83                                    |
| j {1ª Posição}       | 14/1.935          | 0                                     | .10                                    |
| <b>Total</b>         | 781/4.181         | 18                                    |                                        |

Fonte: Dados da pesquisa (2012).

Os resultados nos mostram que a posição que mais favoreceu a regra de cancelamento de marcas é a 3ª, seu PR foi de .87. Em seguida, o cancelamento acontece na 2ª, valor de .86, e nas 4ª, 5ª e 6ª, tivemos o PR de .83. A 1ª posição foi a única que não favoreceu o cancelamento de marca formal de plural, com o PR de .10. Vejamos os exemplos:

a) 1ª posição:

1. Os menino dela tá tudo grande... (1NPEDXKh57juv).

b) 2ª posição:

2. Sabe essas bomba assim... de barulho? (0NOEBTIg5ckoy).

c) 3ª posição:

3. Estudei nas escola pública... (0NPEDXKh5ckoy).

d) 4ª posição:

4. As menina muito bonita, nossa! (0NPEDXKh5ckoy).

e) 5ª e 6ª posições:

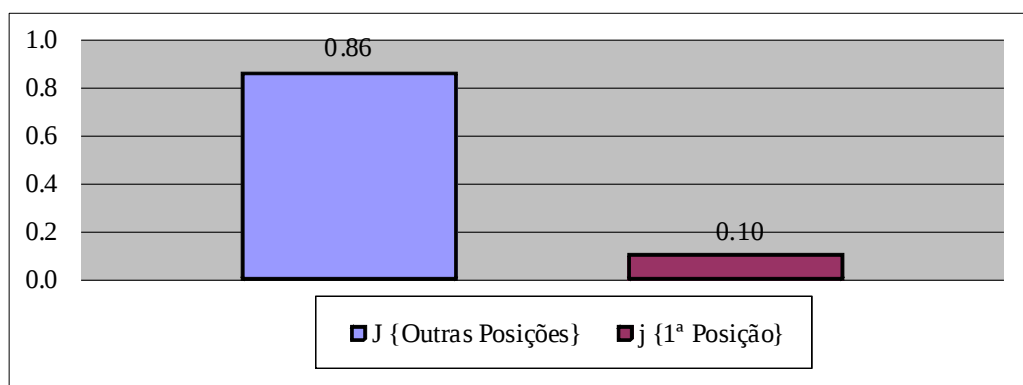
5. O pai é lutador... as irmã é tudo trabalhadeira! (0NPEDXKg5ckoy).

<sup>30</sup> Não pudemos fazer, aqui, uma comparação com as análises de Scherre (1988) e Andrade (2003), pois estas estudaram o grupo de fator posição juntamente com classe gramatical. Optamos em analisar a variável posição linear de forma isolada, para observar seu comportamento sem as classes gramaticais. Entretanto, reservamos uma seção sobre a relação entre posição e classe gramatical.

O que se delineia é que há uma oposição entre a 1ª e demais posições. A ausência de marcas pode ser explicada pela lei do menor esforço, assim: se o falante marca a 1ª posição, não tem necessidade de sinalizar as outras, pois a informação contida no SN não é perdida caso o menor esforço se aplique.

Por isso, agrupamos a 2ª, 3ª, 4ª, 5ª e 6ª posições, que são as posições finais no SN, as quais tiveram o resultado numérico parecido. Já a 1ª posição foi contraposta com as demais. Vejamos o gráfico a seguir:

**Gráfico 10 - Fatores amalgamados/Posição Linear**



Fonte: Dados da pesquisa (2012).

Para o grupo *J* (2ª, 3ª, 4ª, 5ª e 6ª posições), tivemos o valor .86, continuando a indicar o cancelamento de marcas. A 1ª posição, vista na letra *j*, desfavorece o cancelamento de marcas, com o PR de .10. Novamente, afirmamos que a lei do menor esforço linguístico pode ser vista atuando de maneira significativa na variável *posição linear*.

Enfim, percebemos que a hipótese inicial foi confirmada, pois, quando a 1ª posição do SN é marcada, não há necessidade de marcarmos as outras.

### 7.3 Classe Gramatical

Diante da nossa hipótese de que “os substantivos, adjetivos, categorias substantivas são as classes gramaticais que mais sofrem o cancelamento de marcas formais de plural, e os possessivos, numerais, artigos, demonstrativos, indefinidos sofrem menos cancelamentos de marcas”, vejamos o que ocorreu em nossos resultados. Observemos a tabela a seguir:

**Tabela 5 – Influência da Classe no cancelamento de marcas**

| Classe Gramatical            | Ocorrências/Total | % de cancelamento de marcas de plural | PR de Cancelamento de marcas de plural |
|------------------------------|-------------------|---------------------------------------|----------------------------------------|
| o {Substantivo}              | 649/1.840         | 35                                    | .80                                    |
| p {Categoria Substantivada}  | 36/75             | 48                                    | .72                                    |
| q {Adjetivo}                 | 71/349            | 20                                    | .66                                    |
| n {Numeral}                  | 4/444             | 0                                     | .58                                    |
| r {Possessivo}               | 11/180            | 6                                     | .21                                    |
| t {Indefinidos}              | 2/240             | 0                                     | .12                                    |
| u {Artigos e Demonstrativos} | 8/1.053           | 0                                     | .09                                    |
| <b>Total</b>                 | <b>781/4.181</b>  | <b>18</b>                             |                                        |

Fonte: Dados da pesquisa (2012).

Conforme vemos, a classe que mais favoreceu o cancelamento foi o substantivo, com o PR de .80, seguido da categoria substantivada, com o PR de .72, do adjetivo com o PR de .66, e do numeral, sendo o seu PR de .58:

a) Substantivo

1. Perdi até *as conta* Nicolle de *tantas casa* que eu já trabalhei... (0npedxkh5ckoy).

b) Categoria substantivada

2. Ele foi um dos anjo de Deus, e Deus acredito nele, *os outro* acha que ele tem bondade... (0npedxkg5ckpy).

c) Adjetivo

3. Vesti *aquelas roupa adequada*, minha fia num podia usar fralda do hospital! (0npedxkh5flq-).

d) Numeral

4. Aquela televisão foi *dez mês* pra paga ela... (0npedxkh4bkoy).

Todas as outras classes não favorecem o cancelamento, sendo a classe que mais inibiu foi a dos artigos e demonstrativos, com PR de .09; depois, o indefinido = .12; e, por fim, o possessivo = .21.

e) Artigos e demonstrativos:

5. Você coloca as situação nas mão de Deus, numa dessas situação tem que decidi... (0npedxkh2ckoy).

f) Indefinido:

6. Acabou há muitos ano e tal... (0npewlg5ckoy).

g) Possessivo:

7. Ah... meus irmão... A minha irmã Rosangela... (0npedxkg6ckoy).

Antes de prosseguir, é preciso deixar claro que a classe gramatical é analisada em função do lugar que ocupa no SN. E, como já dissemos, nem sempre teremos a clássica ordem “determinantes + nomes + adjetivos”.

Assim, as explicações para os resultados da variável classe gramatical, acontecem, muitas vezes, se baseando na posição linear. Andrade (2003)<sup>31</sup> também analisou a variável classe gramatical:

**Tabela 6 – Influência da Classe na presença de marcas - TUB/SOB (2003)**

| Classe Gramatical       | Aplicação | Total | % de presença de Marca | PR  |
|-------------------------|-----------|-------|------------------------|-----|
| Artigo e demonstrativo  | 1.015     | 1.033 | 98                     | .67 |
| Indefinido              | 242       | 249   | 97                     | .64 |
| Quantificador           | 68        | 75    | 91                     | .55 |
| Categoria substantivada | 79        | 131   | 60                     | .54 |
| Possessivo              | 100       | 108   | 93                     | .46 |
| Substantivo             | 707       | 1.615 | 44                     | .42 |
| Adjetivo                | 164       | 300   | 55                     | .22 |
| <b>Total</b>            | 2.375     | 3.511 | 68                     |     |

Fonte: Adaptado de ANDRADE (2003, p. 92).

<sup>31</sup> Apesar de Scherre (1988) também trabalhar com a variável classe gramatical, optamos em comparar nossos resultados apenas aos de Andrade (2003).

O que observamos é que a classe que mais favorece o cancelamento de marca é o adjetivo = .22. Esse foi o nosso terceiro favorecedor de cancelamentos. Andrade (2003) acredita que o adjetivo<sup>32</sup>, por acontecer mais nas 2ª e 3ª posições, é menos marcado.

Em seguida, o substantivo foi a classe que mais favoreceu o cancelamento de marca = .42. Esse, também, aparece mais na 2ª e outras posições, por isso recebe menos marcas, de acordo com a autora.

A classe do possessivo, com o PR de .46, se mostrou favorecedora de cancelamento de marcas. Nossos dados são contrários aos da autora, pois essa classe se mostrou desfavorecedora do cancelamento. Isso porque na maioria de nossos casos encontramos os possessivos na 1ª posição (posição que recebe menos cancelamentos), como no exemplo 7 acima. Já a autora observou mais essa classe na 2ª posição (posição que há mais cancelamentos).

A categoria substantiva, na análise de presença de marca em Andrade (2003), acontece enquanto favorecedora de presença de marca, com o PR de .54. Em nossos dados, essa se mostra desfavorecedora de marcas. De acordo com a regra gramatical, essa classe ocorre quando um adjetivo ou um pronome assume o papel do substantivo. Assim, por exibir traços semelhantes aos nomes, explica-se o fato de a categoria substantivada ser menos marcada, pois, como já foi dito, o substantivo cancela mais marcas de plural porque acontece em posições finais.

O artigo/demonstrativo e o indefinido são as classes que favoreceram a presença de marcas formais de plural, com PR's de, respectivamente, .67 e .64. De acordo com a autora, essas classes de palavras por ocuparem, na maioria das vezes, a 1ª posição, recebem mais marcas de plural.

Com relação aos numerais<sup>33</sup>, eles indicam pluralidade de qualquer forma, com ou sem marca fonética, independente da posição que ocupam no SN. Vimos, em um primeiro momento, que eles favorecem o cancelamento. Isso pode ser explicado pela lei do menor esforço, ou seja, se há a informação de plural contida nos numerais, os elementos ao redor não necessitam de marcas.

---

<sup>32</sup> Vale ressaltar que apesar de Andrade (2003) analisar a variável classe gramatical de forma separada em um primeiro momento, a autora, em suas considerações finais, termina fazendo conclusões acerca da junção entre classe gramatical e posição linear. Entretanto, ela concluiu que a classe dos adjetivos é que faz mais cancelamento de marca.

<sup>33</sup> Andrade (2003) não analisou a classe dos numerais, em contrário, a autora realizou uma análise da classe dos quantificadores, o que optamos em não fazer em nosso trabalho. Isso porque, como explicamos no capítulo 4 (seção 4.4), essa classe em nossos dados exibia casos de neutralização.

Em uma segunda rodada, optamos por agrupar as classes dos possessivos, indefinidos, artigos e demonstrativos em um só fator, pois essas classes têm características de determinante e, assim, ocupam, na maioria das vezes, a 1ª posição no SN. Optamos por deixar separados os numerais, pois, apesar da posição que ocupam, indicam pluralidade de qualquer forma. O substantivo, adjetivo e categoria substantivada também foram analisados individualmente.

Essa nova codificação se deu pela semelhança das classes que ocupam a 1ª posição, e assim tentamos contrapô-las com as demais. Vejamos a tabela:

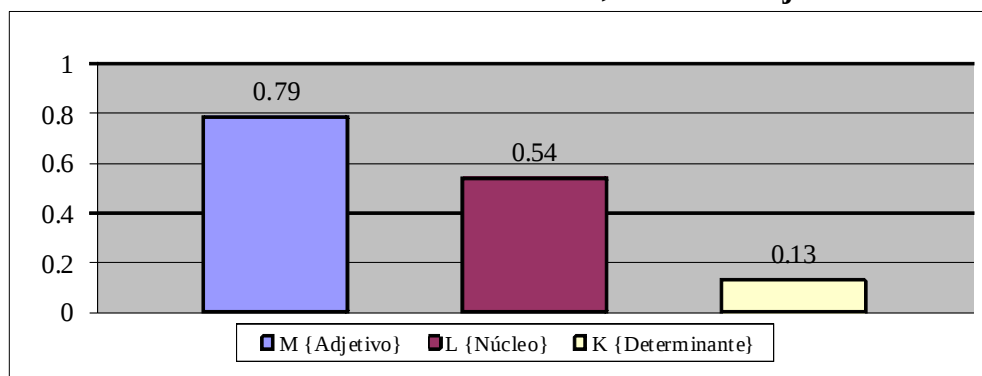
**Tabela 7 - Fatores amalgamados/Classe Gramatical**

| <b>Classe Gramatical</b>    | <b>Ocorrências/Total</b> | <b>% de cancelamento de marcas de plural</b> | <b>PR de Cancelamento de marcas de plural</b> |
|-----------------------------|--------------------------|----------------------------------------------|-----------------------------------------------|
| o {Substantivo}             | 649/1.840                | 35                                           | .79                                           |
| p {Categoria Substantivada} | 36/75                    | 48                                           | .69                                           |
| q {Adjetivo}                | 71/349                   | 20                                           | .60                                           |
| n {Numeral}                 | 4/444                    | 0                                            | .38                                           |
| K {Determinantes}           | 21/1.473                 | 1                                            | .15                                           |
| <b>Total</b>                | <b>781/4.181</b>         | <b>18</b>                                    |                                               |

Fonte: Dados da pesquisa (2012).

Assim, com o PR de .15, o grupo K, os determinantes, desfavorece o cancelamento. As demais classes continuam favorecendo com os seguintes valores: Categoria Substantivada = .69, Adjetivo = .60, Substantivo = .79. Agora, os numerais aparecem desfavorecendo o cancelamento de marcas, com o PR de .38; explicamos isso pelo fato de essa classe ocupar mais a 1ª posição de nossos dados (vamos explicar melhor na análise seguinte, “amálgama de dados”).

Tendo em vista um SN com determinante, núcleo e adjetivo, estabelecemos uma nova codificação: numerais, possessivos, indefinidos, artigos e demonstrativos, agrupando a posição do determinante; as categorias substantivadas e os substantivos fazem parte do núcleo, pois têm características de nomes; e os adjetivos isolados, indicando qualidade do objeto ou ser. Vejamos os resultados:

**Gráfico 11 - Determinante, Núcleo e Adjetivo**

Fonte: Dados da pesquisa (2012).

Os determinantes, K, desfavorecem o cancelamento de marcas, com o valor de .13. Os núcleos, L, com PR de .54 e o adjetivo, M, com valor .79, favorecem o cancelamento também.

O que observamos agora, é que o adjetivo tem PR maior. Entretanto, essa classe aparecia com PR menor que os pesos do substantivo e da categoria substantivada. Assim, atribuímos explanação para o comportamento do adjetivo da mesma forma como explicamos o comportamento da classe dos numerais, ou seja, em função da posição linear. Desta forma, o que acontece é que, a classe gramatical não ocupando a 1ª posição, terá mais cancelamentos de marcas.

Assim, a hipótese inicial foi corroborada. Os substantivos, adjetivos, categorias substantivadas apresentam mais cancelamentos já os possessivos, artigos, demonstrativos, indefinidos apresentam menos cancelamentos.

Com relação aos numerais, apesar de primeiramente aparecem desfavorecendo as marcas de plural, eles atuam favorecendo as marcas de plural, isso pode ser explicado, pois encontramos essa classe gramatical em maior abundancia ocupando a 1ª posição do SN.

#### 7.4 Amálgama de Dados

Diante dos resultados das variáveis posição linear e classe gramatical, perguntamo-nos se elas exibem efeito paralelo, pois, as ocorrências referentes às classes gramaticais e posições lineares estavam com valores muito próximos, tanto no PR quanto nas porcentagens. Isso indicava o comportamento combinado desses grupos de fatores (podemos encontrar em Scherre (1988) e Andrade (2003) o estudo do cruzamento dessas duas variáveis). Assim, resolvemos amalgamar os dados para checar de mais perto o que estava acontecendo.

Antes de mostrarmos o que ocorreu, lembremo-nos dos resultados da variável *posição linear* (agora, iremos nos limitar à 1ª, 2ª e 3ª posições):

a) Posição Linear:

- 1ª posição = 0% e .10 de PR de cancelamentos;
- 2ª posição = 34% e .86 de PR de cancelamentos;
- 3ª posição = 26% e .87 de PR de cancelamentos.

Assim, vejamos:

**Tabela 8 – Amálgama entre Classe e Posição**

| Classe                    | Posição | Aplicação | %  |
|---------------------------|---------|-----------|----|
| Artigo/<br>demonstrativo  | 1       | 6/1.033   | 1  |
|                           | 2       | 1/18      | 6  |
|                           | 3       | 0/1       | 0  |
| Indefinido                | 1       | 0/228     | 0  |
|                           | 2       | 2/11      | 18 |
|                           | 3       | 0/1       | 0  |
| Possessivo                | 1       | 1/115     | 1  |
|                           | 2       | 8/58      | 14 |
|                           | 3       | 2/6       | 33 |
| Numeral                   | 1       | 2/377     | 1  |
|                           | 2       | 1/55      | 2  |
|                           | 3       | 1/9       | 11 |
| Categoria<br>Substativada | 1       | 0/3       | 0  |
|                           | 2       | 31/61     | 51 |
|                           | 3       | 5/11      | 45 |
| Substantivo               | 1       | 2/80      | 2  |
|                           | 2       | 611/1629  | 38 |
|                           | 3       | 34/126    | 27 |
| Adjetivo                  | 1       | 3/99      | 3  |
|                           | 2       | 16/83     | 19 |
|                           | 3       | 21/88     | 24 |

Fonte: Dados da pesquisa (2012).

Agora vamos entender o que acontece em cada posição, relacionando-as às classes gramaticais:

a) 1ª posição

Como vimos, essa posição com 0% foi a que teve menos cancelamentos de marcas. Todas as classes gramaticais que apareceram na 1ª posição tiveram entre 0% e 3% de cancelamentos

Vale lembrar, como foi visto na variável Classe Gramatical, que as classes que tiveram mais marcas de cancelamentos foram o substantivo (35%), adjetivo (20%) e categoria substantivada (48%); entretanto, na 1ª posição, elas não apresentaram um número significativo de cancelamentos.

b) 2ª posição

Nessa posição, tivemos a maior taxa de cancelamentos. As classes que mais tiveram suas marcas canceladas foram o substantivo (38%), o adjetivo (19%) e a categoria substantivada (51%). Em seguida, os indefinidos (18%), os possessivos e numerais (14%), artigos e demonstrativos (6%). Como percebemos, os indefinidos, que fazem papel de determinantes na 1ª posição (tiveram 0% de cancelamento), quando estão na 2ª posição, exibem cancelamento quase na mesma proporção que o adjetivo.

c) 3ª posição

Houve um grande percentual de cancelamentos nessa posição. Assim, as classes que mais cancelaram foram: a categoria substantivada (45%), os possessivos (33%) e numerais (11%). Em seguida, vimos o substantivo (27%) e o adjetivo (24%). Os artigos e indefinidos tiveram 0%. Podemos observar na tabela 5 que os possessivos (6%) e numerais (0%) tiveram menos cancelamentos de marcas; porém quando estão na 3ª posição, têm uma taxa alta de cancelamentos.

O que vemos acontecer é que nem sempre as classes que tiveram mais cancelamentos (substantivo, categoria substantivada e adjetivo) o fazem de igual maneira em todas as posições. Assim, essas três classes, quando acontecem na 1ª posição, tendem a não apresentar cancelamentos; já nas demais posições, elas têm suas marcas canceladas; os possessivos e indefinidos, que apresentaram menos cancelamentos de marca, quando estão em posições finais tendem a aumentarem as marcas canceladas.

## 7.5 Paralelismo Formal

Lembremos-nos da hipótese inicial de que “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros”. Agora, vejamos o que aconteceu em nossos resultados:

**Tabela 9 – Influência do Paralelismo no cancelamento de marcas**

| Paralelismo Formal | Ocorrências/Total | % de cancelamento de marcas de plural | PR de Cancelamento de marcas de plural |
|--------------------|-------------------|---------------------------------------|----------------------------------------|
| % {S - Ø - Ø}      | 73/113            | 64                                    | .98                                    |
| 8 {S - Ø}          | 481/996           | 48                                    | .97                                    |
| s {Ø-S-Ø}          | 18/41             | 43                                    | .92                                    |
| f {S - S - Ø}      | 39/95             | 41                                    | .90                                    |
| c {Numeral - Ø}    | 104/261           | 39                                    | .92                                    |
| b {Numeral - S}    | 24/804            | 2                                     | .15                                    |
| 7 {S - S}          | 36/1.463          | 2                                     | .13                                    |
| e {S - S - S}      | 6/408             | 1                                     | .10                                    |
| <b>Total</b>       | 781/4.181         | 18                                    |                                        |

Fonte: Dados da pesquisa (2012).

Assim, em um primeiro momento, temos as categorias que favoreceram o cancelamento de marcas formais de plural, tratando-se assim, de estrutura do tipo: zeros levam a zeros. Como vemos:

a) S-Ø-Ø = .98

1. *Meus hábitoØ são muito diferenteØ, né...* (1MPFBKg5%jrv=).

b) S-Ø = .97

2. *Tem meus netinØ agora...* (0NPFBULg5ckoy).

c) Ø-S-Ø = .92

3. *E todo mundo achava bunitimØ os doceØ...* (0NPEAWIg5gjv?).

d) S-S-Ø = .90

4. *Desde os dois aninhoØ até os 90...* (0MPFBKg5cloz=).

e) Numeral-Ø = .92

5. *Eu passo três diaØ sem ir lá..* (0NPFBULh5bkoy).

E, também, temos os tipos de marcas que desfavorecem o cancelamento de plural, ou seja, pertencem à forma do tipo marcas levam a marcas:

f) S-S-S = .10

6. Cuidando dos meus filhos... Ela é muito boa... (1NPFBULg5dloz).

g) S-S = .13

7. Todos eram pessoas educadas, inclusive as meninas que trabalharam comigo... (1NPFBULg57juv).

h) Numeral-S = .15

8. Já têm uns vinte anos... Com certeza... (1NPFBULh5dloz).

Na língua, vemos as formas linguísticas parecidas caminharem juntas. Amaral (2003, p. 96) afirma que o *paralelismo formal* “*caracteriza-se como uma tendência à ocorrência em cadeia de marcas gramaticais que desempenhem papel similar*”. Assim, a mente humana funciona, de forma redundante, marcando todos os elementos e, também, de forma econômica, cancelando marcas, obedecendo à lei do menor esforço.

Scherre (1988, p. 233) afirma que “*uma vez marcada a 1ª posição do SN ou, em alguns casos, a segunda, o número de marcas seguintes é função da forma de processar a informação*”. As explicações sobre a variável marcas precedentes se relacionam com a posição linear. Vejamos as conclusões de Andrade (2003)<sup>34</sup>:

---

<sup>34</sup> Tanto Scherre (1988) como Andrade (2003) analisam a variável paralelismo formal, levando em conta posição por posição em um SN. Entretanto, nossa análise foi feita de forma com que observássemos o SN por inteiro, porém, não vimos alterações conceituais entre nossa pesquisa e das autoras. E, assim, para fins de comparações, buscamos adaptar nossa codificação à de Andrade (2003).

**Tabela 10 – Influência do Paralelismo na presença de marcas – Andrade 2003**

| Fatores                           | Posição de Análise | Aplicação | Total | % de presença de marca | PR  |
|-----------------------------------|--------------------|-----------|-------|------------------------|-----|
| Zero na 1ª posição                | 2                  | 27        | 31    | 87                     | .66 |
| Presença de marcas a partir da 1ª | 3,4                | 88        | 153   | 58                     | .61 |
| Numeral sem /s/                   | 2                  | 98        | 197   | 50                     | .60 |
| Numeral com /s/                   | 2                  | 83        | 180   | 46                     | .59 |
| Presença de marcas na 1ª          | 2                  | 545       | 1.225 | 44                     | .49 |
| Mistura de marcas                 | 3,4                | 28        | 75    | 37                     | .45 |
| Zero formal a partir da 1ª        | 3,4                | 5         | 55    | 9                      | .06 |
| <b>Total</b>                      | 2                  | 874       | 1.916 | 46                     |     |

Fonte: Adaptado de ANDRADE (2003, p. 87)

Assim, Andrade (2003) afirma que:

Marcas levam a marcas e zeros levam a zeros e também mais marcas de uma só natureza conduzem a mais marcas do que marcas de natureza distinta, evidenciando-se a força do paralelismo formal no processamento das unidades lingüísticas (ANDRADE, 2003, p. 105).

De acordo com os resultados da autora, o tipo de marca precedente que mais influencia na presença de marcas de plural seria o *zero na 1ª posição*, influenciando a marca na 2ª posição (.66): “*zero na 1ª posição: quando a 1ª posição não é marcada, há grande chance de ocorrer marcação na posição seguinte como nos exemplos: para educar certa CRIANÇAS, tem que se apanhar um pouco (1TUB7L7/8MBPRI), se lê leitura BÍBLICAS (17SBO0301FBGIN)*” (ANDRADE, 2003, p. 87).

Chamamos esse tipo de marca de Ø-S-Ø (mistura de marcas), e concordamos que o zero na 1ª posição influencia a marca na 2ª posição, pois se não marcarmos a 2ª, podemos perder a informação de plural. Entretanto, nossos resultados não compactuaram com os de Andrade (2003), uma vez que o estudo da autora mostrou que essa estrutura favorece a presença de marcas, tendo assim um caso em que “marcas levam a marcas”.

Nossos resultados indicam que temos mais zeros que levam a zeros, que marcas que levam a marcas, isso porque essa estrutura influenciou o cancelamento. Porém, apesar de mais zeros que marcas, concordamos com a autora, pois, se não houver marca em algum dos elementos, perde-se a informação de plural.

Assim, para nossa estrutura Ø-S-Ø, pautamos nossa explicação na afirmação de Andrade (2003, p. 105) “*marcas de uma só natureza conduzem a mais marcas do que marcas de natureza distinta, evidenciando-se a força do paralelismo formal no processamento das unidades linguísticas*”.

A presença de marcas a partir da 1ª posição influencia na presença de marcas nas 3ª e 4ª posições, com PR de .61: “*se a primeira e a segunda posições são marcadas a terceira e a quarta posições têm grandes chances de serem marcadas também (...) Todos os FINAIS de semana ele vai pra lá. (4TUB275FAGIN)*” (ANDRADE, 2003, p. 88). Concordando com a autora, nossos tipos de estrutura que confirmam essa afirmação seriam S-S-S e S-S, uma vez que formas gramaticais semelhantes tendem a acontecer juntas, ou seja, o falante opta por marcar de forma redundante o SN.

Nos resultados da autora a presença de marca na 1ª posição influencia no cancelamento de marca na 2ª, com PR de .49. Também vemos isso acontecer em nossas estruturas S-Ø e, pois, como vimos no capítulo 6, se a 1ª posição foi marcada as outras não têm necessidade de serem assinaladas, uma vez que a informação não é perdida. Da mesma forma como a estrutura Ø-S-Ø, em S-Ø, temos um caso de zeros levando a zeros, pelo fato dessa estrutura influenciar no cancelamento.

A mistura de marcas, com PR de .45, influenciou no cancelamento de marcas nas 3ª e 4ª posições, “*se há mistura de marcas de plural, baixa significativamente a marcação (...) Depois eu parei pra ajudar a mãe e o meus IRMÃO. (3TUB5MAPRI); Eu já digo pra minha filha, né?, tem que estudar, estudar, né? O meus FILHO, né? E aquele tempo não, já...(2TUB18L24/25FAPRI)*” (ANDRADE, 2003, p. 89). Isso foi visto em nossos resultados, na estrutura S-S-Ø. Ora, a informação já foi transmitida nas duas primeiras posições do SN, sendo desnecessária a marca na 3ª e demais posições. E, assim como nas estruturas Ø-S-Ø (que foi vista também como item de zero na 1ª posição) e S-Ø, em S-S-Ø, por influenciar no cancelamento, há mais zeros que levam a zeros. Temos que:

Zero formal a partir da 1ª posição: Quando há ocorrência da variante [ø] no item antecedente, o item analisado terá 09% de chance de ser marcado com plural, com um peso relativo muito baixo que é de 0,06. Comprovando o que já foi dito que zeros levam a zeros. Gosto de fazer umas caminhada BOA na praia. (10TUBFBCOL); Ficou duas filha, e duas filhinha PEQUENA. (20SBO0147MAGIN). (ANDRADE, 2003, p. 89).

Essa afirmação é corroborada pela nossa estrutura S-Ø-Ø. Esse tipo de SN pode ser explicado em função da classe gramatical e posição linear, pois as 2ª e 3ª posições têm mais

substantivos e adjetivos que, como vimos, são as classes que mais têm cancelamentos. Essa estrutura também é um caso em que há mais zeros levando a zeros, pois influenciou no cancelamento. E, como já dissemos, de acordo com Andrade (2003, p. 105) “*marcas de uma só natureza conduzem a mais marcas do que marcas de natureza distinta*”.

Com relação aos SNs com numerais, nossa codificação foi diferente de Andrade (2003), que trabalhou com numerais com marca formal –s (dois, dez, seis) e sem a marca formal –s (quatro, cinco). Pensamos que o falante não faz diferenciações desse tipo; o numeral indica pluralidade de qualquer forma, com ou sem marca fonética. Assim, em nossa análise, observamos se um SN com numeral influencia mais ou menos marcas formais de cancelamento nos elementos que o precedem e sucedem.

Quando há um numeral no SN, antecedendo ou sucedendo certa classe de palavra, ora tem mais cancelamento de marca, ora tem menos cancelamento. A mente humana funciona aqui ou de forma redundante ou usando a lei do menor esforço; isso acontece pelo fato de que os numerais possuem uma carga semântica que indica a pluralidade em si.

Assim, se há um numeral no SN, o elemento antecessor ou seguinte pode não ser marcado, pois o falante se garante pela pluralidade contida no numeral, como nos mostra o exemplo 5 desta seção. Entretanto, pode haver casos em que o falante concorde o elemento antecedente ou seguinte com o numeral, como foi visto no exemplo 8 acima; isso é a forma redundante.

Para refinar nossos resultados, amalgamamos alguns fatores. Primeiro, o grupo H, em que temos estruturas com quebra de marcas: S-Ø, S-Ø-Ø e Numeral-Ø. Segundo, temos o grupo I, composto de estruturas com mistura de marcas: S-S-Ø, Ø-S-Ø. Por fim, o grupo D, em que todos os elementos do SN foram marcados, como as formas S - S - S, S – S e Numeral – S. Vejamos os resultados na tabela abaixo:

**Tabela 11 - Fatores amalgamados/Paralelismo Formal**

| Paralelismo Formal       | Ocorrências/Total | % de cancelamento de marcas de plural | PR de Cancelamento de marcas de plural |
|--------------------------|-------------------|---------------------------------------|----------------------------------------|
| H {Estruturas quebradas} | 585/1.257         | 46                                    | .96                                    |
| I {Misturas de marcas}   | 130/249           | 52                                    | .95                                    |
| D {Estruturas marcadas}  | 66/2.675          | 2                                     | .14                                    |
| <b>Total</b>             | 781/4.181         | 18                                    |                                        |

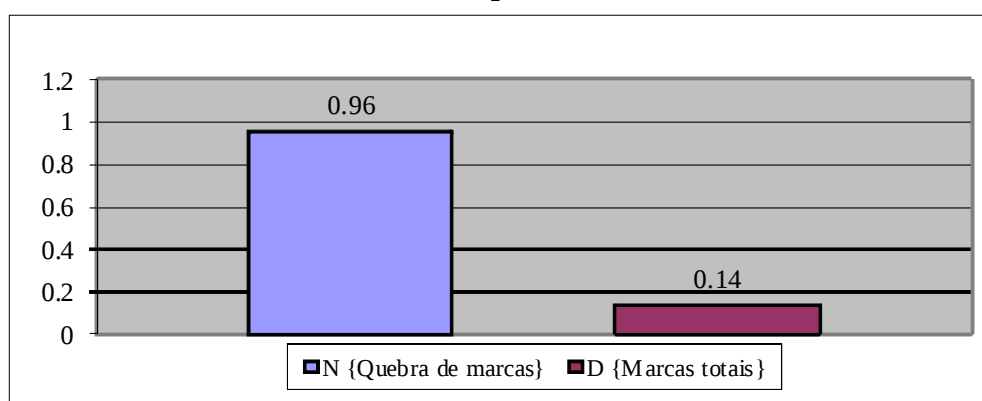
Fonte: Dados da pesquisa (2012).

Como vimos, o grupo D, denominado de estruturas marcadas, com PR de .14, inibe o cancelamento de marcas. O grupo I teve .95; já o grupo H, chamado de estrutura quebrada,

teve o PR de .96, favorece o cancelamento. Como podemos perceber, o que se delineou foi um sistema com marcas totais e outro sem marcas ou marcas parciais.

Assim, estabelecemos uma nova codificação, a última, que englobasse essa bipartição da variável *paralelismo formal*. Dessa forma, agrupamos as misturas de marcas e as estruturas quebradas, uma vez que ambas influenciavam no cancelamento, denominamos esse fator de *quebra de marcas*. Em contrapartida, temos as *marcas totais*, em que todos os elementos foram formalmente marcados. Vejamos o gráfico:

**Gráfico 12 - Marcas totais e quebra de marcas/Paralelismo Formal**



Fonte: Dados da pesquisa (2012).

O que observamos é que o grupo D, de marcas totais, teve o valor de .14, indicando que formas semelhantes acontecem juntas, ou seja, marcas + marcas = marcas totais. E o grupo N, de quebra de marcas, com o PR de .96, também indicou que formas semelhantes funcionam juntas, ou seja, novamente, como afirma Andrade (2003, p. 105) “*marcas de uma só natureza conduzem a mais marcas do que marcas de natureza distinta*”. Assim, quando há pelo menos um elemento não marcado, vai influenciar para que haja mais o cancelamento que a presença de marca,  $\text{marca} + \emptyset = \emptyset$ .

Nossos resultados confirmam a hipótese inicial de que “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros” e, ainda, nos zeros marca-se preferencialmente a 1ª posição.

## 7.6 Saliência Fônica

De acordo com a nossa hipótese inicial de que: “as formas mais salientes tendem a ter mais marcas, e as menos salientes tendem a ter menos marcas”, vejamos nossos resultados:

**Tabela 12 – Influência da Saliência Fônica no cancelamento de marcas**

| Saliência Fônica          | Ocorrências/Total | % de cancelamento de marcas de plural | PR de Cancelamento de marcas de plural |
|---------------------------|-------------------|---------------------------------------|----------------------------------------|
| 5 {Regular}               | 708/3.270         | 21                                    | .57                                    |
| Z {Duplo}                 | 6/30              | 20                                    | .31                                    |
| 3 {Terminado em -R}       | 18/93             | 19                                    | .29                                    |
| 6 {Regular em -ÃO}        | 10/46             | 21                                    | .37                                    |
| 4 {Terminado em -S}       | 19/641            | 2                                     | .21                                    |
| 2 {Terminado em -ÃO (ÕE)} | 11/46             | 23                                    | .26                                    |
| & {Terminado em -L}       | 9/55              | 16                                    | .47                                    |
| <b>Total</b>              | 781/4.181         | 18                                    |                                        |

Fonte: Dados da pesquisa (2012).

Conforme os resultados acima, o tipo de plural que mais favoreceu o cancelamento das marcas foi o regular, com o PR de .57, exemplo:

1. Bola maluca, ioiô, essas coisa... (0MOFCKg58koy=).

Todos os outros tipos de plural se mostraram desfavorecedores da regra de cancelamento. Assim, em uma ordem crescente, os tipos de plural que menos favorecem são:

- a) Terminados em -s = .21:

2. Ele repetiu três vezes a macarronada. (1NOEBTIh47jqv).
3. Na época tinha até aquele chiqueirinho nos ônibus né... (1MOFCKh47koy@).
4. Tipo na festa de quinze anos dela...ela tava com um tênis lindo! (1NOEBTIg47jqv).

- b) Terminados em -ão e -õe = .26:

5. Tô meio agarrado nas construção que tô terminando. (0MOFCKh28koy#).

c) Terminados em -r = .29:

6. As maiores de todas foi o surgimento de várias empresas. (1MPGBKh3ekoya).

d) Duplo com, .31:

7. Tinha uma empresa de jogos eletrônicos e tal... (1MPECJgZ7jov?).

e) Regulares em -ao = .37:

8. Quem sai são meus irmãos, e eles conhecem bastante gente...  
(1NPFCIg67koy!).

f) Terminados em -l = .47:

9. Por causa de tais acontecimentos... (1MOFCKg&7juv=).

O que vemos acontecer é que o plural regular se trata de uma forma menos complexa, recebendo menos marcas de plural. Já as formas mais salientes, o plural metafônico, as terminadas em consoantes (-r, -l, -s) e os ditongos (-ão, -õe, -ãe), por se tratarem de formas mais complexas, recebem mais marcas de plural.

Assim, entremos com um questionamento: pensamos que o princípio da saliência fônica é completamente antifuncional, uma vez que o plural não é formalmente marcado justamente onde ele mais precisaria ser indicado, ou seja, nos plurais regulares. Isso acontece, pois o tipo de plural (o regular) com menor complexidade precisaria de algo a mais para se expressar, no caso em questão, a marca formal -s; ao contrário, os tipos de plural com maior complexidade (em consoantes, plural metafônico e ditongos) não dependeriam deste -s, uma vez que a complexidade em si da formação do plural já indica pluralidade.

Podemos dizer que o cancelamento de marcas no plural regular obedece à lei do menor esforço, porém essa lei não abrange os outros tipos de plural. Tendo em vista as formações mais complexas, portanto mais salientes, que são os tipos de plural em consoantes, plural metafônico e ditongos, percebemos que a ausência de cancelamentos é mais em função de um processamento paralelo do que propriamente de um princípio da saliência fônica. Por exemplo, em:

10. Você tem que direcionar os seus *esforços*, pra aquilo que você quer...  
(1NPGAUKhZdloz).

Na palavra *esforços*, teríamos um tipo de processamento em que “marcas levam a marcas”, ou o plural metafônico “ó” leva a marca formal –s no final da palavra.

Comparemos nossos resultados com os Scherre (1988) e Andrade (2003), que analisaram a presença de marca:

**Tabela 13 – Saliência Fônica/Presença de marcas - RJ (1988) e TUB/SOB (2003)**

| Processo             | RJ<br>(1988) | TUB/SOB<br>(2003) |
|----------------------|--------------|-------------------|
| Duplo                | .86          | .27               |
| Terminado em -L      | .56          | .94               |
| Terminado em -ÃO(ÕE) | .42          | .47               |
| Terminado em -R      | .48          | .78               |
| Terminado em -S      | .38          | .46               |
| Regular              | .24          | .49               |
| Regular em -ÃO       | +            | .39               |

Fonte: Adaptado de SCHERRE (1988, p. 79) e ANDRADE (2003, p. 90).

+ - Fator não analisado pela autora.

Tanto Scherre (1988) como Andrade (2003) concluíram que as formas mais salientes tendem a fazer menos cancelamentos que as formas menos salientes. Entretanto, como podemos ver, os resultados obtidos por ambas, a princípio, não mostraram isso. Quando dissemos “a princípio” é porque as autoras buscaram explicar o que havia acontecido. Andrade (2003) afirma:

Alguns plurais irregulares favorecem mais a aplicação da regra que os plurais regulares, ou seja, como já havia sido concluído em trabalhos anteriores, formas mais salientes são mais perceptíveis e, por esse motivo, são mais marcadas. Porém, há dois casos no nosso estudo que contradizem esta conclusão: o primeiro caso seria o plural duplo (os jogos) que teve peso relativo muito baixo e depois foram os itens terminados em –ÃO com alterações silábicas, cujo peso relativo foi mais baixo que as formas menos salientes (ANDRADE, 2003, p. 105).

Como observamos, o plural regular em ambas as análises aparece como sendo o desfavorecedor da forma padrão de indicação de plural em um SN, sendo na cidade do Rio de Janeiro o plural que menos favoreceu a presença de marcas, com o valor de .24. Nas cidades de São Borja e Tubarão, tem-se o número .49, também desfavorecendo as marcas. Em nossa análise, temos o número de .56 para o plural regular, indicando que este influencia no cancelamento de marcas de plural.

Percebemos que, em todas as análises, o plural regular se comportou em função da lei do menor esforço. Na tradição gramatical do português, a formação do plural regular se faz apenas com o acréscimo do segmento –s ao final da palavra. Assim, a diferenciação do material fônico e morfológico na formação deste é pouco notada, o que nos permite, muitas vezes, omiti-lo, sem prejudicar o entendimento das palavras.

Agora, vejamos as formações de plurais mais complexas. Com relação ao plural duplo, esse aparece na análise de Scherre (1988) como sendo o mais favorecedor de marcas, com o PR de .86. Em Andrade (2003), esse tipo desfavorece a presença de marca, com o PR de .27. Nossos dados se assemelham aos de Scherre (1988), pois o plural duplo desfavorece o cancelamento de marcas. Como explicamos, o processamento paralelo nos plurais duplos mostrou que marcas levam a marcas. Contudo, Andrade (2003) argumenta que o plural duplo desfavorece a presença de marcas, uma vez que seu processo de formação de plural se faz como no plural regular, apenas acrescentando o segmento –s ao fim da palavra.

Porém, pensamos que não seja tão simples assim. Tomemos como exemplo a palavra ovo (singular) ovos (plural): além de acrescentar o /s/, temos também uma metafonía de /o/ para /□/, ou seja, temos duas modificações fonéticas e morfológicas. Assim, não seria apenas acrescentar o /s/, existe o envolvimento de outras mudanças que não podem ser ignoradas.

Pensamos que, no caso de Andrade (2003), os falantes têm privilegiado a forma de processamento paralelo em que “zeros levam a zeros”, ou seja, eles disseram coisas como: os ovo em vez de os □vos, os esforço em vez de os esf□rços.

Na análise de Andrade (2003), o tipo de plural que menos favoreceu o cancelamento de marcas formais foram os itens terminados em –L (.94). Em Scherre (1988), esse tipo também influencia na presença de marcas (.56). Nossos resultados compactuam com os das autoras. Aqui, o processamento paralelo acontece da forma “marcas levam a marcas”, ou seja, o falante diz *assuntos joviais*, *tais acontecimentos* etc, em que temos i + s.

Assim como Andrade (2003), também separamos o plural regular em -ÃOS, diferente de -ÕES e -ÃES em que se faz necessário modificar a vogal final. Os resultados da autora mostraram que esse é um tipo que desfavoreceu a presença de marcas (.39). Nossos resultados não se assemelham aos da autora. Ela afirma que, nos plurais regulares em -ÃO também se pluralizam, formalmente, apenas com um -s ao final da palavra.

Entretanto, pensamos que a explicação para esse caso, seria a de que o falante usa o processamento do tipo “zeros levam a zeros”, em que, por exemplo, os *irmãoo*, temos o

singular –ão + Ø; contudo, convém lembrar que a informação de plural só não é perdida porque a 1ª posição do SN foi marcada.

As palavras terminadas em –ÃE e –ÕE foram vistas enquanto desfavorecedoras de marcas de presença por Andrade (2003) e Scherre (1988), a primeira com valor de .47 e a segunda .42. Scherre (1988) acredita que o fato de os itens terminados em –ão serem “categorias flutuantes”, ou seja, em que a formação de plural não acontece de maneira uniforme (em –ães ou –ões ou –ãos), isso implicaria no comportamento deles na escala da saliência fônica. Andrade (2003) formula que os itens terminados em –ãe e –õe fazem o plural da mesma forma que os regulares (apesar de sofrerem alteração silábica), apenas acrescentando o –s, por isso, foram tratados como regulares.

Nossos dados se mostraram contrários aos das autoras. Acreditamos que por serem “categorias flutuantes”, eles se mostram um tanto inconstantes na escala de hierarquização, porém, discordamos da explicação de Andrade (2003), porque com a alteração silábica, a forma complexa já indica pluralidade, diferente dos plurais regulares em que não há forma complexa para se indicar o plural.

Os casos das autoras se explicariam levando em conta o processamento de que “zeros levam a zeros”, ou seja, elas teriam coisas como *as construçãoØ*, *os alemãoØ*, –ão + Ø, e a informação de plural contida na 1ª posição. Já nossos casos, são de “marcas levam a marcas”, ou seja, *as construções* (ou *construçãos*, ou *construçães*), em que há –ãe (–õe ou –ão) + s.

Para os itens terminados em –R, Scherre (1988) obteve o desfavorecimento da presença de marcas, com o total de .48. A autora supunha que havia uma hierarquia entre os itens terminados em –l, –r e –s, sendo aqueles terminados em –l mais parecidos com os terminados em –ão. Assim, para explicar o não favorecimento de presença de marca formal pelo plural em –R, a autora busca explicações usando as variáveis Tonicidade e Escolaridade.<sup>35</sup> Ao contrário, Andrade (2003) teve um favorecimento de presença de marca, com PR de .78.

Nossos dados se assemelham aos de Andrade (2003). O que ocorre em Scherre (1988) é que seus dados privilegiaram estruturas em que “zeros levam a zeros”, como em *as floroØ*, o singular –R + Ø, não perdendo a informação de plural por causa da 1ª posição marcada. Já os nossos casos e os de Andrade (2003) privilegiaram a forma “marcas levam a marcas”, *as flores*, re + s.

---

<sup>35</sup> Ver estudo em Scherre (1988, p. 64-141).

Com relação às palavras terminadas em –S, ambas as autoras tiveram um desfavorecimento de presenças de marcas; na cidade do Rio, o total foi de .38, e as cidades de São Borja e Tubarão tiveram .46. Nossos resultados se mostraram opostos aos das autoras. Esse tipo de plural foi o que menos favoreceu o cancelamento de marcas, pois tivemos expressões, como *os portugueses*, em que “marcas levam a marcas”, -s + es, diferentes das autoras que provavelmente tiveram formas, como *os português*, -s + Ø (zeros levam a zeros, e informação de plural na 1ª posição).

Vale ressaltar sobre palavras como lápis, ônibus, mais, menos. Nessas palavras, a característica de serem monomorfêmicas é o aspecto de forma complexa, assim, o processamento funciona sempre de maneira em que “marcas levam a marcas”. Com relação à classe gramatical dos numerais, os agrupamos nas palavras terminadas em –S, pois eles já carregam o traço de pluralidade, o qual seria uma forma complexa, fazendo com que “marcas levem a marcas”.

Na segunda rodada, amalgamamos os plurais terminados em –l, –r e –s, pois se tratam de consoantes e tiveram valores numéricos próximos. Também juntamos os plurais regulares em –ÃO e as formas terminadas em –ÃO e –ÕE, por serem ambas ditongos e terem valores semelhantes. Os plurais duplos ficaram isolados por conterem a característica da metafonia. Os regulares, como se fazem apenas com o acréscimo de –s e pelo fato de serem os únicos que tiveram o cancelamento de marcas, foram colocados sozinhos também. Vejamos a tabela a seguir:

**Tabela 14 - Fatores amalgamados/Saliência Fônica**

| Saliência Fônica | Ocorrências/Total | % de cancelamento de marcas de plural | PR de Cancelamento de marcas de plural |
|------------------|-------------------|---------------------------------------|----------------------------------------|
| 5 {Regular}      | 708/3.270         | 21                                    | .57                                    |
| Z {Duplo}        | 6/30              | 20                                    | .31                                    |
| C {Ditongos}     | 21/92             | 22                                    | .28                                    |
| B {Consoantes}   | 46/789            | 5                                     | .25                                    |
| <b>Total</b>     | 781/4.181         | 18                                    |                                        |

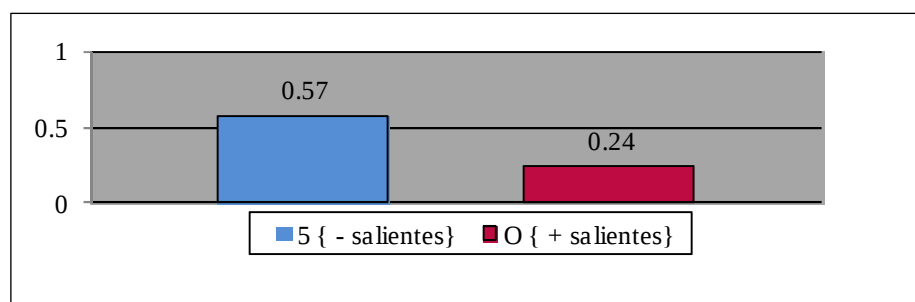
Fonte: Dados da pesquisa (2012).

Assim, os itens terminados em consoantes com o valor de .25, os itens terminados em ditongos com PR de .28 e os plurais duplos com valor de .31 ainda continuam a desfavorecer o cancelamento de marcas. Novamente, vemos que o não cancelamento nas formas complexas

acontece em função do processamento paralelo, em que “marcas levam a marcas”. Os plurais regulares, com PR de .57, são os únicos que continuam a favorecer o cancelamento de marcas, pois obedecem à lei do menor esforço.

O que podemos notar em nossos resultados, é uma dicotomia entre o plural regular (forma menos complexa) e os demais (formas complexas). E, como sabemos, os regulares são menos salientes que os outros. Assim, recodificamos, novamente, nossos dados. Observemos o gráfico a seguir:

**Gráfico 13 - Formas + salientes e – salientes**



Fonte: Dados da pesquisa (2012).

A dicotomia entre as formas + salientes com PR de .24 e – salientes com valor de .57 é verdadeira. Entretanto, não é porque seriam mais ou menos salientes, mas sim, pelo fato da variável processamento paralelo agir nas formas complexas e a lei do menor esforço atuar nas formas menos complexas, ou seja, no plural regular.

Dessa forma, com relação à hipótese inicial, apesar de ter sido corroborada por nossos resultados, acreditamos que ela não seja o melhor critério para analisar as construções de plural nas palavras do SN. A análise levando em conta o princípio da saliência fônica soa um tanto antifuncional, uma vez que seria preciso marcar formalmente o plural onde ele é menos marcado, na 1ª posição.

## 8 CONCLUSÕES

Nosso trabalho tinha como objetivo descrever e analisar o fenômeno da concordância nominal de número, na comunidade de fala da cidade de Belo Horizonte. Assim, para traçar o cenário linguístico e social que influenciaria no fenômeno em questão, pautamo-nos na Teoria da Variação Linguística Laboviana ou Sociolinguística Quantitativa.

Para isso, colhemos 33 entrevistas espontâneas com falantes que moram na cidade (naturais, ou residentes a partir de 5 anos). Foram extraídos 4.181 dados das entrevistas, os quais apresentaram um resultado de 18% (781 casos) de cancelamento de marca formal de plural no SN, e 81% (3.400 casos) de presença de marca.

Alguns trabalhos serviram de base para nossa pesquisa, como o de Faria (2008), Guy (1981), Labov (2008), Milroy (1987), Naro & Scherre (2007), Poplack (1980), sendo os principais o de Scherre (1988) e de Andrade (2003).

Concluimos que o cancelamento de marca formal de plural no SN na comunidade pesquisada sofre influências de fatores linguísticos e sociais. As variáveis linguísticas que influenciam no cancelamento de marcas são: posição linear, classe gramatical, saliência fônica, paralelismo formal. A variável social que influenciou foi a escolaridade.

A seguir, seguem as conclusões a que chegamos, depois de análises qualitativas e quantitativas dos dados coletados:

### 1 → Estilo de Fala:

Essa variável não foi selecionada pelo *Goldvarb 2001*, portanto, não pudemos verificar a hipótese inicial: “quanto maior o grau de informalidade, mais cancelamento de marca formal de plural; quanto maior o grau de formalidade, menos cancelamentos”.

### 2 → Sexo/gênero:

Esse grupo de fatores não foi selecionado como relevante pelo *Goldvarb 2001*, assim não pudemos verificar a hipótese inicial de que: “as mulheres usariam menos a variante não padrão que os homens, ou seja, elas usariam mais a forma padrão”.

### 3 → Escolaridade:

Nossos resultados se assemelham aos de Scherre (1988) e de Andrade (2003). Assim, a hipótese de que: “quanto maior o nível de escolaridade, menos haverá cancelamento de

marcas formais de plural, ao contrário, mais cancelamentos”, foi confirmada em nossos resultados.

O Ensino Superior desfavorece o cancelamento de marcas, ou seja, quanto maior o grau de instrução, teremos mais a forma padrão. O nível Médio se portou de maneira neutra; ora se mostra favorecedor de marcas, ora desfavorecedor. Já o Ensino Fundamental favoreceu o cancelamento de marca, ou seja, quanto menor o grau de escolaridade, obtivemos mais marcas de cancelamento.

#### 4 → Saliência Fônica:

Nossos resultados corroboraram com a hipótese inicial de que: “quando as formas são mais salientes tendem a ter menos cancelamento de marcas formais de plural que as menos salientes”. O plural regular, que é a forma menos saliente, teve mais cancelamentos; já os outros tipos de plural, que são formas mais salientes, não influenciaram no cancelamento de marca.

Encontramos semelhanças e divergências entre nossos resultados e os de Scherre (1988) e Andrade (2003), sendo:

Plural regular → semelhanças entre as análises → favorecedor da forma não padrão nas três pesquisas;

Plural duplo → divergências entre as análises → em Andrade (2003) ele é favorecedor da forma não padrão; em Scherre (1988) e em nossos resultados esse plural favorece a forma padrão;

Itens terminados em -L → semelhanças entre as análises → favorecedor da forma padrão em ambas as pesquisas;

Plural regular em -ÃO → divergências entre as análises → em Andrade (2003) esse plural é visto como favorecedor da forma não padrão, em nossos resultados, ele é visto como favorecedor da forma padrão;

Itens terminados em -ÃE e -ÕE → divergências entre as análises → Em Scherre (1988) e Andrade (2003) esse tipo de plural foi visto como favorecedor da forma não padrão, em nossos resultados ele atua como favorecedor da forma padrão;

Itens terminados em -R → divergências entre as análises → para Scherre (1988), esse tipo de plural favorece a forma não padrão, mas, para Andrade (2003) e em nossos resultados, esse plural favorece a forma padrão.

Palavras terminadas em -S → divergências entre as análises → Scherre (1988) e Andrade (2003) encontraram esse tipo de plural favorecendo a forma não padrão, nossos resultados se mostram opostos, indicando que esse tipo favorece a forma padrão.

Entretanto, como vimos, esses resultados têm mais a ver com o processamento paralelo e com a lei do menor esforço do que com o princípio da saliência fônica. Isso porque esse princípio é um tanto questionável, pois seu funcionamento atua de maneira antifuncional, uma vez que seria necessário marcar o plural onde ele menos recebe marcas, no tipo regular.

#### 5 → Paralelismo Formal:

Nossos resultados corroboram com a hipótese inicial de que “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros”. Assim, em estruturas como S-S-S, S-S, Numeral-S, temos marcas que levam a marcas; em estruturas como S-Ø e Numeral-Ø, Ø-S-Ø, S-S-Ø, S-Ø-Ø, temos zeros que levam a zeros; e marca-se preferencialmente a 1ª posição.

Adaptamos nossa codificação à de Andrade (2003) e tivemos os seguintes resultados:

Zero na 1ª posição ou Ø-S-Ø → esse tipo de marca atua como favorecedor da forma não padrão em ambas as análises, assim temos zeros levando a zeros;

Presença de marcas a partir da 1ª posição ou S-S-S e S-S → esse tipo de marca favorece a forma padrão em ambas as análises, assim, temos marcas que levam as marcas;

Presença de marca na 1ª posição ou S-Ø → favorece a forma não padrão, ou seja, temos zeros levando a zeros;

Mistura de marcas ou Ø-S-Ø, S-S-Ø, S-Ø-Ø → favorece a forma não padrão, em que zeros levam a zeros;

Os SNs que englobam numerais foram analisados de forma distinta à de Andrade (2003).

Numeral-Ø e Numeral-S → concluímos que quando há um SN com numeral, antecedendo ou sucedendo qualquer classe gramatical, ele tende ora a favorecer a forma padrão, ora favorecer a forma não padrão. Aqui o falante: (a) opta por marcar redundantemente o SN, ou (b) usa a lei do menor esforço, fazendo com que o teor semântico dos numerais sinalize a informação de plural no SN.

#### 6 → Classe Gramatical:

Corroboramos com a hipótese inicial de que: “os substantivos tendem a cancelar mais marcas formais de plural que as outras classes”. Assim, as classes gramaticais, substantivo e

categoria substantivada (nomes), tidas também como os núcleos do SN, colaboraram para a forma não padrão. Em seguida, o adjetivo também contribuiu para o cancelamento de marca. Os possessivos, numerais, indefinidos, artigos e demonstrativos (determinantes) desfavorecem a regra da forma não padrão.

De acordo com nossos resultados e os de Andrade (2003) tivemos semelhanças e divergências:

Substantivos → semelhanças entre as análises → eles foram a 2ª classe gramatical que mais favoreceu a forma não padrão em Andrade (2003), em nossos resultados, os substantivos foram os primeiros a favorecer a forma não padrão. Entretanto, como vimos, em ambas as análises os substantivos favorecem a forma não padrão pelo fato de ocorrerem em posições finais, que recebem menos marcas;

Adjetivos → semelhanças entre as análises → os adjetivos foram os primeiros a favorecerem a forma não padrão na análise de Andrade (2003), sendo que essa classe foi a 3ª favorecedora da forma não padrão em nossa pesquisa. Porém, assim como os substantivos, os adjetivos também acontecem mais em posições finais, exibindo menos marcas;

Categoria substantivada → divergências entre as análises → essa classe favoreceu a forma padrão nos resultados de Andrade (2003), uma vez que ela encontrou essa classe com maior incidência na 1ª posição. Entretanto, em nossa pesquisa, a categoria substantivada foi a 2ª classe que mais favoreceu a forma não padrão, isso se explica pelo fato da semelhança funcional entre as classes do substantivo e da categoria substantivada, e também, porque em nossos dados, essa classe ocupou mais a 2ª posição;

Possessivos → divergências entre as análises → essa classe favoreceu a forma não padrão nos resultados de Andrade (2003), entretanto, em nossa análise ela atuou como favorecedora da forma padrão. Isso é explicado pelo fato da autora encontrar essa classe ocupando mais a 2ª posição (posição em que, como já foi visto, há uma queda de marcas);

Indefinidos → semelhanças entre as análises → em ambas as análises, os indefinidos favoreceram a forma padrão, o que se explica também pela posição que ocupam (posição inicial).

Artigos/demonstrativos → semelhanças entre as análises → o comportamento dessa classe se assemelha à dos indefinidos em ambas as análises.

Numerais → favorecem a forma padrão.

O que percebemos é que toda classe gramatical não ocupando a 1ª posição do SN, tende a favorecer mais o cancelamento de marcas formais de plural, enquanto as classes que ocupam mais a 1ª posição tendem a inibir o cancelamento.

#### 7 → Posição Linear:

Nossos resultados corroboraram com a hipótese inicial de que: “a 1ª posição tende a cancelar menos marcas de plural, enquanto as outras cancelam mais”. Parece-nos haver até mesmo uma oposição entre a 1ª e demais posições; essa oposição pode ser explicada pela lei do menor esforço. Assim, se o falante marca a 1ª posição do SN, já é suficiente para indicar a informação de plural. Ao contrário, se ele marcasse o plural em todos os elementos do SN, teríamos uma situação redundante que acontece em oposição ao menor esforço.

#### 8 → Amálgama de Posição Linear e Classe Gramatical:

Podemos concluir que as variáveis classe e posição exibem efeitos paralelos. Porém, a variável posição linear funciona sem precisar da variável classe gramatical, em contrário, esta última acontece em função da posição que ocupa. E, quando as classes gramaticais ocupam a 1ª posição, sofrem menos cancelamentos; já quando se localizam nas 2ª e 3ª posições, tendem a ter mais cancelamentos, o que confirma o que já dissemos, que existe uma oposição entre a 1ª e demais posições.

#### 9 → Relação com o núcleo do SN:

Como vimos, a variável relação com o núcleo foi excluída pelo *Goldvarb 2001*. Assim, não foi possível verificar a hipótese inicial: “qualquer classe gramatical anteposta ou posposta ao núcleo do SN vai receber mais cancelamento de marca”.

#### 10 → Contexto Fonético Seguinte:

O programa *Goldvarb 2001* não selecionou essa variável. Assim, não verificamos a hipótese inicial: “levando em conta o padrão silábico CV do português, as consoantes favoreceriam o cancelamento e as vogais o desfavoreceriam”.

#### 11 → Segmento do Contexto Seguinte:

O contexto seguinte ao elemento analisado, em termos dos segmentos fônicos, labiais, dentais, palatais, nasais, velares, vogal alta, vogal baixa e vogal média, não influenciou em

nossa pesquisa, pois, o programa *Goldvarb 2001* não selecionou essa variável. Por isso, não pudemos verificar a hipótese de que “as consoantes velares cancelam mais marcas”.

12 → Classe Social:

O programa *Goldvarb 2001* não selecionou essa variável. Assim, não verificamos a hipótese inicial de que “os estratos socioeconômicos mais privilegiados usam mais a forma padrão e, por isso, fazem menos cancelamento de marca; já os estratos menos privilegiados fazem mais o uso da forma não padrão”.

13 → Faixa Etária:

Essa variável não foi relevante, pois o *Goldvarb 2001* não a selecionou. Assim, não pudemos verificar a hipótese inicial de que “os jovens exibem mais formas linguísticas inovadoras (não padrão), por isso favoreceriam a regra de cancelamento de marcas formais de plural nos elementos do SN. Ao contrário dessa situação, temos as pessoas mais velhas, usando formas mais conservadoras (forma padrão), e portanto, fazendo menos cancelamento”.

14 → Regionais da Cidade:

O programa *Goldvarb 2001* não selecionou essa variável. Assim, a hipótese inicial de que “os moradores das regionais mais antigas fazem menos cancelamentos do que os falantes moradores das regionais mais recentes”, não pode ser verificada.

15 → No capítulo 3, colocamos a questão se a não concordância nominal de número seria um fenômeno em mudança. Seria?

A resposta é não. A forma de cancelamento de marcas formais de plural no SN não tem valor significativo que corresponda à possível mudança no sistema do português da cidade de Belo Horizonte. A faixa etária, que seria um exemplo de observação de mudança, nem mesmo foi selecionada pelo *Goldvarb 2001*.

16 → Considerações finais:

Concluimos que o fenômeno da concordância nominal de número no português falado na cidade de Belo Horizonte é um fenômeno variável, e que a presença de marcas formais de plural ou a forma padrão predomina. Assim, o fenômeno estudado não representa uma estigmatização da língua.

Enfim, o presente trabalho buscou contribuir para os estudos sociolinguísticos do Brasil. Para isso, identificamos, descrevemos e analisamos os fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam a ocorrência das variantes, presença de marca formal de plural e ausência de marca, na cidade de Belo Horizonte.

Além disso, de forma bastante sutil, tentamos mostrar que é necessário rever alguns “pré-conceitos” que rondam o ensino do PB no Brasil. O que existe são diferenças no uso da língua, chamadas de variáveis linguísticas.

Entretanto, as diferenças linguísticas não são vistas como variantes da língua, mas sim, elas são usadas como fonte de divisão e exclusão social. Isso acontece pelo fato de a língua ser o espelho da comunidade que a usa, possibilitando um retrato da desigualdade da sociedade brasileira.

Apesar de atestarmos um maior prestígio que estigma no fenômeno da concordância nominal de número, na comunidade pesquisada, a forma não padrão ainda é menos valorizada socialmente. Assim, esperamos ter deixado claro, que o fenômeno de cancelamento de marca no SN se trata de uma variável linguística, e não um “erro” como vem sendo tratada em nosso meio social



## REFERÊNCIAS

AMARAL, Luís. **A Concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas e suas implicações linguísticas e sociais**. 2003. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

ANDRADE, Leila Minatti. **Rupturas e contínuos da concordância nominal de número em textos orais de informantes em Tubarão (Sc) e São Borja (Rs)**. 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão.

ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira. Língua falada e língua escrita: como se expressa a construção textual. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC. 1997, São Paulo **Anais...** São Paulo. Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Disponível em <<http://www.fflch.usp.br/dlcvlport/pdf/maluv013.pdf>>, acesso em 09 jan 2012.

BARROS, Enéas Martins de. **Nova gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Atlas, 1985.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 30. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1986.

BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. **População total de Belo Horizonte**. Área, população e densidade demográfica (Municípios da Região Metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais e Brasil) - 1950/1960/1970/1980/1991/1996/2000/2010 - Fonte: IBGE (Tipo: Tabela .XLS - 31 KB), disponível em <[http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=estatisticaseindicadores&tax=26720&lang=pt\\_BR&pg=7742&taxp=0&.>](http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=estatisticaseindicadores&tax=26720&lang=pt_BR&pg=7742&taxp=0&.>)>, acessado em 10 out 2010.

BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. **Faixa etária/Belo Horizonte**. População de 10 anos ou mais de idade, responsáveis pelos domicílios particulares, total e cônjuges, por grupos de idade - 2010 - Fonte: IBGE - Censo Demográfico (Tipo: Tabela .XLS - 17 KB), disponível em <[http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=estatisticaseindicadores&tax=26720&lang=pt\\_BR&pg=7742&taxp=0&.>](http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=estatisticaseindicadores&tax=26720&lang=pt_BR&pg=7742&taxp=0&.>)>, acessado em 10 out 2010.

BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. **Sexo/Belo Horizonte**. População residente por sexo, faixa etária e Pirâmides Etárias - 2000 - 2010 - Fonte: IBGE - Censo Demográfico (Tipo: Tabela .XLS - 59 KB), disponível em <[http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=estatisticaseindicadores&tax=26720&lang=pt\\_BR&pg=7742&taxp=0&.>](http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=estatisticaseindicadores&tax=26720&lang=pt_BR&pg=7742&taxp=0&.>)>, acessado em 10 out 2010.

BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. **Regionais/Belo Horizonte**. Densidade Demográfica por Região Administrativa - 2010 - Fonte: IBGE - Censo Demográfico (Tipo: Tabela .XLS - 27 KB) disponível em <[http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=estatisticaseindicadores&tax=26720&lang=pt\\_BR&pg=7742&taxp=0&.>](http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=estatisticaseindicadores&tax=26720&lang=pt_BR&pg=7742&taxp=0&.>)>, acessado em 10 out 2010.

BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. **População total/Belo Horizonte**. População residente por Região Administrativa - 1991/2000/2010 - Fonte: IBGE - Censo Demográfico

(Tipo: Tabela .XLS - 17 KB) disponível em <[http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=estatisticaseindicadores&tax=26720&lang=pt\\_BR&pg=7742&taxp=0&](http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=estatisticaseindicadores&tax=26720&lang=pt_BR&pg=7742&taxp=0&)>, acessado em 10 out 2010.

BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. **Sexo/Belo Horizonte**. População residente total, homens e mulheres e Região Administrativa - 2010 - Fonte: IBGE - Censo Demográfico (Tipo: Tabela .XLS - 27 KB) disponível em <[http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=estatisticaseindicadores&tax=26720&lang=pt\\_BR&pg=7742&taxp=0&](http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=estatisticaseindicadores&tax=26720&lang=pt_BR&pg=7742&taxp=0&)>, acessado em 10 out 2010.

BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. **Bairros/Belo Horizonte**. População residente por tipo de domicílio e Região Administrativa - 2010 - Fonte: IBGE - Censo Demográfico (Tipo: Tabela.XLS-22KB) disponível em <[http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=estatisticaseindicadores&tax=26720&lang=pt\\_BR&pg=7742&taxp=0&](http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=estatisticaseindicadores&tax=26720&lang=pt_BR&pg=7742&taxp=0&)>, acessado em 10 out 2010.

BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. **Faixa etária/sexo/Belo Horizonte**. População residente total, homens e mulheres por faixa etária e Região Administrativa - 2010 - Fonte: IBGE - Censo Demográfico (Tipo: Tabela .XLS - 40 KB) disponível em <[http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=estatisticaseindicadores&tax=26720&lang=pt\\_BR&pg=7742&taxp=0&](http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=estatisticaseindicadores&tax=26720&lang=pt_BR&pg=7742&taxp=0&)>, acessado em 10 out 2010.

BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. **Escolaridade/Belo Horizonte**. Pessoas de 5 anos ou mais de idade, total e as alfabetizadas, por grupos de idade - 2010 - Fonte: IBGE - Censo Demográfico (Tipo: Tabela .xls - 18 KB) disponível em <[http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=estatisticaseindicadores&tax=26720&lang=pt\\_BR&pg=7742&taxp=0&](http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=estatisticaseindicadores&tax=26720&lang=pt_BR&pg=7742&taxp=0&)>, acessado em 10 out 2010.

BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. **Mapa das regionais administrativas**. Disponível em <[http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=estatisticaseindicadores&tax=20381&lang=pt\\_BR&pg=7742&taxp=0&](http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=estatisticaseindicadores&tax=20381&lang=pt_BR&pg=7742&taxp=0&)>, acessado em 08 de Nov 2011.

BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. **As montanhas de Minas envolvidas pela arte contemporânea**. Disponível em <<http://www.belo Horizonte.mg.gov.br/en/node/22209>>, acessado em 10 de jun 2011.

BONVINI, Emilio. Línguas africanas e português falado no Brasil. In: FIORIN, José Luiz; PETTER, Margarida (Org.): **África no Brasil**: a formação da língua portuguesa, São Paulo: Contexto, 2008. p. 15-62.

BOURDIEU, Pierre. L'économie des échanges linguistiques. Traduzido por Paula Montero. **Langue Française**, 34 ed., Paris, 1977.

BRAGA, Maria Luiza; SCHERRE, Maria Marta Pereira. A concordância de número no SN na área urbana do Rio de Janeiro. In: ENCONTRO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA, 1, 1976, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: PUC, 1976. p. 464-77.

BRAGA, Maria Luiza. **A concordância de número no sintagma nominal no triângulo mineiro**. 1977. Dissertação (Mestrado em Letras), Rio de Janeiro, PUC.

BRITO, Fausto; SOUZA, Joseane de. Expansão urbana nas grandes metrópoles, o significado das migrações intrametropolitanas e da mobilidade pendular na reprodução da pobreza. **São Paulo Perspectiva**. São Paulo, v. 19. n. 4, Oct/Dec, 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392005000400003&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392005000400003&script=sci_arttext)>. Acesso em: 14 jan. 2012.

CAMACHO, Roberto Gomes. O caráter formalmente complexo das nominalizações. **Revista Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 1, p. 177-192, 2008.

CÂMARA, Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 29. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987, p. 368-375.

CHAMBERS, Jack K. **Sociolinguistic Theory: Linguistic Variation and its Social Significance**. Pennsylvania: Blackwell Publishers, 2002.

CHIARA, Márcia. 31 milhões subiram de classe social em 2010, formato da distribuição de renda deixa de ser uma pirâmide e se torna um losango. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 23 de março de 2011. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,31-milhoes-subiram-de-classe-social-em-2010,695881,0.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2012.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da filosofia: história e grandes temas**. 15. ed. São Paulo: Saraiva, 2000.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **A nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2007.

CUNHA, Maria Angélica Furtado. O modelo das motivações competidoras no domínio funcional da negação. **DELTA**, São Paulo, v.17 n. 1, 2001. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44502001000100001>>. Acesso em: 17 jan. 2012.

ECKERT, Penelope. (ay) goes to the city: exploring the expressive use of variation. In: GREGORY, Guy et al (Ed). **Towards a social science of language: papers in honor of William Labov**. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1996.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2005.

FARACO, Carlos Alberto. Língua portuguesa: um breve olhar sobre sua história. **Salto para o Futuro**, Brasília, Ano 18, n. 8, maio de 2008. Disponível em: <[http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/164032Port\\_ling.pdf](http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/164032Port_ling.pdf)>. Acesso em: 23 mar. 2012.

FARIA, Nicolle Veronick Moreira de. **A concordância verbal no português de Belo Horizonte**. 2008. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. Belo Horizonte.

GARCIA, Ricardo Alexandrino; LOBO, Carlos Fernando Ferreira. Dinâmica demográfica urbana: crescimento populacional e saldo migratório das áreas de ponderação de Belo Horizonte. In: V ENCONTRO NACIONAL SOBRE MIGRAÇÕES CAMPINAS, 2007, Campinas/SP, **Anais...** Campinas/SP, Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 2007.

GOOGLE EARTH. **Fotografia de satélite:** vista panorâmica da cidade de Belo Horizonte. Belo Horizonte, 2012.

GUY, Gregory Riordan. **Linguistic variation in Brazilian Portuguese:** aspects of phonology, syntax and language history. 1981. Ph.D. Dissertation - University of Pennsylvania.

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa- instrumental de análise.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HADDAD, Fernando. Trabalho e classes sociais. **Revista Tempo Social.** São Paulo. 1997, p. 97-123. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial/site/images/stories/edicoes/v092/trabalho.pdf>>. Acesso em: 20 mai 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010 da cidade de Belo Horizonte.** Belo Horizonte, IBGE, 2011 Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/link.php?uf=mg>> Acesso em junho de 2011.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente:** a língua que estudamos, a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2006.

LABOV, William. **Padrões sociolingüísticos.** Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LAWRENCE, Helen; ROBINSON, John; TAGLIAMONTE, Sali. **A multivariate analysis application for windows.** 2001. Disponível em: <<file:///D:/Instalar/VARBRUL/GOLDVARB%202001%20Users'%20Manual.htm>>. Acesso em 01 nov. 2011.

LUCCHESI, Dante. Parâmetros Sociolinguísticos do Português Brasileiro. **Revista Abralín,** v.5, n. 1-2, p. 83-112, dez. 2006.

LUCCHESI, Dante. A diversidade e a desigualdade linguística no Brasil. **Salto para o Futuro,** Brasília, Ano 18, n. 8, maio de 2008. Disponível em: <[http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/164032Port\\_ling.pdf](http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/164032Port_ling.pdf)>. Acesso em: 23 mar. 2012.

LUCCHESI, Dante; ARAÚJO, Silvana, S. **A sociolinguística variacionista:** fundamentos teóricos e metodológicos. Salvador, 2011. Disponível em: <<http://www.vertentes.ufba.br/socio.htm>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2011.

MACEDO, Alzira. V. T. Linguagem e contexto. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística:** o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2010.

MARTINET, André. **A functional view of language**. London: Oxford University Press, 1962.

MEYERHOFF, Miriam. **Introducing sociolinguistic**. New York: Routledge, 2006.

MILROY, Leslie. **Language and social networks**. 2. ed. Oxford: Blackwell, 1987.

MILROY, Leslie; GORDON, Matthew. **Sociolinguistic: method and interpretation**. Oxford: Blackwell, 2003.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2010.

MONTEIRO, José Lemos. **Para Compreender Labov**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MURPHY, Raymond. **English Grammar Use**. 3. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2010.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta. Mudança sem mudança: a concordância de número no português brasileiro. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 107-129, 1º sem. 2006.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Origens do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

NAVARRO, Ana Maria Mattos. **Contribuições da sociolinguística para o tratamento didático da variação linguística na escola**. Curitiba: Ed. da UEL, 2007.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades. **Cadernos de pesquisas em administração**, São Paulo, 1 v., 3 ed., 1996. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/c03-art06.pdf>>. Acesso em: 14 out 2010.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. Resíduos históricos como um caso de variação sincrônica. **Ensaio de Linguística**, v. 9, n.1, p. 230-245, 1983.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. Variável Linguística: conceituação, problemas de descrição gramatical e implicações para a construção de uma teoria gramatical. **Revista DELTA**. São Paulo: Ed. da PUC, 1987, p. 19-34.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. Aspectos da Difusão Lexical. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 1, n.1, p. 31-41, 1992.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. **Descrição sócio-histórica do português de Belo Horizonte**. 2004. Projeto de pesquisa- Pontifícia Universidade de Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte,

OLIVEIRA, Marco Antônio de. Nem tudo que reluz é ouro: língua escrita e mudança linguística. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 8, n. 16, p. 165-175, 2005.

ORLANDI, Eni; GUIMARÃES, Eduardo. Apresentação e Formação de um Espaço de Produção Linguística: A Gramática no Brasil. In: ORLANDI, Eni. (Org.). **História das ideias linguísticas**: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional. Campinas: Pontes, 2001.

PAIVA, Maria da Conceição de; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Retrospectiva sociolinguística: contribuições do PEUL. **DELTA**, São Paulo, 15 v., 1999.

PAIVA, Maria. C.; SILVA, Gilvan. M. O. A visão de conjunto das variáveis sociais. In: SILVA, Gilvan. M. O.; SCHERRE, Maria. M. P. **Padrões sociolinguísticos**: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998. p. 335-378.

POPLACK. Shana. **Deletion and disambiguation in Puerto Rican Spanish**. 1980. Disponível em: <<http://www.sociolinguistics.uottawa.ca/shanapoplack/pubs/allpubs.html#>>. Acesso em: 12 out 2011.

PREACHER, Kristopher. **Calculation for the chi-square test**: an interactive calculation tool for chi-square tests of goodness of fit and independence. Disponível em: <<http://quantpsy.org>>. Acessado em: 16 mar 2012.

QUADROS, Waldir José. **A evolução recente das classes sociais no Brasil**. Campinas, outubro de 2002. Disponível em: <<http://www.nudes.ufu.br/disciplinas/arquivos/Distribuicao%20de%20RendaWaldirQuadros.pdf>>. Acesso em: 13 abr 2012.

RIBEIRO, Raphael Rajão. **Histórias de bairros [de] Belo Horizonte**: regional da Pampulha. Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <[http://gestaocompartilhada.pbh.gov.br/sites/gestaocompartilhada.pbh.gov.br/files/biblioteca/arquivos/historias\\_de\\_bairros\\_-\\_pampulha.pdf](http://gestaocompartilhada.pbh.gov.br/sites/gestaocompartilhada.pbh.gov.br/files/biblioteca/arquivos/historias_de_bairros_-_pampulha.pdf)>. Acesso em: 16 jan 2012

RICARDO, Stella Maris Bortoni. **Educação em língua materna**: a Sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

RICARDO, Stella Maris Bortoni. A diversidade linguística do Brasil e a escola. **Salto para o Futuro**, Brasília, Ano 18, n. 8, maio de 2008. Disponível em: <[http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/164032Port\\_ling.pdf](http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/164032Port_ling.pdf)>. Acesso em: 23 mar. 2012.

RIGOTTI, José I. R. Variáveis de educação dos censos demográficos brasileiros de 1960. In: RIOS NETO, Eduardo Luís Gonçalves; RIANI, Juliana de Lucena Ruas. (Org.). **Introdução à demografia da educação**. Campinas: ABEP, 2004. v. 1, p. 129-142.

ROCHA, Fernanda da Cunha Faria. **A alternância nos pronomes pessoais e possessivos do Português de Belo Horizonte**. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belo Horizonte.

RONCARATI, Cláudia. Prestígio e preconceito linguísticos. **Cadernos de Letras da UFF**. Rio de Janeiro, 2008, n. 36, p. 45-56. Disponível em: <<http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/36/artigo2.pdf>> Acesso em: 05 jan. 2012.

SANKOFF, David. Problems of method III: recording and describing data. In: AMMON, Ulrich, DITTMAR, Norbert; MATTHEIER, Klaus (eds). **Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society**. 2 v., Berlin: Walter de Gruyter, 1987.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Reanálise da concordância nominal em português**. 1988. Tese (Doutorado em Letras/Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Pós-Graduação em Letras/Linguística, Rio de Janeiro.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 147-178.

SILVA, Giselle Machline de Oliveira; SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

SILVA, Giselle Machline Oliveira. Coleta de dados. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2010. p.117-134.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos. **Diversidade e unidade: a aventura linguística do português**. Lisboa: Instituto Camões de Portugal, 2002.

SILVA, Vera Lúcia Paredes da. Relevância das variáveis linguísticas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 67-72.

SITYA, Celestina Vitória Moraes. **A linguística textual e a análise do discurso**. Frederico Westphalen (RS): Ed. da URI, 1995.

SOUZA, João Batista de. **Bairros de BH**. Belo Horizonte. Disponível em: <<http://www.bairrosdebh.xpg.com.br>>. Acesso em: 03 jul. 2011.

TAGLIAMONTE, Sali. **Analyzing sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

TARALLO, Fernando. **Tempos linguísticos: itinerário histórico da língua portuguesa**. São Paulo: Ática, 1990.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2006.

TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa**. (Trad. de C. F. da Cunha). Lisboa, Sá da Costa, 1982.

TOURAINÉ, Alain. Las clases sociales. In: TOURAINÉ, Alain. **Las clases sociales en América Latina**: problemas de conceptualización. México City: Siglo Veintiuno, 1974.

VOTRE, Josué Sebastião. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2010. p. 51-58.

ZILLES, Ana Maria. Variação no português falado e escrito no Brasil. **Salto para o Futuro**, Brasília, Ano 18, n. 8, maio de 2008. Disponível em: <[http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/164032Port\\_ling.pdf](http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/164032Port_ling.pdf)>. Acesso em: 23 mar. 2012.